

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Isadora Lins Porto Dantas Brunner

Considerações sobre a *devastação* mãe-filha: elementos para
uma clínica da adolescência feminina

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

SÃO PAULO

2008

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Isadora Lins Porto Dantas Brunner

Considerações sobre a *devastação* mãe-filha: elementos para
uma clínica da adolescência feminina

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Clínica, sob orientação do Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck.

SÃO PAULO
2008

Banca Examinadora

*À minha querida Náyra.
É um privilégio tê-la como mãe.*

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck, pela especial acolhida e pelo voto de confiança, imprescindíveis para que este trabalho – para mim tão significativo – tenha podido se tornar realidade.

A Elisabeth Saporiti pelo apoio para que eu persistisse em seguir na trilha do meu desejo.

A Mário Eduardo Costa Pereira e Caterina Koltai pelas importantes contribuições feitas à pesquisa por ocasião do exame de qualificação.

Aos colegas do Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo pelas trocas, amizade e ricas discussões.

Aos colegas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo pela amizade, pelo “compartilhar” e pela solidariedade, assim como pelas boas risadas. Também pelas contribuições feitas à pesquisa.

Às crianças e adolescentes que confiaram à minha escuta o relato de suas histórias.

Ao meu querido marido Renato, companheiro de todos os momentos, dos mais difíceis aos mais alegres e cheios de esperança.

Aos meus pais Carlos e Náyra, pelo estímulo intelectual aliado ao calor vindo de um verdadeiro lar. E à minha sempre irmã Tirzhá, inspiradora na sua coragem.

A todos os familiares e amigos que, de alguma forma, longe ou perto, concreta ou em pensamento, deram-me força nesta empreitada.

RESUMO

BRUNNER, Isadora L. P. Dantas. *Considerações sobre a devastação mãe-filha: elementos para uma clínica da adolescência feminina*. São Paulo, 2008. 142p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Este trabalho trata da questão da *devastação* mãe-filha. Procura-se aprofundar o que vem a ser a *devastação*, entendida, em princípio, como o “malogro” da filha em aceder à feminilidade devido a obstáculos vividos na relação com a mãe. Foi a partir de atendimentos com meninas na adolescência que surgiu a idéia de investigar tal questão de forma mais atenta. Assim sendo, esta pesquisa vale-se de uma obra do cinema contemporâneo a fim de aproveitar os recursos dessa arte condensadora de vivências. Com o propósito de articular a problemática da *devastação* com o que Freud chamou de “civilização”, e Lacan, de “discursos”, ou seja, a uma economia dos gozos aceitos ou prescritos do laço social, esta investigação considera aspectos relativos tanto ao contexto do capitalismo de produção da época de Freud como, especialmente, ao capitalismo tardio ou capitalismo de consumo da atualidade. Elaboram-se também, questões relacionadas à adolescência que, pela sua turbulência, apresenta-se como um momento privilegiado para a ocorrência da *devastação*. Como conclusão, desenvolve-se a idéia de que, na trajetória de cada mulher constituir-se como única, ao identificar-se e, ao mesmo tempo, ao separar-se de sua mãe, não encontrando um significante que diga *A Mulher*, a *devastação* apresenta-se como uma contingência que pode tornar-se real ou não acontecer. Porém, quando se efetiva implica um sofrimento tal para o sujeito ao qual a clínica não pode ficar indiferente.

Palavras-chave: devastação, mãe-filha, feminilidade, adolescência, discursos, contemporaneidade.

ABSTRACT

BRUNNER, Isadora L. P. Dantas. *Considerations about the mother-daughter devastation: elements to a female adolescence clinical practice*. São Paulo, 2008. 142p. Master Degree Dissertation (Psychology Department). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

This work deals with the question of the mother-daughter *devastation*. It intends to go deeper into what comes to be *devastation*, understood, at first, as the “failure” of the daughter in acceding to femininity owing to lived obstacles in the relation with her mother. From seeing girls in adolescence, it appeared the idea to investigate such question in a more attentive way. Thus, this research uses a work of the contemporaneous cinema in order to take advantage of the resources of this condenser of living art. With the purpose of articulating the problematic of *devastation* to what Freud called “civilization” and Lacan, “discourses”, that is, to an economy of the accepted or prescripted jouissances of the social bond, this investigation considers aspects related to both the capitalism of production in Freud’s time and specially, the late capitalism or current capitalism of consume. It also elaborates questions related to adolescence which, due to its turbulence, is presented as a privileged moment to the *devastation* occurrence. In conclusion, it develops the idea which, in each woman’s trajectory to her own constitution as unique, to identify herself and, at the same time, to get separated from her mother, not finding a signifier that says *The Woman*, the *devastation* is presented as a contingency that can become real or not happens. However, when it takes place, it implies a suffering to the subject to whom the clinic can’t stay indifferent.

Key-words: devastation, mother-daughter, femininity, adolescence, discourses, contemporaneousness.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 – O SINTOMA NO CONTEXTO SOCIOCULTURAL FREUDIANO E NA ATUALIDADE	10
CAPÍTULO 2 – A ADOLESCÊNCIA E A REATUALIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁDIO DO ESPELHO	30
CAPÍTULO 3 – A CONSTITUIÇÃO PSICOSSEXUAL FEMININA NA PERSPECTIVA DA TEORIA FREUDIANA	48
CAPÍTULO 4 – A <i>DEVASTAÇÃO</i> : A RELAÇÃO MÃE-FILHA EM QUESTÃO	72
CAPÍTULO 5 – O FILME “AOS TREZE”: ELEMENTOS PARA UMA REFLEXÃO SOBRE A <i>DEVASTAÇÃO</i>	94
CONCLUSÃO – A <i>DEVASTAÇÃO</i> MÃE-FILHA E A CLÍNICA.....	122
REFERÊNCIAS	136

INTRODUÇÃO

A proposta desta pesquisa é tratar a questão da relação mãe-filha, do ponto de vista da filha, numa aproximação psicanalítica que considera tanto a parte teórica como a própria clínica.

Dentro do amplo espectro temático que envolve a problemática da relação mãe-filha, a pesquisa tem como objetivo investigar a possibilidade da “devastação” e os seus efeitos, relativos a uma dificuldade da menina em *tornar-se **uma** mulher*. Em outras palavras, tem como propósito compreender melhor a “devastação” e a forma com que ela cria obstáculos – no caso para a filha – no caminho em direção à constituição de sua própria feminilidade.

Para atingir este objetivo, reportar-se-á ao filme “Aos treze”¹, obra do cinema que, conforme o próprio título sugere, trata da passagem da adolescência, mais precisamente, tendo como tema central a questão da adolescência feminina na contemporaneidade e seus percalços. É importante destacar de antemão que, embora o filme não seja um documentário, baseia-se nos relatos de uma de suas principais atrizes sobre suas próprias experiências pessoais vividas durante a adolescência.

As principais indagações a respeito da relação mãe-filha e a possibilidade da “devastação” surgiram, principalmente, de atendimentos feitos com meninas na faixa etária dos 12-13 anos, bem como, em algumas ocasiões, de suas mães, dentro de um núcleo socioeducativo na região central da

¹ Aos treze. Direção de Catherine Hardwicke. EUA: Fox Film do Brasil, Thirteen, 2003.

cidade de São Paulo. Apesar de essas adolescentes serem oriundas, em sua grande maioria, de camadas socioeconômicas desfavorecidas, e das questões relacionadas à violência e à exclusão social aparecerem com frequência nos atendimentos, sempre surgiam questões relativas a seus relacionamentos com suas mães – que, na quase totalidade dos casos, criavam suas filhas sozinhas, sem a presença de uma figura paterna – sobre parecer, ou não, suficientemente desejável e atraente para os garotos, acerca da sexualidade, do imaginário e ideais a respeito da feminilidade. Deste modo, apesar de não serem feitas referências diretas a esses atendimentos ao longo do trabalho, é a prática clínica que oferece a base e direciona suas principais questões.

Junto com os atendimentos, foi ao assistir o filme “Aos treze” (que causou, à época de sua exibição, especialmente entre os adolescentes, psicanalistas, psicólogos e educadores, uma grande repercussão) que o tema da “devastação” na relação mãe-filha, suscitou o interesse de ser melhor investigado. Apesar de o filme poder ser analisado sob diversos ângulos, e por isso possibilitar os mais diversos recortes, a tumultuada trajetória da adolescente que era ali retratada, aparecia como um momento difícil em que a feminilidade podia, ou não, constituir-se. Assim, o recorte da história deu-se no sentido de privilegiar a relação mãe-filha, sob a ótica da filha, em um momento subjetivo delicado que pode implicar grande sofrimento psíquico. A pesquisa não tem como propósito, no entanto, analisar a história de “Aos treze” em todos os seus aspectos, mas sim

reportar-se à sua história como um elemento para aprofundar a discussão sobre o tema da “devastação”, foco central do trabalho, ao traçar um recorte sobre a relação mãe-filha.

É importante destacar que no decorrer da pesquisa as leituras que iam sendo feitas sobre o tema da “devastação”, bem como o filme “Aos treze”, por uma “via de mão dupla”, iam suscitando também indagações em relação aos casos das meninas atendidas na instituição. Tais questionamentos puderam então abrir caminho para uma reflexão sobre o que permitia, na relação com a mãe, com que a contingência da “devastação” não acontecesse e, por outro lado, sobre quais componentes permitiam justamente o contrário, ou seja, que ela se tornasse real, impedindo que a filha constituísse sua própria feminilidade.

Também foi a partir das teorizações de Freud a respeito da constituição psicosssexual feminina, com seus inegáveis avanços e principalmente com o que se considera seus impasses teóricos, que as indagações referentes à temática da relação mãe-filha, e especialmente da possibilidade da “devastação”, foram sendo crescentemente estimuladas. A partir de algumas destas controvérsias, sendo a principal delas a da realização da feminilidade na maternidade, igualando-se a mulher à mãe, recorre-se à contribuição de autores lacanianos, tais como Serge André, Jacques-Alain Miller, Bernard Nominé e Marie-Magdeleine Lessana.

Esta investigação, no entanto, não pretende ser um estudo exaustivo da obra de Lacan. Sendo assim, algumas construções teóricas relativas à

possibilidade da “devastação” são, na maior parte das vezes, elaboradas por meio de seus intérpretes (parte deles, acima mencionados). Estão aí incluídas a perspectiva da ausência de simbolização do sexo feminino e de um significante que nomeie *A Mulher*; a noção de um gozo outro – que não o gozo fálico –; da não equivalência da mulher e da mãe e, ponto mais importante dentro desta investigação, da menina esperar da mãe alguma resposta relativa ao “ser mulher”. Assim, tem-se como propósito refletir acerca de algumas das vicissitudes implicadas na trajetória de uma menina para *tornar-se uma mulher*. A questão central, no entanto, refere-se à “devastação” mãe-filha. Em outras palavras, pretende-se compreender melhor sobre como a “devastação” atua ante um processo que ocorre *ad infinitum* na vida de cada mulher, que é o de constituir-se como única.

É nesse percurso tortuoso de *tornar-se uma mulher*, que a “devastação” pode, ou não, acontecer. Para isto, a relação com a mãe ocupa um lugar fundamental; abre brechas na medida em que a filha questiona a mãe sobre “o que é ser uma mulher?” e, sobretudo, “o que é ser uma mulher desejada?”. Dentro desta dinâmica, em que uma funciona como espelho da outra, é que se situa a problemática da identificação materna, do “identificar-se” da menina em relação à mãe, ao mesmo tempo em que dela tem de afastar-se, constituindo-se como uma mulher singular.

Ao pensar a “devastação”, André (1998) aponta este aspecto da identificação feminina da filha com a mãe, assim como a função da metáfora paterna no Édipo, no caso da menina, desenvolvendo a idéia de que

Para descrever a relação entre uma menina e sua mãe (...) Lacan utilizou uma palavra famosa: *devastação*. É que, de fato, esta relação tem todos os traços de uma relação passional para a qual os parceiros não conseguem encontrar a saída, senão em termos de ruptura. A história de uma menina e sua mãe aparece como a história de uma separação sempre adiada. Para acompanhar Freud, a razão disso seria o duplo estatuto ocupado pela mãe na estrutura da filha: ao mesmo tempo objeto de amor e pólo de identificação, embora o momento em que a filha mais odeia a mãe seja também aquele em que se deve identificar a ela. Acrescentamos a isso uma outra justificativa, colocando em questão a função de metáfora que a instância paterna preencheria no caso da menina. A substituição da mãe pelo pai no Édipo feminino só tem, de fato, como consequência, a produção do significado novo que seria esperado, ou seja, o sinal de uma identidade propriamente feminina. (p. 189)

Nesta dialética identificatória, a filha questiona a mãe na esperança de encontrar alguma resposta ao enigma sobre *o que é ser uma mulher*. Resposta esta que é para a mãe, na condição de sujeito situado do lado feminino, na tábua da sexuação, sempre impossível de ser formulada.

Além do recorte do filme “Aos treze” ter sido dado no sentido de privilegiar a relação mãe-filha que é contada na história, relevaram-se também aspectos relacionados ao cenário da atualidade. Aspectos que, conforme ver-se-á mais adiante, serviram à narrativa mais do que simples “pano-de-fundo”.

Um deles diz respeito à estética do filme e ao contexto em que se desenrola a história, entendendo-se por estética o fato de a narrativa desenvolver-se em um estilo *hiper-realista*, em oposição a filmes que têm uma narrativa mais lenta, dentro de uma cadeia associativa e onírica, como o que se observa, por exemplo, nas obras de Ingmar Bergman. Pode-se dizer que a velocidade com que as cenas de “Aos treze” são mostradas, bem como sua linguagem, parecem traduzir com muita clareza o atual cenário social contemporâneo em que há predomínio da imagem e do *espetáculo*.

Assim, a fim de refletir acerca da articulação entre as condições de discurso com a forma como se inscrevem os sintomas no atual momento socio-histórico-cultural, esta investigação parte de um contexto mais amplo: do *capitalismo tardio ou capitalismo de consumo*, caracterizado por uma *economia de mercado* que permeia todas as instâncias daquilo que se denomina civilização. Em contrapartida, serão também contempladas algumas condições relacionadas ao contexto da época de Freud, no então estágio do *capitalismo de produção* predominante após a Revolução Industrial e que avançou até o século XX, sendo lentamente substituído pelo atual (cf. Saporiti, inédito).

O propósito não é empreender uma análise sociológica das condições do capitalismo nesses dois diferentes estágios – embora seja possível recorrer, em determinados momentos, a noções puramente sociológicas –, mas sim de pensar a problemática que concerne à relação mãe-filha e à possibilidade da “devastação”, partindo de um contexto mais amplo no qual vigora um

discurso capitalista ultraliberal. Esse discurso, ao vender o consumo como a saída para a falta, a dor, o sofrimento e a angústia inerentes à experiência humana e ao processo civilizatório, oferece ao sujeito a ilusão do bem-estar (seja por meio dos remédios psiquiátricos – e também, do ponto-de-vista desta investigação, arriscar-se-ia aqui a dizer, por um outro viés, do álcool e das drogas ilegais) e da satisfação dos desejos (por meio do “canto de sereia” do mercado) (cf. Sauret, 1999, p. 60).

O conceito de sintoma servirá como articulador entre os dois diferentes contextos: o do *capitalismo de produção* da época de Freud e o do *capitalismo tardio* ou *capitalismo de consumo* da contemporaneidade. Partindo destes cenários, cada um deles com sua particularidade, é que se foca a atenção sobre a trajetória de *tornar-se uma mulher*, sempre um processo único, num dado momento histórico. Neste sentido, é possível pensar que, se no contexto freudiano o discurso vigente impunha como realização da feminilidade, de modo geral, apenas a maternidade, na atualidade também outros ideais são socialmente impostos *À Mulher*, tais como ter um corpo dentro dos padrões de beleza, ser uma ótima profissional, independente, “bem resolvida” com sua sexualidade e etc².

Deste modo, embora esta investigação não tenha como objetivo aprofundar a discussão sobre a formação dos sintomas, pretende-se observar a articulação entre os discursos vigentes nesses dois diferentes momentos históricos – com maior ênfase sobre o contexto da

² Aqui o sintoma conforme entendido pela psicanálise (e em Lacan em especial), ou seja, aquilo que diz respeito ao real. Entretanto, diferentemente das demais ciências, este real é o que faz o sujeito sofrer, o impossível de ser suportado.

contemporaneidade – no sentido de destacar que nenhum sintoma se constitui sem essa implicação social, sob a condição de se reportar ao real. Esta forma de abordagem objetiva, assim, salienta o aspecto desta dimensão discursiva do sintoma partindo da idéia de que talvez seja possível dizer que é apenas por meio do compromisso sintomático que se pode observar a “devastação” que se torna real, bem como suas diferentes formas e graus.

São também arquitetadas algumas idéias referentes ao processo da adolescência enquanto um momento privilegiado da constituição subjetiva e da sexuação. Embora a “devastação” não se restrinja exclusivamente a essa *fase de passagem* – tanto quanto o *tornar-se **uma** mulher* é uma trajetória – ela aparece como muito propícia à “devastação”, na medida em que a adolescência, ao impor uma série de vicissitudes, convoca o sujeito, principalmente no caso da menina, pela via do especular, a questionar-se quanto à sua própria imagem e ao ser objeto de desejo para o outro. Questões essas que, conforme ver-se-á melhor a partir das idéias de Rassial (1999, p. 27), apelam para a comparação e a confrontação com a imagem do genitor do mesmo sexo.

Ao reunir as questões levantadas pelas meninas ouvidas nos atendimentos, às indagações suscitadas pela trajetória adolescente que é contada na história de “Aos treze”, pôde-se agrupá-las em torno de um denominador comum na seguinte pergunta: “*afinal, o que é **uma** mulher?*”,

que por sua vez não deixa de apontar sempre para a relação entre uma filha e sua mãe.

CAPÍTULO 1

O SINTOMA NO CONTEXTO SOCIOCULTURAL FREUDIANO E NA ATUALIDADE

O silêncio desses espaços infinitos me apavora
(Blaise Pascal, apud Soler, 2005)

O presente capítulo tem como objetivo fazer uma reflexão sobre a forma como se entrelaçam os sintomas e os discursos vigentes em dois diferentes contextos históricos. O primeiro, contemporâneo à época em que viveu Freud, caracteriza-se pelo então estágio do *capitalismo de produção*. O segundo, sobre o qual esta discussão pretende concentrar-se, trata do atual momento histórico da era da globalização, no qual impera o chamado *capitalismo tardio* ou *capitalismo de consumo* (cf. Saporiti, inédito).

Reportando-se a Lacan no final do comunicado de “O ato psicanalítico”, de 1969, Colette Soler (2005), trata a angústia como um *afeto amarrado* no que concerne a uma mudança na civilização, ou seja, no que diz respeito às “condições de discurso da angústia” (p. 13).

De acordo com essa autora, “o que Freud chamava ‘a civilização’ e Lacan, ‘discurso’ é uma ordem no mundo, uma ordem dos laços sociais”. Em outras palavras, “uma regulamentação coletiva dos desejos e dos gozos admissíveis ou prescritos do laço social” e que tem a linguagem como condição – distribuição esta que claramente “(...) regula também as oportunidades de angústia, as conjunturas da angústia” (ibid.).

Assim, a proposta é pensar os sintomas a partir da vigência de alguns discursos que, conforme os diferentes momentos históricos da civilização, ao estabelecerem uma ordem no mundo alteram também as conjunturas desencadeadoras da angústia, afeto que, para Lacan, é o único que não engana (cf. Saporiti, inédito).

Trata-se de contemplar alguns aspectos da contemporaneidade, em que são e estão inscritos os sintomas de cada sujeito, e não de uma discussão a respeito do surgimento de novas psicopatologias em detrimento daquelas observadas na época de Freud ou mesmo a respeito de uma suposta nova constituição subjetiva, questão tão em voga atualmente. Deste modo, o propósito aqui é observar algumas condições de discurso do tempo histórico atual que, endereçando-se tanto a grupos, instituições e famílias, como ao indivíduo em particular, promovem, conforme salientado por Soler (2005), *uma mudança na amarração da angústia*, assim como, maiores oportunidades para a sua emergência.

Como destacado na “Introdução”, e com o intuito de desenvolver as questões centrais desta investigação referentes ao *tornar-se uma mulher* e à contingência da “devastação” na relação mãe-filha, parte-se deste contexto mais amplo, propondo-se relacionar tais problemáticas ao que é aceito ou prescrito, na contemporaneidade, como ideais femininos sobre os quais giram imperativos e objetos de gozo.

Em “Psicologia de grupo e análise do ego”, Freud (1921) já demonstrava o quanto o coletivo ou o social, por meio das ligações libidinais e

identificatórias, participa da constituição da subjetividade. Deste modo, pode-se entender, “que a subjetividade é constituída discursivamente”, o que não significa dizer que os afetos devam ser desconsiderados (cf. Saporiti, inédito).

A partir da leitura de “Mal-estar na civilização”, de 1930, Birman (2005) considera que o ponto mais destacado nessa obra de Freud é menos a relação de conflito insuperável entre os pólos pulsionais e os objetivos civilizatórios, e mais de uma circunscrição do mal-estar do sujeito na modernidade. Assim, segundo ele, é possível não somente contextualizar historicamente a obra freudiana no horizonte da modernidade, mas também localizar neste a matéria-prima para a edificação do discurso psicanalítico (p. 17).

Os dois pontos acima, a respeito desses textos de “caráter social” da obra freudiana, são aqui ressaltados, na medida em que é interessante pensar tanto na questão de que o sujeito faz parte de uma “teia social” que o constitui através dos discursos que lhe são endereçados, como também da circunscrição de um mal-estar subjetivo que é histórico e não, anacrônico¹.

No entanto, não há possibilidade de discutir o mal-estar sem alusão ao sujeito, haja vista que é no campo da subjetividade que o mesmo é inscrito. O mal-estar, como contraponto de um suposto bem-estar, “(...) é a matéria-

¹ O termo “modernidade”, conforme destacado tanto por Birman como por outros autores citados neste trabalho, pode ser entendido como mais um sinônimo para o contexto do *capitalismo de produção*, presente na época de Freud e que foi sendo aos poucos substituído, até o início do século XX, por *capitalismo tardio* ou *capitalismo de consumo*. Estas duas últimas expressões, por sua vez, remetem ao mesmo tempo histórico designado por termos como “pós-modernidade”, “atualidade”, “contemporaneidade”, “globalização” ou “capitalismo desenvolvido”.

prima sempre recorrente e recomeçada para a produção de sofrimento nas individualidades” (Birman, 2005, p. 15).

De acordo com Saporiti (inédito) ao retroceder no tempo histórico para o “mundo ao qual Freud faz referência, visto através de seu divã vienense” (ibid.), em um contexto de vigência da moral vitoriana, observa-se que havia referência a uma alteridade consistente, a começar pela figura paterna. O sujeito podia constituir-se a partir desse Outro consistente, por meio das identificações com suas insígnias e com as representações de seus ideais. Neste cenário, as queixas neuróticas relacionavam-se com os conflitos que os sujeitos carregavam “por não conseguirem conciliar a ordem familiar e social da sociedade burguesa da Europa Central daquela época, com suas pulsões” (ibid.). Isto é, os conflitos subjetivos, expressos por meio dos sintomas, davam-se na tentativa do sujeito conciliar o irreduzível, principalmente da pulsão sexual, com o excesso de restrições ou de leis daquele contexto. O nascimento da psicanálise deu-se por meio da acolhida e escuta de Freud, disso que fazia sofrer, especialmente, por meio das *talking cures* de suas célebres pacientes histéricas.

Ainda conforme a autora, Freud observava que o neurótico buscava ser capaz de servir a dois senhores ao mesmo tempo: a seus desejos libidinais reprimidos e inconscientes, e à demanda do Outro no laço social. Já no fim de sua obra, constatou com pessimismo quão pouco subversivas eram as neuroses em sua época, com os sintomas apenas substituindo uma mudança no mundo externo, do ambiente que trazia o mal-estar, por um ato

mental meramente adaptativo. Assim, ao mesmo tempo em que o sintoma revela algo dissidente (de uma realidade insuportável), também evidencia um conformismo – o que configura a noção clássica de sintoma. Então, a partir destas constatações freudianas, é possível dizer, “que os sintomas neuróticos não são a-históricos”, tomando formas próprias e distintas de acordo com os momentos da cultura. Em outros termos, pode-se depreender a idéia de que “o inconsciente é social”, ou seja, o sujeito falante já nasce imerso e marcado pelo discurso do Outro, constituindo-se por meio dos efeitos das palavras do outro acerca daquilo que ele pode pensar e sentir. Nas fantasias, nos sintomas, “Freud podia encontrar esses restos de um real congelado que desgarram os sujeitos e lhes traz sua infelicidade”. Ele descobre também que as formas neuróticas desde o final do século XIX eram dependentes da estrutura familiar na medida em que era esse o núcleo encarregado da transmissão cultural entre as gerações, estabelecendo a ponte entre o público e o privado, entre o sujeito e o social. Será que na atualidade isto ainda pode ser sustentado?

Apoiando-se no matema construído por Lacan sobre o discurso capitalista, Soler (2005) aponta para um circuito hermético que suprime o lugar dos demais discursos e que não faz laço social, ou que apenas o faz precariamente, pois não se dá entre indivíduos, mas somente “(...) entre os sujeitos em falta e os objetos que Lacan denomina objetos *a*” deixando por isso cada sujeito à *mercê* de suas buscas solitárias – “buscas estas bem pouco sublimatórias” (p. 15). Ao confrontá-lo com o discurso do mestre

antigo, a autora propõe – embora considere ser necessário refletir se é possível de fato sustentar esta idéia – que é possível considerar o discurso capitalista como uma “ordem sem Outro”. Ordem esta em que certamente há um Outro da linguagem, mas com a função da linguagem reduzindo-se “(...) a um instrumento de mercado, um aparelho a ser produzido pelas ciências e técnicas”, assim como também “(...) o ser do sujeito ao objeto, já que são esses objetos que causam seu desejo” (ibid.).

Em entrevista à revista *Cult*, o psicanalista francês Marie-Jean Sauret (1999) defende o sintoma singular de cada um como articulador do laço social, porém destaca, na contemporaneidade, a vigência de um discurso capitalista que impõe ao sujeito, através do consumo, suprimi-lo ou eliminá-lo, na medida em que “nos diz que não temos necessidade do outro, que podemos nos servir e tomar o objeto que nos convém” (p. 62). Assim, destaca que:

O que a psicanálise freudiana descobre é que cada sujeito resolve seu problema com seu sintoma. O sintoma é um meio particular de se articular ao outro. A presença, a existência da psicanálise é de alguma forma a prova de que no meio social em que habitamos é possível alojar o nosso particular. Mas aí nos chocamos com a natureza das relações sociais contemporâneas, pois essas relações exploram o fato de que nós somos desejantes para nos fazerem acreditar que a falta não é estrutural, mas pode ser preenchida pelo mercado. (ibid.)

Uma das questões que surge, entre outras, a respeito da contemporaneidade no contexto do capitalismo tardio ou de consumo, é justamente a do caráter da alteridade num cenário em que “a troca mercadológica tende a dessimbolar o mundo”, no qual “os homens não devam mais entrar em acordo com os valores simbólicos transcendentais”, mas simplesmente devem se curvar “ao jogo da circulação infinita e expandida da mercadoria” (Dufour, 2005, p. 12, 13).

Como um dos primeiros pensadores que atentou para uma série de transformações nas formas de ser e de *estar-junto* na sociedade pós-moderna, Lyotard (1979) evocava uma época justamente marcada pelo esgotamento e pelo apagamento das grandes narrativas de legitimação, especialmente as narrativas religiosa e política (apud Dufour, 2005, p. 25).

Também por volta do final da década de 1970, Christopher Lasch (1983), refletiu a respeito de um mal-estar presente na sociedade contemporânea, propondo o desenho de um quadro social, econômico e político, em que se atesta “(...) o enfraquecimento dos regimes estabelecidos e a exaustão da tradição estabelecida” (p. 11).

As sociedades ocidentais capitalistas, principalmente a norte-americana, numa tentativa de libertação das condições repressivas do passado, acabaram por apoiar o *status quo*, em um projeto de cultura individualista competitiva que atingiu um momento de decadência, levando a uma “(...) lógica do individualismo ao extremo de uma guerra de tudo contra tudo, à

busca da felicidade em um beco sem saída de uma preocupação narcisista com o eu” (p. 14).

Deste modo, embora alguns críticos ainda questionem duramente alguns princípios da ordem burguesa, como por exemplo a família autoritária, a ética do trabalho etc., de acordo com Lasch (1983), tais valores “(...) têm sido enfraquecidos ou destruídos pelo próprio capitalismo desenvolvido” (ibid.). Para o autor, tais críticas não se sustentam, à medida em que o “o próprio homem econômico deu lugar ao homem psicológico de nossos tempos – o produto final do individualismo burguês”, um sujeito perseguido não pela culpa, mas pela ansiedade, a quem denomina “novo narcisista” (ibid.).

Nesta investigação, a partir da “leitura” da obra de Lasch (1983), o interesse recai mais sobre o desenvolvimento de algumas questões a respeito da contemporaneidade em sua relação com a(s) subjetividade(s), do que sobre aspectos de seu trabalho que são direcionados no sentido de descrever um perfil deste “novo narcisista”. Porém, é interessante observar alguns por ele destacados como característicos deste novo personagem humano. Um deles diz respeito a um sujeito que vive em um estado de permanente desassossego e insatisfação. Assim, se o indivíduo considerado “ganancioso” do século XIX tinha como objetivo acumular o máximo de bens e provisões para o futuro, o da atualidade, não possuindo tal perspectiva, reclama imediata gratificação de seus desejos sem limites (p. 15).

Para Melman (2003), é a primeira vez na história que o homem não recebe mais sua mensagem do Outro. Entre outras razões que não cabe

aqui serem citadas, o autor apresenta a do desenvolvimento de uma economia liberal, cuja ideologia é claramente “convidar os parceiros sociais a transpor todas as restrições de gozo que poderiam vir-lhes da mensagem recebida do Outro” (p. 55), ou seja, abolir todas as restrições e, desta forma, aceitar o excesso – que em grego é a dimensão da *hybris* – “como sendo uma categoria normal na relação com os objetos; a relação com os objetos incluindo o excesso, a título de normalidade” (ibid.).

Em um texto em que define a posição da Psicopatologia Fundamental, ao propor uma “leitura” particular do *pathos*, Berlinck (2000) aponta que, além de sofrimento, dele deriva-se também as palavras “paixão” e “passividade”. Assim, para um sujeito trágico que é constituído e coincide com o *pathos*, “(...) algo da ordem do excesso, da desmesura se põe em marcha sem que o eu possa se assenhorar desse acontecimento, a não ser como paciente, como ator” (p. 18).

Se é possível considerar, deste ponto de vista, o humano como “uma espécie pática”, ou seja, sofredora de um excesso que pode ser qualificado de diferentes modos, tais como dor, angústia, autismo, neurose obsessiva, histeria etc., outro traço fundamental é que, ao mesmo tempo em que o *pathos* engendra o psíquico, é por meio deste último que o humano, ao tornar-se autor de um universo de representações objetais, torna-se sujeito e defende-se do *pathos*, transformando a vivência pática numa patologia e, assim, numa experiência (ibid., p. 7-8).

É neste sentido, ao transformar *pathos* em experiência, não apenas considerando-o mero estado passageiro, que o sujeito pode “tirar proveito dele (...) como algo que alarga ou enriquece o pensamento” (p. 20), e é por meio de seu sintoma que pode fazê-lo, na medida em que, ao transformar algo da ordem do excesso, da desmesura, da paixão e da passividade, consegue expressar e falar de seu *pathos*. O sintoma relaciona-se ao *pathos*, no ponto em que aquele representa tentativas mais ou menos fracassadas do sujeito em alcançar um estado para sempre perdido. Este, por sua vez, ainda para Berlinck (2000),

(...) é como o *Rosebud* (treno do *Cidadão Kane*): está constantemente presente em todos os nossos atos psíquicos, que visam incessantemente alcançar esse estado para sempre perdido. A busca incansável da normalidade para sempre perdida é a mais potente central geradora de energia no ser humano, que o leva as mais incríveis invenções, que são sempre sintomas, isto é, tentativas mais ou menos fracassadas de cura do excesso, da dor, do *pathos*, do sofrimento. (p. 28)

A partir de tais observações, pode-se pensar, a respeito dos sintomas na contemporaneidade, na vigência de um discurso capitalista que impõe com muita veemência, seja por meio do consumismo, seja por meio de um “arsenal” gigantesco de drogas (psiquiátricas ou não), a idéia de que é possível eliminar os sintomas e o mal-estar de cada sujeito. Neste contexto, de uma promessa de satisfação plena, de bem-estar e prazer máximos, mas

que nunca é possível alcançar – haja vista que é sempre superada por “objetos” ainda mais potentes, estimulantes e eficientes – colocam-se os seguintes questionamentos: se o excesso é “estimulado” pelo mercado a título de normalidade, na relação com os objetos, onde e como é possível situar o *pathos*? E nesta promessa de prazer ilimitado e de supressão do mal-estar, como pensar o “lugar” dos sintomas na economia psíquica dos sujeitos?

Este discurso liberal que assegura a todos o pleno direito ao gozo, independente de quais sejam suas modalidades – algumas até há bem pouco tempo tidas como perversas ou ilegais – ao qual Melman (2003) denomina como a “nova moral” (p. 60), desemboca no descrédito da figura paterna ou mesmo em um declínio do Nome-do-pai, “o nome de todos os pais em potencial porque esse pai nos lembra (...) a dívida que temos de lhe pagar, o dever que ele nos impõe, incluindo o dever de gozo sexual” (p. 79). Ao mesmo tempo, porém, é ele também o “guardião desse limite ao gozo que se chama castração” (ibid.).

Um outro aspecto desse sujeito descrito por Lasch (1983) como o “novo narcisista”, diz respeito a uma perda do sentido de continuidade histórica, ou seja, na contemporaneidade perdem-se as perspectivas geracionais tanto de passado como de futuro, numa “(...) erosão de qualquer preocupação maior com a posteridade” (p. 25). O que se torna mais valorizado, deste modo, passa a ser o viver para si e para o momento, sem preocupações com o futuro. Por outro lado, o passado, transformado em “nostalgia” e em simples

mercadoria a ser consumida, é desvalorizado (comporta em si, sempre, em alguma medida, algo da ordem do luto e da tristeza) por uma sociedade que valoriza e encoraja o narcisismo de cada um (p. 15).

Assim, em uma sociedade desesperançada em relação ao que lhe reserva o futuro, faz sentido que as pessoas vivam apenas para o momento, concentrando seus olhares em seus próprios “desempenhos particulares”, cultivando uma “auto-atenção transcendental” (p. 26).

De acordo com Birman (2005), se a subjetividade edificada em um primeiro tempo da modernidade girava ao redor dos conceitos de interioridade e de reflexão sobre si própria, no Ocidente e nas últimas décadas, apesar do eu permanecer ocupando um lugar de destaque, o autocentramento do sujeito passa a ganhar formas até então, inéditas (p. 23).

(...) o que agora está em pauta é uma leitura da subjetividade em que o autocentramento se conjuga de maneira paradoxal com o valor da exterioridade. Com isso, a subjetividade assume uma configuração decididamente estetizante, em que o olhar do outro no campo social e mediático passa a ocupar uma posição estratégica em sua economia psíquica. (ibid.)

Destaca-se, na sociedade contemporânea, do capitalismo de consumo, a questão de que se o *Outro* tende ao apagamento – seja por meio do desaparecimento das narrativas política e religiosa, do declínio da função paterna ou mesmo da perda das perspectivas geracionais de passado e de

futuro –; ao mesmo tempo, a alteridade aparece na função de mero espectador. Os “desempenhos” de cada um vão assim adquirindo a tonalidade de espetáculo para o olhar do *outro*.

Neste contexto, para Birman (2005), os destinos do desejo vão ganhando uma direção fortemente exibicionista e autocentrada, na qual é esvaziado e desinvestido o horizonte dos relacionamentos humanos. Palco significativo para a banalização da violência que caracteriza a atualidade (p. 24).

Segundo o autor, o que particularmente define a subjetividade na cultura do narcisismo é que a alteridade não é reconhecida em seus atributos de diferença e singularidade, já que o sujeito não consegue descentrar-se de si próprio. Continuando, destaca que

(...) o sujeito vive permanentemente em um registro especular, em que o que lhe interessa é o engrandecimento grotesco da própria imagem. O outro lhe serve apenas como instrumento para o incremento da auto-imagem, podendo ser eliminado como um dejetivo quando não mais servir para essa função abjeta. (p. 25)

Do ponto de vista de Birman (2005), de modo perturbador, perante a falta de projetos coletivos, os relacionamentos humanos assumem funções visivelmente agonísticas em que sobra apenas para os indivíduos, pequenos pactos em torno da possibilidade de extração de gozo do corpo do outro, à qualquer preço (ibid.).

O autor propõe, assim, que “o individualismo, como autocentramento absoluto do sujeito, atingiu seu cume e limiares até então impensáveis” (p. 166). Neste sentido, o outro tende ao desaparecimento e praticamente ao silêncio na economia psíquica do sujeito.

Dentro desta perspectiva, o que é valorizado para a individualidade, conforme Birman (2005) é a “exaltação gloriosa do próprio eu”, na forma da “estetização da existência” (ibid.). Conseqüentemente, a atenção excessiva dispensada ao próprio eu se transforma “(...) em objeto permanente para a admiração do sujeito e dos outros” de tal modo que “(...) aquele realiza polimentos intermináveis para alcançar o brilho social” (p. 167). Nestas relações, os afetos são desconsiderados em detrimento da manipulação do outro como objeto de predação e gozo, forma privilegiada para o enaltecimento e a glorificação do sujeito por si-próprio. Neste “projeto”, segundo o autor, a cultura da imagem torna-se

(...) o correlato essencial da estetização do eu, na medida em que a produção do brilhar social se realiza fundamentalmente pelo esmero desmedido na constituição da imagem pela individualidade. Institui-se (...) a hegemonia da aparência, que define o critério fundamental do ser e da existência em sua evanescência brilhosa. Na cultura da estetização do eu, o sujeito vale pelo que parece ser, mediante as imagens produzidas para se apresentar na cena social, lambuzado pela brilhantina eletrônica.” (ibid.)

A sociedade do capitalismo tardio ou do capitalismo de consumo “entrelaça-se” com a sociedade das aparências, na medida em que, conforme brilhantemente postulado por Guy Debord já em 1967 (apenas um ano antes de terem estourado os conflitos de Paris em maio de 1968) “o espetáculo é o momento em que a mercadoria *ocupou totalmente* a vida social” pois não somente “a relação com a mercadoria é visível, mas não se consegue enxergar nada além dela: o mundo que se vê é o seu mundo” (1997, p. 30).

Destaca-se o lugar de poder reservado à publicidade e à propaganda, já que, se no período de acumulação primitiva do capitalismo, o valor de uso da mercadoria subordinava-se ao valor de troca, de acordo com Lasch (1983) “agora subordina a própria posse à aparência”, ao medir “(...) o valor de troca como a capacidade de uma mercadoria conferir prestígio – a ilusão de prosperidade e de bem-estar”. Conseqüentemente, se no então contexto do capitalismo de produção, o objetivo da publicidade consistia em apenas chamar a atenção para um produto e exaltar suas vantagens, hoje ela reproduz um produto muito particular, ou seja, o próprio consumidor; eternamente insatisfeito, desassossegado, ansioso e entediado. Ao educar “as massas para ter um apetite inesgotável não só por bens, mas por novas experiências e satisfação pessoal”, joga de forma sedutora com o mal-estar na civilização ao defender o consumo como uma saída para a angústia e para o sofrimento humanos (p. 102).

Aparentemente, também a publicidade, por meio de seu discurso, “alia-se” tanto às mulheres, como às crianças e aos jovens, elogiando-os, exaltando-os e “emancipando-os”, a fim de assegurar sua lógica de criação de demandas ou de pseudonecessidades. Entretanto, se supostamente os “liberta” da *autoridade patriarcal*, o faz apenas para submetê-los, entre outros, ao discurso paternalista da indústria da propaganda (ibid., p. 104; grifos meus).

De acordo com Birman (2006), frente à ausência de perspectivas de futuro e na posição infantilizada em que se localiza na atualidade, a juventude tem seu lugar garantido na sociedade do espetáculo. Neste sentido, todos almejam ser celebridades, ocupando “(...) a cena midiática como protagonistas importantes e até mesmo como *pop-stars*, como contrapartida onipotente para a impotência vertiginosa em que estão lançados” (p. 41). Trata-se, “(...) da renovação atual do *fantasma do heroísmo* que sempre marcou a juventude dos últimos duzentos anos (...) mas que encontra na figura da celebridade a sua versão contemporânea” (ibid.).

Neste quadro o autor aponta que as ações do indivíduo são avaliadas por meio de uma demanda ilimitada de *performance* que termina por confundir o ser com o parecer. Em decorrência, é o “aparecimento ruidoso do indivíduo” a medida que lhe faz crer em seu grau de poder e fascínio, numa atuação “marcada pelo narcisismo funesto em seus menores detalhes” (2005, p. 168).

Se alguns indivíduos conseguem responder muito bem a tais exigências, na medida em que, através do discurso, são até mesmo cultuadas algumas formas de construção subjetiva, outros não são capazes de atendê-las.

Neste sentido, Birman (2005) coloca que o que define a direção assumida pela psicopatologia na chamada pós-modernidade é justamente “o destaque conferido a quadros clínicos fundados sempre no fracasso da participação do sujeito na cultura do narcisismo” (p. 169). Tais quadros, nos quais situam-se as depressões, a síndrome do pânico e as toxicomanias, caracterizam-se pelo fracasso do indivíduo em projetar o brilho de estetização de sua existência. Por meio do uso sistemático de drogas – sejam elas ilegais ou não – ele busca então, desesperadamente, seu acesso “à majestade da cultura do espetáculo e ao mundo da *performance*” (ibid.). Neste contexto, se as denominadas drogas pesadas objetivam a exaltação nirvânica do eu, com o propósito de “tornar a individualidade inebriada para o desempenho da cultura da imagem” (ibid.), as chamadas drogas medicinais, por sua vez, têm como alvo a contenção da angústia e da dor a fim de tornar o sujeito apto a viver as contradições do narcisismo.

Vive-se, na atualidade, um período histórico que assistiu a dissolução, até mesmo o desaparecimento, das forças nas quais a “modernidade clássica” se sustentava – *ou seja, daqueles “pilares” que apoiavam o contexto histórico freudiano*. Convergem, para isso, para além do fim das grandes ideologias dominantes e das grandes narrativas soteriológicas, entre outros, fatores tais como: o individualismo, o papel dominante da mercadoria em detrimento de

qualquer outra consideração, o reinado do dinheiro, a massificação dos modos de vida conjugando-se com a individualização e a exibição das aparências, o achatamento da história na imediatez dos acontecimentos e na velocidade das informações, a ampliação da duração da vida e a demanda insaciável de juventude eterna, as múltiplas interrogações acerca da identidade sexual, a desinstitucionalização da família etc (cf. Dufour, 2005, p. 25; grifos meus).

A partir destas mutações socioeconômicas-culturais do mundo pós-moderno, que fontes teria o homem da atualidade para subjetivar-se? Segundo Lacan, “depois de maio de 68 temos não mais a subversão pleiteada, mas a submersão à sociedade capitalista de consumo universal” (Saporiti, inédito). Assim, se no contexto freudiano existia um discurso que prescrevia os laços sociais e que Lacan denominou “discurso do AMO” há, na atualidade, um discurso capitalista, ou seja, “um discurso deteriorado da forma do discurso do AMO”, impondo ao sujeito que ele se subjetive *Sem o Outro*. Assim, se na época de Freud os conflitos davam-se frente ao inconciliável dos ideais, deveres e restrições impostas pelo Outro – humanizando o desejo e tornando a vida possível no laço social – na sociedade capitalista globalizada, por sua vez, “o superego cultural não tem a ver com o dever para com o Outro” (ibid). Desta forma, a sociedade contemporânea apenas tem a oferecer ao sujeito “o superego cultural como sendo ‘um irrestrito direito ao gozo’” (ibid). Um direito ao gozo que coloca, de

forma cínica, o bem-estar individual sobre qualquer coisa, desumanizando o homem e fazendo dele

“um adepto e um adicto de um consumo desenfreado (que também aparece no seu oposto, numa apatia total) dessa sociedade capitalista que acena sempre com a possibilidade da felicidade da completude pela aquisição do último lançamento de um *gadegt* qualquer eletrônico e, ao mesmo tempo mostrando a ele que nada será suficiente, minimamente suficiente”. (ibid.)

De acordo com Soler (2005), pode-se seguir na história da civilização a destituição progressiva de um Outro do qual praticamente sabia-se o que queria, quando o discurso preenchia ou amarrava a questão do enigma e da ameaça do desejo do Outro. Assim, se a angústia entrelaçava-se a um grande Outro – é curioso notar, segundo a autora, que é justamente no ano de 1969 que Lacan trata de uma mudança na amarração da angústia – o sujeito pós-moderno “perdeu há muito tempo esse Outro que podia ser ameaçador, mas que, em última instância, era-lhe prometido como um Outro de amor” (p. 17). Neste sentido, na atualidade, “a angústia participa demais da derrelição”, termo que designa “(...) a sorte da criatura perdida no mundo, sem criador, sem Outro” (ibid), em estado não de abandono – já que abandono é uma palavra que ainda remete ao Outro – mas de desespero e de desamparo.

Embora este capítulo tenha considerado dois diferentes momentos do capitalismo, pressupõe-se que no contexto em que vivia Freud e suas

pacientes históricas havia ainda alguma referência a um grande Outro consistente, e que a contemporaneidade assiste à caída deste Outro a ponto de deixar o sujeito à mercê de sua errância, solitário diante de uma multiplicidade de escolhas e sob um imperativo de consumo de um gozo sem limites.

No que concerne à “devastação”, questão central desta investigação, o filme “Aos treze” – conforme ver-se-á no Capítulo 5 – convida a pensar neste entrelaçamento entre a angústia e as condições de discurso, desde que seja possível dizer que apenas por meio do sintoma é que se pode observar uma contingência que pode ou não ocorrer. Parte-se da idéia, entretanto, de que sintoma algum se constitui fora de seu tempo, ou seja, fora dos imperativos de discurso que vigoram e que são transmitidos por meio da linguagem em um determinado momento histórico. Assim, o presente capítulo se encerra com a seguinte questão: A partir da perspectiva destes dois diferentes contextos, como situar a “devastação” na relação entre uma mãe e sua filha no cenário da atualidade?

CAPÍTULO 2

A ADOLESCÊNCIA E A REATUALIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁDIO DO ESPELHO

*Eu a amava mamãe.
Era uma questão de vida ou morte
mas eu não confiava em suas palavras.
Elas não expressavam
o que seus olhos diziam.
(Sonata de Outono)*

O propósito deste capítulo é tratar de questões referentes à adolescência e que se constituem denominadores comuns tanto, por exemplo, em relação aos jovens da época vitoriana, contemporâneos de Freud, quanto aos jovens da atualidade. Apesar de em determinados momentos as considerações poderem dizer respeito tanto a meninos como a meninas, o intuito aqui é destacar algumas das vicissitudes implicadas no processo da adolescência feminina, e que estão vinculadas à trajetória de *tornar-se uma mulher*.

Em seu artigo “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, redigido em 1905, porém intensamente trabalhado até 1925, Freud reserva um capítulo à observação de algumas transformações, impostas ao sujeito, com a chegada da puberdade, considerando que tais modificações conduzem a vida sexual infantil “a sua configuração normal definitiva” (p. 196) – apesar de em certa altura do artigo reconhecer o fato de ter inicialmente feito uma abordagem exagerada a respeito da diferença entre a vida sexual infantil e a adulta. Essas incluiriam o encontro da pulsão sexual – antes freqüentemente auto-

erótica – com o objeto sexual; a subordinação de todas as diversas fontes de excitação sexual ao primado das zonas genitais. E em relação ao novo alvo sexual – que passa a atribuir agora aos dois sexos funções muito diferentes – o desenvolvimento sexual do menino e da menina passam a divergir muito e a exata convergência das duas correntes direcionadas ao objeto e à meta sexual, a de ternura e a sensual, com a primeira advindo do que resta da primitiva eflorescência infantil da sexualidade (cf. Freud, 1905, p. 196-217).

Ainda no mesmo artigo, Freud (1905), ao situar a puberdade logo após a fase de latência e ao tratar de suas fantasias incestuosas, fala de uma de suas realizações psíquicas mais importantes e dolorosas: o desligamento da autoridade dos pais em prol do progresso da cultura, criando o antagonismo entre a nova e a velha gerações (p. 213-214).

Como é possível observar, Freud refere-se ao termo “puberdade” e não “adolescência”. De acordo com Vera Pollo (2003), “(...) adolescência não é um significante de Freud nem de Lacan” (p. 47), com o segundo tendo preferido o termo ‘jovens’, de uso mais comum entre as décadas de 1960 e 1970. Sobre Freud ter escolhido utilizar o termo “puberdade”, de clara conotação médica, a autora questiona, que, no entanto, ao tê-la inscrito logo em seguida à fase de latência, com esta última significando “espaço de tempo entre a penetração de um agente mórbido e seus primeiros efeitos”, não estaria ele tocando na sua própria noção de inconsciente como “uma espécie de praga, epidemia, um remexer nos infernos?” (p. 48).

Segundo Rassial (1999), apesar do fato de diversos pacientes de Freud terem sido, senão adolescentes, pelo menos jovens adultos, “os trabalhos sobre a adolescência permaneceram por muito tempo marginais, em prol particularmente das pesquisas sobre a primeira infância”. Além disso, destaca que grande parte dos analistas “ainda são muito reticentes em engajar jovens sujeitos numa análise” (p. 12). Assim, apenas nos últimos anos, e especialmente na França¹, as publicações passaram a se dedicar ao tema. De acordo com o autor, há diversos motivos para isto. Entretanto, elege um como essencial, ao questionar se a adolescência deve ser considerada “um simples tempo de explicitação e de manifestação cuja causa seria totalmente determinada de modo precoce” ou, “um momento determinante e fundador na estruturação da personalidade” (ibid.). Considera que, se na primeira opção a adolescência é relegada “aos sociólogos, pedagogos ou, no melhor dos casos, à psicologia mais tradicional”, a fim de concentrar-se, principalmente, nos estádios edipianos e pré-edipianos, a segunda opção – escolha de todo analista – “define-a como um momento-chave, *possuindo sua própria lógica nos processos de identificação*” (ibid.; grifos meus).

Nesta investigação, considera-se a adolescência não apenas um simples retorno ou a “eclosão” de algo já dado anteriormente, mas sim um processo que, além de envolver as conseqüências dos estágios edipianos – tanto em sua forma negativa como da positiva –, envolve-os de tal modo que há um

¹ Destaca-se, do ponto de vista desta investigação, a significativa produção brasileira atual sobre o tema da adolescência, com destaque para autores tais como: Sonia Alberti, Marta Rezende Cardoso, Teresa Pinheiro e Joel Birman.

“balanço” da imagem que o sujeito havia construído de si próprio e também das figuras parentais. Coloca-se, deste modo, uma série de questionamentos a respeito do processo de sexuação do sujeito, de seu lugar no desejo do Outro. É neste sentido que os processos identificatórios – por meio da especularidade, principalmente no caso da menina – constituem *sua própria lógica*.

A “devastação” entre mãe e filha pode acontecer com muita frequência na adolescência, porque nessa “fase” da vida a menina volta-se para a sua mãe com questões que dizem respeito à procura e à transmissão de uma identificação feminina, que ela acredita possível.

As modificações fisiológicas advindas com a puberdade perturbam a imagem corporal que o sujeito havia construído na infância, podendo se apresentarem como uma catástrofe. A aquisição dos caracteres físicos do genitor do mesmo sexo, torna os corpos equivalentes e a “fileira imaginária das gerações não mais se mantém” (p. 17). Neste sentido, a diferença dos sexos prima em relação à diferença das idades – sendo que esta última possibilitara, “(...) desde a primeira idade edípica, durante o que se pôde chamar de ‘período de latência’, deixar o sexo de lado” (ibid.).

Para Pierre Kaufmann (1996), a adolescência é um tempo, uma moratória entre a infância e a maturidade, que não se resume, entretanto, a um espaço estatuário, e portanto sociológico. Assim, podem existir diversas linguagens da adolescência, de acordo com os modos e as culturas, mas não existe mais que um determinante, e apenas um, dessas diferentes expressões e

que são “o impacto da modificação pubertária sobre o espaço das representações psíquicas” (p. 6). Desta forma, a única constante de uma suposta teoria da adolescência é uma dialética entre o adquirido da história infantil e a estranha promessa que o remanejamento pubertário engendra, existindo, para o sujeito, o risco de uma ruptura de continuidade do sentimento de existência, na medida em que a integração do corpo sexuado num sistema de representações parentais diferenciadas não é um “dado” *a priori* da puberdade, mas sim conquistada.

De acordo com Melman (1995), para que seja possível alcançar a particularidade da “crise psíquica” que caracteriza a adolescência, é preciso poder refletir sobre “(...) a forma como o sujeito foi constituído, como foi instaurada a infância e, logo, o que precisa abandonar, e também a espera e a promessa que vão encontrar decepções” (p. 7- 8).

Num primeiro tempo, pode-se dizer que a criança constitui-se enquanto sujeito por acaso, por meio de um “acidente truncado” que é certamente seu fantasma original, “(...) mas que, em todo caso, instaura nele o que também é uma subjetividade, no sentido preciso, no sentido topológico do termo” (p. 8). Assim, ela se torna sujeito em razão desse acidente e, simultaneamente, é entregue a um desejo que se sabe ser sexual. Freud pôde mostrar muito claramente como a norma desse desejo, para ambos os sexos, é masculina, e portanto organizada pela castração.

Ao destacar a expressão “acidente truncado”, Melman (1995) trata justamente da instauração de um desejo sexual e da própria subjetividade

que terá de ser, na fase de latência “(...) interrompida, interdita, sustada por aquilo que funciona (...) como educação” (ibid.), impondo-se assim o silêncio a uma primeira organização fundamental. Silêncio este que, no entanto, “de tempos em tempos” solicita o então pequeno sujeito seja por ordem ou por convite, em sua singularidade, especificidade, amabilidade.

Passa-se, deste modo, à observação de que, ainda que tenha sido instaurado no sujeito o fantasma original devido a uma operação simbólica, “nada de real nele foi amputado” (ibid.). Não obstante, “(...) o silêncio imposto a essa instauração vai ser vivido pela criança no registro de uma categoria isolada por Lacan, a da privação (...)” (ibid.), significando que esse objeto, apesar de ter sido reconhecido e devolvido – sua pertença sexual – a educação, em nome das “regras do jogo”, de um suposto bem-estar etc. priva-o dele. Ela o retira, porém esta operação deverá ser provisória, estando assim incluída a promessa, desde o início, de que no momento adequado tal objeto ser-lhe-á restituído.

A ruptura bastante brusca que se opera por ocasião da “crise psíquica” da adolescência diz respeito a um convite para que o sujeito ocupe uma posição nova, que escutaria sua singularidade. Entretanto, essa singularidade deveria fazer parte da comunidade, sendo também “(...) dissolvida, perdida e confundida com a comunidade de todas as singularidades existentes, que estão presas pelo dever sexual, em particular pelo dever fálico” (p. 9).

Para responder a este convite, por si só paradoxal, o adolescente vai encontrar, de acordo com Melman (1995), com

(...) o vazio de seu ser, nada que valide sua própria enunciação, pela falta de instrumento que, de alguma forma, iria assegurar a autoridade de sua palavra, sua solidão absolutamente essencial e em particular, sua solidão em relação ao Outro (...), o grande Outro pelo qual ele se acha falado e que descobre em sua própria articulação. Seu sentimento de solidão manifesta-se em relação a esse lugar, não sabendo o que esse lugar espera ou quer dele, o que esse lugar lhe dá para articular, pois, naquele momento, à medida que descobre sua própria enunciação, descobre a si mesmo como sujeito (...). (p. 10)

É nesse momento que o sujeito se depara não com o objeto ideal, fantasiado – que lhe havia sido retirado e prometido, nos moldes de uma privação, ser-lhe restituído a termo e no momento certo – mas justamente com o “(...) encontro maciço, eventualmente traumatizante, daquilo que na realidade tinha sido instaurado com o fantasma original, isto é, a castração” (ibid.).

Assim, pode-se caracterizar a crise da adolescência mais como um encontro malgrado ou como um *(des)*encontro do que como um *(re)*encontro do objeto.

É provavelmente nessa ocasião que se modifica o olhar do sujeito sobre seus pais. Se estes, eventualmente, na fase de latência podiam funcionar enquanto modelos ideais, bruscamente o adolescente os descobre em sua encarnação, em sua sexualidade, e também em seus limites. Em razão da promessa ligada à privação, a figura paterna da qual se esperava a entrega

do objeto ideal, revela-se, ela própria como não o tendo, ou seja, como impotente ou como castrada. Deste modo, pode-se conceber a adolescência como uma crise identificatória “suscetível de então reanimar-se como negativa de organizar sua própria imagem, seja ela masculina ou feminina” (p. 11-12), face a uma normalização defeituosa, fruto da castração, que pareceria incapaz de, no momento desejado, realizar o que teria funcionado como uma promessa.

No caso da menina, conforme será discutido nos capítulos seguintes, a lógica fálica parece colocar questões particulares. Assim, se de acordo com a teoria freudiana, o complexo de castração revela uma dessimetria fundamental para um e para outro sexo, com Lacan ver-se-á como o significante fálico é por definição insuficiente para atribuir um significado àquilo que seria da ordem da feminilidade.

Reportando-se a Geneviève Morel, Vera Pollo (2003) concorda “quando afirma que Lacan concebe a sexualidade humana dividida em três grandes etapas: o sexo anatômico ou ‘real mítico do sujeito’, o discurso sexual e a sexuação lógica” (p. 50). A primeira diz respeito “ao registro civil ou certidão de nascimento, em que o sujeito se encontra suposto no discurso do Outro” (ibid.). A segunda, ao discurso sexual, equivalendo ao falocentrismo da teoria freudiana, ou seja, à significação fálica do complexo de castração. Para Lacan, esta última implica o “erro [*erreur*] comum do discurso sexual, que não se sustenta no natural, mas faz do significante ímpar do falo o representante único do desejo e do gozo sexual” (p. 51). Ao desnaturalizar a

distinção anatômica, o falo impõe sua própria dialética, “na qual é possível dizer qualquer coisa de uma mulher” (ibid.), enquanto representante do Outro absoluto. A terceira, por sua vez, “ao ir além da razão fálica no lado da mulher, é lógica do real”, referindo-se “ao lugar da enunciação, tornando possível ‘que se diga’, isto é, que o dizer sexual (real) passe aos ditos de um sujeito” (ibid.). Esse “que se diga a mulher” traduz-se pela presença de um gozo duplo, desdobrado, que se coloca entre ela e o parceiro.

Destaca-se aqui, então, a noção de que é a própria menina que encarna este Outro sexo, a alteridade absoluta. Seu ser sexuado não passa, *não-toda*, por uma definição dada por meio do significante fálico, como é o caso do menino. Assim, nesta investigação supõe-se que, na adolescência, pelas questões identificatórias que impõe, a menina buscará justamente outros possíveis enunciados para que possa dizer-se **uma mulher**, fazendo-a voltar-se para a figura materna, conforme se discutirá no Capítulo 4. Desta forma, a partir de tais considerações é possível pensar a adolescência como um momento-chave da lógica da sexuação.

Neste sentido, Rassial (1999) destaca, em relação às proposições freudianas acerca da puberdade, o “otimismo” de Freud quanto à definição do “caráter normal da vida sexual” como confirmado pela confluência, no sentido do objeto e do objetivo sexuais, das correntes terna e sensual. Isto, porque “a sexualidade normal” no homem e na mulher não utiliza o mesmo caminho, “e é sem dúvida na adolescência que se realiza esta divergência” (p. 20). Deste modo, se uma bifurcação anterior engaja distintamente,

durante o complexo de Édipo, menino e menina na relação com o falo, é na adolescência que esta bifurcação orienta-se em uma nova direção, de caráter social em particular, já que se impõe a questão do *conjugio*. Assim, se por um aspecto o superego, “além de um interdito fundador que incidia sobre os pais, revela-se também, paradoxalmente, como o que organiza o gozo sexual”, por outro, tal bifurcação destaca-se na medida em que, “desconectados, os dois sexos só têm chance de se conjugar ‘normalmente’ de um modo capenga” (ibid.). Conseqüentemente, o ato sexual – apresentado como “lógica” que permite sustentar a relação entre homem e mulher – não possui, para os dois sexos, nem o mesmo valor, nem a mesma função, não se apresentando como o que possibilita fundar entre eles uma relação intersubjetiva.

Assim, para o autor, não resta dúvida de que a mulher sustenta uma relação menos exclusiva frente à genitalidade do que o homem. Ela é atraída pelo aspecto da ternura, à altura mesmo da questão acerca de uma “sexualidade feminina” engendrar um problema – menos por sua qualidade do que por sua primazia na organização psíquica. Seu acesso à genitalidade, dessa forma, parece ter de empreender as vias da histeria, enquanto, para o homem, a constatação de uma alternância – em face da qual ele não é mestre exclusivo – entre ereção e detumescência, opõe, “a continuidade necessária da imagem e a descontinuidade de sua atividade sexual, transformada em nova chave de seu corpo” (ibid.) engajando-o, mais freqüentemente, no quadro de uma neurose obsessiva.

A partir de tais considerações relacionadas à divergente tomada de rumos, pelo menino e pela menina, frente à denominada por Freud, “sexualidade normal”, Rassial (1999) propõe:

A adolescência é o momento privilegiado onde, encontrando a sexualidade não mais como o próprio de um adulto diferente, mas como o que organiza sua nova posição, o sujeito deve responder com os meios de que dispõe. (ibid.)

De acordo com o autor, diante do esfacelamento da consistência parental imaginária do Outro referido aos pais e a transformação da imagem do corpo, na adolescência, “a identificação especular vacila; ela deve ser reformulada, até mesmo refundada, a partir de uma posição nova, onde o Outro e o objeto têm um novo valor psíquico” (p. 49).

Rassial (1999) empreende, então, mais uma fundamental questão ao indagar se os processos identificatórios na adolescência, seriam mera “evocação, inscrição, repetição de um gesto arcaico, em termos já aí” ou se “o impasse seria tal que o destino do sujeito pudesse ser modificado por ele” (p. 43). Em sua resposta, destaca a ocorrência de uma repetição dos primeiros processos identificatórios e de “um só-depois de seus efeitos, até então em suspenso”, considerando este momento posterior não apenas como uma realização, mas como também existindo, por outro lado, “conseqüências sobre o que parecia fixado nas identificações” (ibid.).

Ao diferenciar os processos identificatórios da primeira infância e os da adolescência, ele propõe que durante a primeira infância, por meio de uma série de provas, o sujeito posiciona-se frente aos objetos pulsionais que lhe são apresentados – com exceção de ao vir ocupar, ele próprio, o lugar de sintoma para o Outro, particularmente para a mãe. Deste modo, a primeira identificação sexual, orientada do nascimento ao Édipo, conduz o sujeito a poder estar (ser) do lado homem ou do lado mulher. Já na adolescência,

(...) o sujeito se apropria do sintoma como sintoma sexual e, ao mesmo tempo, constitui os outros – tanto como semelhantes como pertencentes ao Outro sexo – como objetos possíveis; não somente objetos do desejo orientado pela genitalidade, mas também, (...) objetos do sintoma. Por isso mesmo, uma vez fora do universo familiar da criança, a diferença das gerações, que tinha sustentado o interdito do incesto, toma um outro sentido: os pais continuam sem dúvida sendo representantes do mundo dos “adultos”, mas são também recolocados em cena e em questão quanto ao seu estatuto. De modo particular, tanto para rapazes como para moças, a mãe, na qualidade de Mãe primordial (...) vem a ser, novamente, interrogada. (p. 43-44)

Na puberdade, segundo Freud (1905), o desenvolvimento sexual dos dois sexos passa a tomar rumos bastante divergentes. Assim, enquanto o desenvolvimento do homem “é o mais conseqüente e também o mais acessível à nossa compreensão, (...) o da mulher apresenta até mesmo uma espécie de involução” (p. 196).

Para a menina, comenta Rassial (1999), considerando tais proposições freudianas, as modificações pubertárias acomodam-se, mais do que no rapaz, por uma regressão narcísica. Neste sentido, a adolescente não é somente confrontada ao desejo que o complexo de Édipo já direcionara, mas também

a uma reatualização da questão da mãe; da Mãe primordial e arcaica, à qual teve que renunciar e que reaparece como modelo identificatório, por trás da feminilidade incerta – os impasses pré-edípicos (sic!) estão, para ela, na ordem do dia. (p. 19).

Considera-se nesta investigação, que estes impasses próprios à relação da menina com a mãe guardam relação com a operação edípica no destino feminino que, segundo aponta Zalcborg (2003, p. 15), deixa um “resto” na condição de separação com a mãe. Embora não se pretenda aprofundar aqui de que “resto” se trata – observar-se-á melhor tal questão no Capítulo 4 – busca-se destacar a idéia de que a adolescência, para a menina, implica com muita força este “voltar-se” para a figura materna, recolocando em cena todos os impasses da relação.

Igualmente, conforme será discutido no próximo capítulo, ao trocar de objeto da mãe para o pai, a menina parece deslizar ao longo de uma cadeia metonímica (e não no registro de uma metáfora propriamente dita!), pois no seu caso a vinculação com o pai parece nunca substituir totalmente uma primeira fase de intensa ligação com a mãe. Na adolescência, no entanto,

simultaneamente parece haver tanto um movimento “retroativo”, no sentido de que há daí uma reatualização das questões com a mãe, como também um movimento “progressivo” no tocante às questões que surgem em relação ao Outro sexo, já que não mais são as diferenças geracionais que se impõem.

Deste modo, conforme Rassial (1999), se o Outro do lactente referia-se à Mãe e o Outro do Édipo aos pais, o do adolescente permanece fastamaticamente relacionado ao Outro sexo. Assim, é necessário que o sujeito se aproprie da “identificação especular que sustentava seu ser no olhar e na voz do Outro, antes de dar de novo ao Outro, imaginariamente, uma outra consistência” (p. 49). Em outras palavras, isto significa que o adolescente deve se apropriar plenamente do olhar e da voz maternos, enquanto na infância seu próprio olhar e voz eram por sua mãe sustentados – o que é capaz de explicar, por sua vez, os conflitos entre o jovem e seus pais, na medida em que “a imagem que ele lhes ‘dá’, o tom que ele ‘toma’ para se dirigir a eles perturbam o que a infância havia organizado do laço familiar” (ibid.).

O autor propõe que se a Mãe – como “Outro primordial cujo poder era dar ou recusar à criança a satisfação de suas necessidades” – durante o estágio do espelho, é aquela que por meio de seu olhar e voz dá à criança “o significante-um de sua identidade (...) o lugar de sujeito no mundo”, trata-se, sem dúvida de uma Mãe fálica; porém, “no só-depois, porque o significante, atribuído à mãe, continua por enquanto sem nome” (p. 46). Desta forma, no

caso, tanto para o menino, como para a menina, é a figura materna “que dispõe do atributo que num tempo posterior será dito fálico mas que, por enquanto, está encarnado em seu olhar e em sua voz, objetos portanto paradoxais, divididos entre seu valor e sua função” (ibid.).

Sobre a reatualização, na adolescência, da experiência do estágio do espelho, Rassial (1999) aponta que:

A simbolização necessária destes objetos, particularmente do olhar e da voz, reatualiza a experiência do espelho. O falo está dividido entre seu valor imaginário – este valor que, desenvolvido a partir do Édipo, levaria o sujeito à realização genital – e sua função simbólica de significante-mestre, que funda o sujeito ao assujeitá-lo à língua. Nova confrontação, pois, em sua crueza, como uma castração simbólica, já dada ou imposta na infância. (p. 50)

No registro semelhante a uma regressão, aponta o autor, não surpreende que o adolescente recapitule os processos identificatórios a fim de recontrar as bases desta fundação e, simultaneamente, disto extrair conseqüências quanto ao ser (ibid.).

Assim, de acordo com o autor, é necessário que o sujeito, ele próprio, produto do significante – por excelência fálico – dele se aproprie e tome uma posição, igualmente também, frente aos objetos caídos do Outro que são o olhar e a voz maternos (ibid.). Entretanto, em relação a este processo de

redistribuição pulsional, meninos e meninas dispõem em diferentes lugares cada um destes dois objetos (p. 25).

Para a menina, segundo Rassial (1999) a função escópica é intensificada. Se a puberdade feminina, conforme destaca a teoria freudiana, acomoda-se mais do que a masculina, por uma regressão narcísica, ela está “longe de ser endógena e de excluir o Outro”, traduzindo-se por um engajamento na relação com Outro, no olhar do Outro, marcando “o que pode ser visto pelos outros” (ibid.).

Desta forma, propõe o autor, para a adolescente a imagem do corpo, numa vertente que se presta com maior facilidade à sublimação, por intermédio das transformações na silhueta – principalmente com o crescimento dos seios – compromete-se, então, com dois olhares. Um deles, diz respeito a uma busca de conformidade frente aos padrões socialmente definidos; o outro, por sua vez, relaciona-se com uma demanda de confirmação, dirigida tanto a familiares como a amigos, acerca do estatuto de um corpo que mudou (ibid.).

Por outra vertente, coloca ainda ele, “prova de uma castração real, de uma privação reatualizada” (ibid.) – o sangue menstrual vem simbolizar, tanto para a menina quanto para os outros, o primeiro indício de seu acesso à genitalidade. Sentimentos de vergonha ou de orgulho ao redor do que faz mancha visível para o Outro que é, particularmente, a figura materna, remetem então a um aspecto especular da menstruação, através da qual uma suposta falha pode ser vista (p. 26).

Para a adolescente, destaca Rassial (1999), “vem se confirmar o fato de que ela existe por causa do que ela não tem, que a renúncia fálica não era para ela uma simples transição, mas que é apenas isto que a faz existir em relação ao Outro” (p. 50).

Por meio desta especularidade, prossegue o autor, oferecendo-se à apreciação de um olhar, que num primeiro momento pode ser não necessariamente sexuado, mas dirigido à mãe, baseia-se a exibição [*la parade*] feminina – traduzida pela atração muito precoce da menina por jogos de maquiagem, por um determinado estilo de roupa etc. Deste modo, com relação ao falo, a adolescente “terá que se situar não como aquela que o possui, mas como aquela que o faz aparecer, mesmo que seja porque, trivialmente, é apresentando-se como desejável que ela permite o exercício fálico, no outro” (p. 26).

No caminho de *tornar-se uma mulher*, é necessário que a menina consinta em ficar tanto na posição de sujeito ativo, desejante, quanto na de objeto de desejo de um homem. A “devastação”, como uma contingência que pode tornar-se real ou não acontecer, especialmente na adolescência, aparece como o que pode fazer malograr este processo, processo de aceder à própria feminilidade.

De acordo com Lessana (2000), embora a “devastação” não se restrinja exclusivamente a essa fase da vida, podendo emergir também em outras ocasiões, manifesta-se como *crise de adolescência* na medida em que tanto a mãe como a filha vêm-se implicadas no processo de “tornar-se mulher” da

jovem, momento em que são desenhados em seu corpo os sinais anunciadores da futura mulher. Neste sentido, ocorre na puberdade uma retomada à prova do espelho no ponto em que o corpo feminino metamorfoseia-se, o que apela a novas identificações. Este “tornar-se mulher” é inquietante e enigmático: qual é o traço “mulher” visível na imagem? (p. 14 e 397; grifos meus).

Assim, se para Rassial (1999), uma das questões da adolescência é a comparação e a confrontação com a imagem do genitor do mesmo sexo (p. 27), é possível pensá-la como um momento muito propício para que a contingência da “devastação” possa concretizar-se, já que no caso do par mãe e filha, segundo Lessana (2000), “o gozo sexual feminino não oferece nenhum traço visível no espelho daquela que lhe é semelhante” (p. 398).

Antes desta investigação passar ao exame, com os desenvolvimentos teóricos de Lacan e de seus comentaristas sobre a contingência da “devastação” na relação mãe-filha, questão central desta pesquisa, propõe-se retomar no capítulo seguinte algumas construções freudianas sobre a trajetória de *tornar-se mulher*. Também propõe-se localizar, na obra de Freud – embora o autor não tenha utilizado o termo “devastação” para qualificar a relação mãe-filha e não a tenha situado sobre o mesmo ponto que Lacan – qual a especificidade da sexualidade feminina que pode induzir no sentido de tornar real esta contingência.

CAPÍTULO 3

A CONSTITUIÇÃO PSICOSSEXUAL FEMININA NA PERSPECTIVA DA TEORIA FREUDIANA

*...Não esqueci de nada? perguntou a mãe.
Também a Catarina parecia que haviam esquecido de alguma coisa, e ambas se olhavam atônitas – porque se realmente haviam esquecido, agora era tarde demais. Uma mulher arrastava uma criança, a criança chorava, novamente a campainha da Estação soou... Mamãe, disse a mulher. Que coisa tinham esquecido de dizer uma a outra, e agora era tarde demais. Parecia-lhe que deveriam ter dito assim: sou tua mãe, Catarina. E ela deveria ter respondido: e eu sou tua filha.
(Lispector, 1983, p. 111)*

Este capítulo tem como objetivo investigar algumas questões propostas por Freud em relação à constituição psicossexual feminina, conferindo maior destaque à problemática da relação mãe-filha. Tendo esta meta em vista, serão enfatizados, em sua obra, os textos elaborados a partir de 1923, já que Freud, começa, a partir desta data, a observar mais atentamente as vicissitudes implicadas no complexo de Édipo feminino, ao invés de considerá-lo apenas em termos de um *mutatis mutandis* em relação ao complexo de Édipo masculino.

Também ao longo deste capítulo buscar-se-á discorrer tanto a respeito de alguns avanços como de alguns impasses freudianos em torno da questão da feminilidade, além de indicar a partir de quais pontos Jacques Lacan, naquilo que propôs com um “retorno a Freud”, pôde ancorar algumas das suas principais construções teóricas sobre a lógica da sexuação do lado feminino. Este capítulo não pretende, no entanto, trazer e discutir as idéias

de Lacan, mas sim refletir sobre quais pontos da teoria freudiana o autor pôde apoiar-se e desenvolver alguns aspectos de sua teoria que trazem conseqüências importantes para o entendimento da questão da feminilidade.

De acordo com André (1998), a genialidade de Freud é a de haver considerado que, no que diz respeito à questão da feminilidade, assim como da masculinidade, as considerações anatômicas não são de ajuda alguma, de onde se pode extrair, que “a realidade do sexo não é o real do órgão anatômico” (p. 11). Nas palavras do próprio Freud (1933[1932]) “(...) aquilo que constitui a masculinidade ou a feminilidade é uma característica desconhecida que foge ao alcance da anatomia” (p. 115).

Assim, sobre o processo de constituição psicosssexual feminino, Freud (1933[1932]) propõe que à psicanálise não interessa descrever o que é a mulher, mas sim compreender como a criança dotada de disposição sexual *torna-se mulher* (p. 117).

André (1998) acentua dois diferentes momentos na teoria freudiana em relação a esta realidade do sexo que não é definida pelo real do dado anatômico. No primeiro, esta realidade, que Freud vai afirmar desde 1908, “só reconhece um único órgão, aquele que ele designa nesse momento de sua obra pelo termo “pênis”. Para a criança, deste ponto de vista, é a partir desta ignorância inicial, deste “não-saber” – que “vai bem mais além da de um erro, uma mentira ou uma dissimulação” (p. 11) – onde irão se alojar as primeiras teorias sexuais infantis.

De acordo com Freud (1908), as palavras de um menino, ao visualizar os genitais de sua irmã “demonstram que o seu preconceito já é suficientemente forte para falsear uma percepção” (p. 196). Assim, não constatando em absoluto a ausência de pênis, invariavelmente comenta, à guisa de consolo e de conciliação, que “o dela ainda é muito pequeno, mas vai aumentar quando ela crescer” (ibid.).

Já em um segundo momento de sua obra, inaugurado com o artigo “A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade”, (1923b), Freud, ao considerar a aproximação da vida sexual das crianças com a dos adultos, seja em relação à escolha objetal, seja pela significação dominante adquirida sobre seus genitais e a atividade sobre eles exercida “mesmo não se realizando uma combinação adequada dos instintos parciais sob a primazia dos órgãos genitais”, afirma que

(...) a característica principal dessa “organização genital infantil” é sua *diferença* da organização genital final da do adulto. Ela consiste no fato de, para ambos os sexos, entrar em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do *falo*. (p. 158)

Nesse mesmo artigo, Freud destaca que diante dos órgãos sexuais de uma menina, a criança do sexo masculino, num primeiro momento, ainda persiste na crença de que vê um pênis, encobrendo a contradição entre a observação e o preconceito ao dizer-se a si mesma que o pênis ainda é

pequeno, mas que com o tempo crescerá; lentamente, porém, o menino chega à conclusão “emocionalmente significativa de que, afinal de contas, o pênis pelo menos estivera lá, antes, e fora retirado depois”. Assim, a ausência de um pênis é observada como resultado da castração e, daí por diante “a criança se defronta com a tarefa de chegar a um acordo com a castração em relação a si própria” (p. 159).

André (1998) coloca que Freud, ao abandonar em 1923 a abordagem de 1908, e ao acentuar ainda mais a questão da existência de uma ignorância fundamental do sexo feminino, agrava a importância dos desvios da teoria no sentido de que, com a descoberta do primado do falo, “é a própria castração, ou seja, aquilo que forma o núcleo do saber do qual o psicanalista espera os efeitos de verdade, que vem ocupar o lugar onde se elaboravam as teorias sexuais infantis” (p. 12).

Neste sentido, Safouan (1977), ao introduzir a dimensão do narcisismo em sua articulação à noção de falicismo, propõe, a partir de sua leitura da teoria de Freud que

(...) o sujeito, qualquer que seja o seu sexo, não tem nem poderia ter prazer com a sua imagem a não ser que encontre nela, ou acredite encontrar – mesmo que em pensamento, de maneira subtraída ao olhar – alguma coisa que responda ao que chamamos de *falo-monádico*, o que quer dizer (esta expressão não tem outro sentido), *que o sujeito se ama enquanto falo*, com o duplo sentido que a análise gramatical permite destacar. (p. 15)

A partir desta perspectiva, pode-se depreender a idéia de que é justamente sobre esta ilusão narcísica de *falo-monádico*, que remete o sujeito a encarnar o próprio objeto que completaria a mãe – ou seja, a resposta colocada ao enigma do desejo materno – em que “atuam” os conteúdos implicados no complexo de castração para ambos os sexos. A forma com que este processo se dá, no entanto, para um e para outro sexo, é que os engaja distintamente nesta relação com o falo, conforme ver-se-á a seguir.

Alguns anos mais tarde, na Conferência “Feminilidade” (1933[1932]), Freud aponta que “ambos os sexos parecem atravessar da mesma maneira as fases iniciais do desenvolvimento libidinal”, destacando que com a entrada na fase fálica, “as diferenças entre os sexos são totalmente eclipsadas pelas suas semelhanças” (p. 118). Assim, se nesse momento, o menino executa suas práticas masturbatórias relacionadas às suas idéias de relação sexual; a menina usufrui das mesmas em seu clitóris, com a vagina permanecendo desconhecida para ambos os sexos.

Sobre a natureza das relações libinais da menina com sua mãe, Freud (1933[1932]) argumenta que em todas as três fases da sexualidade infantil, estas assumem as diferentes características de cada uma delas, expressando-se por desejos orais, sádico-anais e fálicos. Estes, por sua vez, podem representar tanto impulsos ativos, como passivos (Freud, neste sentido, já advertia para que não se fizesse a associação dos pares conceituais atividade/passividade à masculinidade/feminilidade,

respectivamente), além de serem tomados por completa ambivalência. Destaca, entre estes desejos sexuais iniciais na fase fálica e estabelecidos, acima de qualquer dúvida, pela observação analítica, o desejo da menina de receber da mãe um filho, e o desejo correspondente de ela mesma ter um filho da mãe (p. 120).

A própria polaridade sexual, coincidente na oposição masculino e feminino, segundo Freud (1923b) somente se estabelecerá mais tarde, durante o período da puberdade. Já nas fases pré-genitais da libido e na fase fálica, as polaridades expressam-se das seguintes formas:

Uma primeira antítese é introduzida com a escolha de objeto, a qual, naturalmente, pressupõe um sujeito e um objeto. No estágio da organização pré-genital sádico-anal não existe ainda questão de masculino e feminino; a antítese entre *ativo* e *passivo* é a dominante. No estágio seguinte da organização genital infantil, sobre o qual agora temos conhecimento, existe *masculinidade*, mas não *feminilidade*. A antítese aqui é entre possuir um órgão genital *masculino* e ser *castrado*. (p. 161)

De acordo com André (1998) opera-se um deslizamento na teoria freudiana entre 1908 e 1923. Enquanto em 1908 Freud considerava que a criança do sexo masculino não constatava em absoluto a falta, como se a percepção não funcionasse, no artigo posterior observa que ela a constata – “pois que a nega e sente uma contradição” – entretanto, irá encobri-la,

“fazendo da falta um modo de existência do falo”. Dito de outro modo, continua o autor,

(...) não há senão um sexo, o falo, mas há dois modos de manifestação: ou a presença ou a ausência. O que significa que a falta de pênis, se reconhecida é enquanto falo (a menos) e não enquanto sexo feminino. A castração constitui assim aquilo que exclui – ou, para retomar um termo lacaniano, aquilo que *fora clui* – o sexo feminino como tal. (...) Quando Freud conclui que o *sexo feminino não é jamais descoberto* (...) ele não entende por isso que menino e menina não tenham consciência da *materialidade* da vagina. Basta observá-las para se dar conta de que as crianças se entregam muito precocemente a explorações que não deixam qualquer dúvida quanto ao seu conhecimento de anatomia. Mas a descoberta freudiana implica que essas constatações não são *significadas* no inconsciente como oposição entre dois sexos complementares. A vagina é bem conhecida como órgão, pedaço do corpo, mas não é reconhecida a nível significante como sexo feminino. (p. 12-13)

Apesar do “salto” teórico dado entre 1908 e 1923, ao concluir que o menino compreende o sexo feminino como ausência de pênis, ou seja, como falo (a menos), Freud (1923, p. 158) lamenta não poder esclarecer o exame do processo correspondente para a menina.

De acordo com André (1998, p. 173, 174), somente dois anos mais tarde, em “Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os

sexos”, de 1925, Freud começa a demarcar a forma através da qual o primado do falo se revela para um e para outro sexo.

No artigo de 1925, Freud destaca, neste sentido, “um contraste interessante entre o comportamento dos dois sexos”. Assim, enquanto o menino se conduz de forma irresoluta, a menina, por sua vez, comporta-se diferentemente. Ela “faz seu juízo e toma sua decisão num instante. Ela o viu, sabe que não o tem e quer tê-lo” (p. 281).

Tal descoberta, segundo André (1998) inscreve-se “no registro de *falta* para o menino e no registro do *véu* para a menina”. Deste modo, “o ingresso na problemática da castração ocorre para ambos, mas não ao mesmo nível”. Do lado da menina, “a anatomia do outro sexo lhe oferece um *signo* indiscutível, sobre o qual ela pode se apoiar para concluir, sem passar pelo tempo de compreender ao qual o menino é condenado”. Esta evidência, entretanto, não é menos enganosa do que a ausência de signo que é encontrada pelo menino. Para ela, “o signo do pênis desempenha (...) o papel de uma tela que oculta a natureza de sua própria falta”. Assim, enquanto a criança do sexo masculino “se introduz aí pelo viés do simbólico”, no caso da criança do sexo feminino, aborda-se “o sexo oposto por uma *imaginarização*” através da qual a menina “atribui ao pênis a função de signo de uma identidade sexual da qual se sente privada” (p. 174).

Se meninos e meninas situam-se em relação à castração de formas distintas, também o modo como esta articula-se às estruturas edípicas revela uma *dessimetria* fundamental. Neste sentido, Freud (1925) aponta que

“enquanto, nos meninos, o complexo de Édipo é destruído pelo complexo de castração, nas meninas ele se faz possível e é introduzido através do complexo de castração” (p. 285).

No mesmo artigo, Freud entretanto ressalta que nas meninas o complexo de Édipo suscita um problema a mais do que nos meninos já que, para ambos, “a mãe é o objeto original” e que não constitui causa de espanto algum que os meninos conservem esse objeto. Pergunta-se, então, “como ocorre (...) que as meninas o abandonem e, ao invés, tomem o pai como objeto?” (p. 280).

Paralela a esta mudança de vinculação da mãe para o pai, para que a menina possa ingressar no complexo de Édipo positivo, de acordo com Freud (1933[1932]), é necessário também que o clitóris – principal zona erógena das meninas na fase fálica – transfira sua sensibilidade, total ou parcialmente, e ao mesmo tempo também sua importância, para a vagina (p. 119). Assim, pela teoria freudiana conclui-se o caminho que conduz a menina em direção à constituição da feminilidade exige uma dupla renúncia, tanto de objeto, como de zona erógena.

Neste sentido, de um “destino normal” da constituição psicosexual feminina, conforme preconizado por Freud, incluir como pré-requisito a transmissão de erogeneidade do clitóris para a vagina, Safouan (1977) observa que a erogeneidade vaginal não lhe parece, obrigatoriamente, indício de normalidade, assim como a clitoridiana, ao contrário, de alguma anormalidade. Referindo-se a algumas conclusões propostas por Mary Jane

Sherfey, em *The Nature of Female Sexuality*, o autor concorda com a noção de que uma transmissão do potencial orgásmico do clitóris para a vagina é uma visão mítica da feminilidade, inclusive do ponto de vista da biologia. Conclui, então, que “o que é essencial do ponto de vista da psicanálise, (...), não é a transformação do clitoridiano em vaginal, mas da libido *auto-erótica* em libido *objetal*” (p. 17).

Continuando, Safouan (1977) destaca que tanto para o menino como para a menina, é imposta uma dupla renúncia: à mãe, por um lado e a masturbação, por outro, estando a particularidade da evolução sexual da criança do sexo feminino “na orientação de seu desejo para um objeto de sexo diferente do da mãe” (p. 17-18).

A partir do ponto em que observa o término da vinculação da menina com a mãe, Freud começa a se questionar sobre o que torna esse afastamento capaz, indo ao encontro da fase “pré-edipiana”, assim designada por ele em alguns momentos de sua obra.

Deste modo, apesar de Freud ter especialmente em seu texto “Sexualidade Femina” (1931), apontado para a intensidade e a duração em relação à menina, de uma “fase de ligação exclusiva à mãe” – o que comparou com “a descoberta (...) da civilização mino-miceniana por detrás da civilização da Grécia” (p. 234) – e a chamado, em alguns momentos, de fase “pré-edipiana”, tomar-se-á aqui a mesma como componente do complexo de Édipo completo, o qual, nas próprias palavras de Freud, agora em “O ego e o id” (1923a), “é dúplice, positivo e negativo, e devido à

bissexualidade originalmente presente na criança” (p. 45). Assim, considerar-se-á nesta investigação, esta fase em que há o predomínio de uma intensa e apaixonada ligação da menina com a mãe, como um período dominado pelo complexo de Édipo em sua forma negativa.

No sentido de compreender a fase de intensa vinculação da menina com a mãe enquanto uma componente negativa do complexo de Édipo, destaca-se a participação paterna já nos primórdios da constituição psíquica do sujeito. Em “Sobre o narcisismo: uma introdução”, de 1914, Freud aponta para a transformação em amor objetal do próprio narcisismo outrora abandonado *dos pais* e que é, por meio da relação com os filhos, reproduzido e revivido (p. 97-98; grifos meus). Outro ponto a ser considerado é o que Freud (1923a), trata como uma primeira identificação *direta e imediata*, ocorrida na mais tenra infância – anterior a qualquer inscrição em termos de uma diferença sexual – e que se dá, novamente, tanto com a figura paterna, quanto com a materna (p. 43-44; grifos meus).

Considerar a relação primordial da filha com sua mãe uma componente do complexo de Édipo em sua vertente negativa, não significa, no entanto, desconsiderar o lugar fundamental que é ocupado por esta relação na trajetória de uma menina em *tornar-se mulher*. Em “Sexualidade Feminina” (1931), Freud ressalta que se é possível, por um lado, “ampliar o conteúdo do complexo de Édipo de modo a incluir todas as relações da criança com ambos os genitores”, por outro, pode-se dizer “que a mulher só atinge a

normal situação edipiana positiva depois de ter superado um período anterior que é governado pelo complexo negativo” (p. 234).

É importante destacar que nesse mesmo texto, Freud deixa claro o abandono de qualquer expectativa quanto a um paralelismo nítido entre o processo de constituição psicosexual masculino e o feminino (ibid.).

A mudança de vinculação do objeto materno para o paterno, no caso da menina, é acompanhada por algumas “queixas” em relação à mãe. Surgem, segundo Freud (1933[1932]), as seguintes acusações: a de que esta deu à criança muito pouco leite – censura que lhe é feita como falta de amor; a rivalidade entre irmãos, sob a alegação de que todos os cuidados maternos iam ao encontro do intruso e recém-chegado irmão e, por fim, a de iniciar a criança em sua atividade sexual, a masturbação, e depois tê-la censurado por fazê-lo. O autor destaca, no entanto, que estes fatores também estão presentes no menino, e que mesmo assim não são capazes de afastá-lo da figura materna (p. 122-124).

Freud (1931) atribui a esses desapontamentos, comuns a crianças de ambos os sexos, as próprias circunstâncias do amor infantil: ciumento (no qual, entre outras pessoas, a figura paterna encontra também seu lugar), ilimitado e incapaz de satisfação completa, estando por isso mesmo condenado a ceder lugar a uma atitude hostil (p. 239).

Se tais acusações são atuantes também no menino, Freud (1933[1932]) questiona-se quanto à existência de um fator que esteja presente, ou, ao

menos, que esteja presente não da mesma maneira na menina, e que seja capaz de explicar o término de sua intensa vinculação com a mãe.

É neste ponto que o complexo de castração, dentro da perspectiva da teoria freudiana, articula-se com o complexo de Édipo feminino. O complexo de castração, na menina, põe fim ao complexo de Édipo negativo, afastando-a da figura materna e impulsionando-a à vinculação com o pai. Nas palavras de Freud (1931), “(...) ao final dessa primeira fase de ligação à mãe, emerge, como motivo mais forte para a menina se afastar dela, a censura por a mãe não lhe ter dado um pênis apropriado, isto é, tê-la trazido ao mundo como mulher” (p. 241-242).

Se o ressentimento da menina com relação à mãe, segundo Freud (1925) ao tê-la trazido ao mundo “assim tão insuficientemente aparelhada” (p. 283), em um primeiro momento, é considerado

(...) como um infortúnio peculiar a ela própria; só mais tarde compreende que ela se estende a certas outras crianças e, por fim, a certos adultos. Quando vem a compreender a natureza geral dessa característica, disso decorre a feminilidade – e com ela, naturalmente, sua mãe – sofrer uma grande depreciação a seus olhos. (p. 241)

A partir da leitura freudiana, compreende-se que são os conteúdos associados ao complexo de castração, que permitem à menina o término dessa fase dominada pelo complexo de Édipo negativo. De acordo com

Freud (1933[1932]), “seu amor estava dirigido à mãe fálica; com a descoberta de que sua mãe é castrada, torna-se possível abandoná-la como objeto, de modo que os motivos de hostilidade, que há muito se vinham acumulando, assumem o domínio da situação” (p. 126).

Na perspectiva da teoria de Freud pode-se situar a “devastação” mãe-filha, questão central desta investigação, segundo Zarowsky (2006), ao lado da noção de reivindicação fálica. A figura materna é imediatamente considerada “como responsável por essa falta, pelo fato de a criança, (...), imaginar que ela tem (o pênis), mesmo se escondido” (p. 273).

De acordo com André (1998), a menina, ao acreditar que a mãe não lhe deu um “verdadeiro órgão genital”, sente-se então, “desprovida de um signo indiscutível de sua própria identidade sexuada” (p. 177). O sexo feminino permanece, segundo Freud, não descoberto, e isso nos dois sentidos, próprio e figurado do termo. Essa ausência de identidade apenas deixa, como via possível à identificação feminina, a identificação à mãe. “Maternidade”, destaca André, entretanto, “não é ‘feminilidade’ e, de resto, a identificação à mãe é fundamentalmente ambivalente, já que a mãe é também privada de pênis, e portanto essencialmente desvalorizada para a filha” (ibid.).

Este alinhamento da mulher à mãe, do ponto de vista desta investigação, é considerado um dos pontos mais controversos da teoria freudiana em torno da questão da feminilidade. No capítulo seguinte, ao tratar da “devastação” na relação mãe-filha, esta discussão será aprofundada ao se colocar em

relevo a questão do desdobramento do sujeito feminino entre a mulher e a mãe.

Com o ingresso no complexo de Édipo positivo, o voltar-se da filha para o pai ocorre, num primeiro momento, na “esperança” de receber deste o pênis desejado e outrora negado pela figura materna. O caminho que se abre em direção à feminilidade, no entanto, de acordo com Freud (1933[1932]), somente se estabelece caso não tenham sido perdidos demasiados elementos por meio da repressão, e se o desejo de pênis for substituído, consoante uma primitiva equivalência simbólica, pelo desejo de um bebê (p. 127-128).

A mudança de vinculação da menina, da mãe para o pai, com seu ingresso no complexo de Édipo positivo, também é acompanhada, segundo Freud (1931), “por um acentuado abaixamento dos impulsos sexuais ativos e uma ascensão dos passivos”. Por meio da repressão de uma masculinidade prévia e do abandono da masturbação clitoriana, as tendências ativas “foram mais intensamente afetadas pela frustração; revelaram-se totalmente irrealizáveis e, portanto, são mais prontamente abandonadas pela libido”. Tampouco, entretanto, as tendências passivas puderam escapar ao desapontamento, já que “uma parte considerável de suas tendências sexuais em geral fica também permanentemente danificada” (p. 247). Deste modo, ainda segundo o autor:

A transição para o objeto paterno é realizada com o auxílio das tendências passivas, na medida em que escaparam à catástrofe.

O caminho para o desenvolvimento da feminilidade está agora aberto à menina, até onde não se ache restrito pelos remanescentes da ligação pré-edipiana (sic!) à mãe, ligação que superou. (ibid.)

Esta ascensão dos impulsos passivos e o declínio dos impulsos ativos, não significa – neste ponto da teoria freudiana, no desenvolvimento da menina – que a feminilidade esteja, daí por diante, associada com a passividade. É uma masculinidade prévia, própria da fase fálica, que necessita ser em parte abandonada, abrindo caminho para a feminilidade.

Neste sentido, Freud (1933[1932]) aponta que “poder-se-ia considerar característica psicológica da feminilidade dar preferência a fins passivos”. Adverte no entanto, que para alcançar estes fins – distinguindo-os da passividade – “pode ser necessária grande quantidade de atividade” (p. 116).

Embora no percurso que conduz a menina a alcançar a feminilidade, a inveja do pênis tenha de ser renunciada, Freud (1933[1932]) anuncia que “(...) em seu quadro combinado de ‘um bebê de seu pai’”, a ênfase recai sobre o primeiro, com o pai ficando em segundo plano. Deste modo, segue ligeiramente identificando neste desejo substituto de um bebê, “o antigo desejo masculino de posse de um pênis” (p. 128); propondo considerá-lo um desejo feminino por excelência.

A mãe passa não apenas a ser vista pela filha como aquela que lhe negou o pênis almejado, revelando-se ela própria castrada; neste movimento

também é tomada como sua rival frente à figura paterna edipiana. Nos dizeres de Freud (1933[1932]):

Com a transferência, para o pai, do desejo de um pênis-bebê, a menina inicia a situação no complexo de Édipo. A hostilidade contra sua mãe, que não precisa ser novamente criada, agora se intensifica muito, de vez que esta se torna rival da menina, rival que recebe do pai tudo que dele deseja. (ibid.)

Estabelece-se para a menina, neste momento, uma dialética identificatória que impõe que ela preserve a mãe enquanto objeto de identificação quando mais a odeia. Sobre esta condição, Freud (1933[1932]) revela o seguinte aspecto:

A identificação de uma mulher com sua mãe permite-nos distinguir duas camadas: a pré-edipiana (sic!), sobre a qual se apóia a vinculação afetuosa com a mãe e esta é tomada como modelo, e a camada subsequente, advinda do complexo de Édipo, que procura eliminar a mãe e tomar-lhe o lugar junto ao pai. Sem dúvida justifica-se dizermos que muita coisa de ambas subsiste no futuro e que nenhuma das duas é adequadamente superada no curso do desenvolvimento. (p. 133)

De acordo com André (1998) ocorre, para a menina, uma contradição entre o caminho que lhe é indicado por meio da metáfora paterna e a posição edipiana propriamente dita, pois no momento em que é levada a rejeitar a

figura materna como objeto de amor e, conseqüentemente, quando mais a hostiliza, é que deve, no entanto, identificar-se com ela a fim de ocupar sua posição feminina frente ao pai. Deste modo, “a dificuldade própria ao Édipo feminino está ligada (...) ao fato de que este implica em que se conserve, a título de identificação, o elemento que deve ser abandonado a título de objeto de amor” (p. 182).

O complexo de Édipo nas meninas, segundo Freud (1931) constitui “o resultado final de um desenvolvimento bastante demorado” (p. 238). O fato de o complexo de castração criá-lo, e não destruí-lo – como é o caso dos meninos – faz com que as mulheres, com muita frequência, de modo algum o superem, nele permanecendo por tempo indeterminado. Freud (1924a) diz ter a impressão de que ele é então gradativamente abandonado, à medida que o desejo de receber do pai um bebê jamais se realiza (p. 198).

No entanto, frente à angústia de castração, de acordo com a teoria freudiana, podem partir outras possíveis “linhas” de desenvolvimento, as quais são destinos diferentes da feminilidade: o complexo de masculinidade, no qual a menina não supera a inveja do pênis e a inibição da sexualidade como um todo. É importante acrescentar que juntamente com estes três destinos apontados, há ainda um quarto: a psicose, quando a menina recusa a castração.

Conforme visto no decorrer deste capítulo, de acordo com os desenvolvimentos teóricos freudianos, a resolução do complexo de Édipo positivo, no caso da menina, parece vincular-se ao que a filha pôde elaborar

durante um período precedente dominado pelo complexo de Édipo negativo. Em “Feminilidade” (1933[1932]), Freud havia constatado o quanto a figura paterna podia estar apenas no lugar de “herdeiro” da relação com a mãe, dizendo desconhecer, até aquele momento, o quanto essa fase de ligação intensa da menina com a mãe podia deixar atrás de si tantas oportunidades para neuroses e fixações (p. 120). Devido à importância a ela atribuída, Freud (1931) chega até mesmo a colocar em questão a universalidade da tese segundo a qual considerava o Édipo (em referência ao complexo de Édipo positivo, em que o pai é tomado como objeto de amor e a mãe como rival) como complexo nuclear das neuroses (p. 234).

Ao comentar estas “passagens” da obra freudiana, André (1998) questiona-se quanto à forma como se deveria avaliar hoje o termo “pré-edipiano” através do qual Freud qualificou essa relação primária com a mãe, (embora considere-se, nesta investigação, fazer maior sentido utilizar a expressão “complexo de Édipo negativo”; importa nesta colocação, justamente o sentido atribuído pelo autor a esta fase de vinculação intensa da menina à mãe) “senão aproximando-a daquela que liga a criança ao primeiro grande Outro, o Outro materno, aquele que Lacan apresenta como ainda não desdobrado ou dividido pelo lugar da Lei?” (p. 181).

Neste caso, aponta André (1998), a troca de objeto da mãe para o pai, no caso da menina, parece representar mais uma ligação da ordem da *metonímia* ou de *desdobramentos* do que propriamente de uma *metáfora* ou de *substituições* (p. 187). Continuando, o autor sustenta que:

Haveria, então, na menina, a persistência de uma relação ao Outro que “normalmente” caduca pela intervenção da metáfora paterna. É preciso que aqui avancemos com prudência, e não nos apressemos em tirar conclusões muito gerais. Não se trata, é claro, de sustentar que as meninas não sejam sujeitas à metáfora paterna – o que equivaleria a dizer que as mulheres são psicóticas. Mesmo assim, alguma coisa dessa ordem se produz. O pai não se impõe verdadeiramente como metáfora no destino feminino, ou, mais exatamente, a filha é *não toda* assujeitada a essa função de metáfora. Para ela, a instância paterna não faz desaparecer, não condena ao esquecimento o primeiro Outro materno. Parece que é antes enquanto sempre suscetível de se reduzir a uma metonímia da mãe que o pai encontra seu lugar no Édipo feminino, reencontrando assim o estatuto que era inicialmente o seu (...). (p. 181)

Esta limitação, segundo André (1998), para o alcance da metáfora paterna, no caso da menina, não é sem razão, pois,

(...) se a função do pai consiste em introduzir o sujeito na lei do falo, e se este significante do falo é insuficiente, por definição, para significar aquilo que seria a feminilidade propriamente dita, o resultado é que a significação induzida pela metáfora paterna fica sempre incompleta, insuficiente para atribuir a um sujeito seu lugar de mulher. (ibid.)

Assim como o menino, a menina irá exatamente se assujeitar à lei fálica introduzida pela função paterna. No entanto, esta lei nem por isso irá operar por inteiro, e conseqüentemente, a menina situar-se-á simultaneamente dentro e, também em parte, fora dela (ibid.).

Do ponto de vista desta investigação, algumas construções de Lacan a respeito da lógica da sexuação do lado feminino, e que incluem noções tais como as de um gozo outro, a impossível simbolização do sexo feminino e a questão da mulher ser *não-toda* inscrita pela função fálica (pontos que serão melhor abordados no próximo capítulo), permitem superar alguns impasses da teoria freudiana que acabam por aprisionar *A Mulher* dentro de um circuito fálico em que a castração é tomada como referente único para a construção da feminilidade, para o *tornar-se mulher*.

De acordo com Roudinesco (1994), logo após ter introduzido em 1972, com base na topologia, o nó borromeano, e ao mesmo tempo pretendendo responder aos argumentos dos movimentos feministas “que não haviam cessado de criticar o falocentrismo freudiano”; Lacan pôs-se a construir as chamadas *fórmulas da sexuação* (p. 369).

Deste modo, quatro proposições foram estabelecidas. Ao constatar que as duas primeiras (não se pretende citá-las aqui) serviam para definir a identidade feminina, de um lado e a identidade masculina, de outro, Lacan indicava que não podia haver complementaridade num domínio onde reinava sempre a diferença, que indicava, antes, um lugar de impasse (ibid.). Na quarta proposição, por sua vez, ainda de acordo com Roudinesco (1994):

(...) Lacan sublinhava assim o princípio, no inconsciente, de uma dissimetria radical entre a identidade sexual masculina e a feminina. Para as mulheres, dizia, não existe limite ao gozo. Em consequência, a mulher, no sentido do universal ou da “natureza feminina” não existe. Donde a fórmula: “A mulher não existe”, ou ainda: “A mulher é não toda”. Quanto ao gozo feminino ele se define por ser um gozo “suplementar”. A ausência de complementaridade entre os dois modos da identidade sexual era traduzida por Lacan da seguinte forma: “Não há relação sexual”.
(p. 370)

Apesar de não negar a opressão masculina nessas fórmulas, Lacan tomava em sentido contrário as teses feministas clássicas que consideravam *as mulheres* vítimas, destacando o quanto essa opressão podia transformar-se em seu contrário à medida que, do ponto de vista do inconsciente, a relação entre os sexos era comandada pelo princípio de uma radical dessimetria. Deste modo, Lacan tratava “de mostrar a que ponto a potência feminina era esmagadora em relação à fragilidade fálica”. Assim, apesar de ter conservado, “com Freud e contra Jones”, a noção de um falicismo original e de uma libido única, “corrigia-a por meio da tese de ‘suplemento’, que lhe fora inspirada por Bataille, pelos surrealistas e por seu convívio com a loucura feminina” (ibid.; grifos meus).

André (1998) questiona: “quando Lacan enuncia que ‘A mulher não existe’, não seria esta uma forma de retomar a tese freudiana segundo a qual a feminilidade não é um ser, mas um se tornar?”. E continua, “mais do que

uma retomada, é uma verdadeira solução para o impasse freudiano que assim se esboça”. No entanto, enquanto Freud apoiava-se “na divergência de repercursão do complexo de castração no menino e na menina”, Lacan, ao apresentar a lógica do significante no inconsciente “permite trazer este *tornar-se*, do horizonte longínquo (e no mínimo hipotético) de um desenvolvimento para os efeitos do significante”. Lacan, porém, não confere à castração o mesmo valor que Freud, “para quem o furo do sexo feminino é inteiramente recoberto, inteiramente ‘eufemizado’ pela castração” (p. 27-28). Continuando, a autor destaca que:

Para Lacan, entre o furo e a castração, a relação não é de simples recobrimento. Isso por um motivo que a lógica do significante permite estabelecer: o furo não deve ser considerado como anterior ao significante que vem nomeá-lo (e malográ-lo). O furo não aparece como tal senão pelo significante que recorta suas bordas e o produz com seu exterior, O significante, em outras palavras, não faz só significar, tem também como efeito o relançamento: o falo não camufla o furo, fá-lo surgir como seu mais além. Este paradigma, que nos oferece uma nova chave para a leitura do complexo de castração, Lacan o exprime lindamente no início do livro XI de seu *Seminário*: ‘Onde está o fundo? É a ausência? Não. A rutura, a fenda, traço de abertura, faz surgir a ausência – como o grito não se perfila sobre o fundo do silêncio, mas ao contrário, fá-lo surgir como silêncio’. Se for seguida essa indicação – que delimita o significante em sua função *criadora* – o falo e a castração não mais se colocam como

obstáculos à feminilidade, mas, ao contrário, como as condições para toda feminilidade possível. (ibid.)

A partir desta exposição parte-se, então, para a discussão sobre a “devastação” na relação mãe-filha, foco desta investigação. Se Freud a situa, no caso da menina, ao lado da noção de reivindicação fálica, no capítulo seguinte observar-se-á, com as idéias de Lacan e de seus comentadores, qual a “especificidade” da relação entre uma mãe e sua filha que, em determinados casos, pode vir a malograr toda feminilidade possível.

CAPÍTULO 4

A DEVASTAÇÃO: A RELAÇÃO MÃE-FILHA EM QUESTÃO

Mãe e filha. Que mistura terrível de sentimentos, confusão e destruição.

Tudo é possível e tudo se faz por amor e por preocupação.

As cicatrizes da mãe são passadas para a filha.

A infelicidade da mãe é a infelicidade da filha.

Parece que o cordão umbilical nunca foi cortado.

É isso? É isso? Será que a infelicidade da filha é o triunfo da mãe?

Mamãe será que minha tristeza é sua satisfação secreta?

(Sonata de Outono)

A meta do presente capítulo é apresentar e desenvolver aspectos relativos à relação mãe-filha e a possibilidade da “devastação”. Em determinados momentos, conforme foi destacado na “Introdução” deste trabalho, aludir-se-á diretamente às idéias de Lacan. Na maior parte, entretanto, serão trazidas contribuições de alguns de seus intérpretes. Além de ter como propósito primeiro definir e situar a temática da “devastação” na relação mãe-filha, aqui, busca-se também levantar questões relacionadas ao desejo materno, ao gozo outro e à função da metáfora paterna.

Ao longo do seu ensino, Lacan recorreu diversas vezes à metáfora da “devastação”; apenas em duas ocasiões bem precisas, entretanto, utilizou-a para qualificar especificamente a relação mãe-filha. Na primeira delas, em “O Aturdido” (1972), texto contemporâneo ao seminário *Mais ainda...* (1972/73), em um período que supõe uma importante mudança teórica quanto à introdução das fórmulas lógicas da sexualização, e também na primeira das cinco “Conferências e entrevistas nas universidades norte-americanas”

(1975), quando, ao dirigir-se a um público universitário, faz um balanço da teoria psicanalítica e avança a respeito de algumas conclusões a que sua clínica o havia levado, uma delas sendo a da devastação mãe-filha (cf. Zarowsky, 2006, p. 267).

Desta forma, embora Lacan tenha recorrido diversas vezes e sob diferentes óticas à condição da “devastação”, nesta investigação o interesse volta-se em direção ao que possibilita pensar “o que há de escondido e enigmático na relação mãe-filha” (Uribe, 2002, p. 237).

É importante destacar que não há, em Lacan, menção alguma a respeito de uma “devastação” mãe-filho ou pai-filho (cf. Zarowsky, 2006, p. 267). Provavelmente isto se deve, no uso que ele faz do termo, ao fato de o mesmo não pertencer ao registro fálico (cf. Soler, 2006, p. 184).

Zarowsky (2006) alude que Lacan não aborda a “devastação” mãe-filha como “uma estrutura generalizável a todas as relações entre uma mãe e sua filha”. É algo como um jogo a dois isento de reciprocidade; a devastação vai da mãe em direção à filha. Na estrutura materna, “algo de seu gozo se revela à filha e vai induzir junto a esta uma fixação particular à mãe, que se traduzirá por reprovações e recriminações”. Embora estas últimas não devam ser consideradas em si mesmas pelo termo da “devastação” (p. 267).

Apesar do aspecto acima referido da “devastação” concernir a uma problemática que está relacionada ao desejo materno – embora, mais adiante, este aspecto da discussão seja melhor aprofundado – o fio condutor

desta investigação concentrar-se-á sobre os efeitos que provoca na filha, em sua trajetória para *tornar-se uma mulher*.

Conforme destaca Vanessa Brassier (2005), a “devastação”, “manifesta-se por um fracasso feminino, pela dificuldade (...) de poder ser ao mesmo tempo sujeito ativo e desejante na vida e objeto passivo de amor e de desejo para um homem” (p. 3).

No seminário *Mais, ainda...* (1972/73), Lacan elabora a idéia de um gozo outro (que também pode ser chamado de gozo Outro, gozo feminino ou gozo suplementar), que não passa pela cadeia significante e que se situa do lado feminino, na tábua da sexuação – o que não significa que apenas as mulheres tenham acesso a ele, os homens, sob determinadas condições, também o têm; neste sentido, ele dá o exemplo de São João da Cruz. Ao contrário do gozo fálico, que atravessa os objetos da pulsão e articula-se à cadeia significante, esse gozo outro não passa pela palavra, nem pode ser dito (cf. Zarowsky, 2006, p. 268).

Este gozo outro além do falo, do qual a mulher nada pode dizer, por sua vez, “impede que se faça das mulheres uma categoria universal, pois cada uma é ‘não-toda’ dentro do registro fálico” (p. 275). Nas palavras de Lacan (1972-73): “O ser sexuado dessas mulheres *não-todas* não passa pelo corpo, mas pelo que resulta de uma exigência lógica na fala” (p. 19).

Neste sentido, André (1998) coloca, a respeito da noção freudiana da vagina dever substituir o clitóris como zona genital, nas mulheres, em direção ao caminho que lhes conduz à feminilidade, que Freud “só pode conceber o

tornar-se mulher como um tornar-se *toda mulher*, quer dizer, como uma eliminação completa da sexualidade fálica” (p. 203; grifos meus).

Cada mulher constituir-se como única e não como parte de um conjunto, é um dos pontos que o caminho de *tornar-se mulher* proposto pela teoria freudiana pode ser “revisitado” e modificado, a partir da leitura de Lacan, para um *tornar-se **uma** mulher*. Esta perspectiva, por sua vez, confere um viés particular para a questão da relação mãe-filha e a possibilidade da “devastação”.

Embora Lacan tenha já encontrado, em Freud, a idéia de uma “devastação mãe-filha como um avatar da resolução do complexo de Édipo do lado da menina” (Zarowsky, 2006, p. 268), a forma como ambos situam a especificidade da sexualidade feminina que induz a essa “devastação” é distinta. Seguindo o rastro teórico de Freud pode-se localizar sua causa na reivindicação fálica, a partir da inveja do pênis. Assim, a “devastação” seria considerada um elemento estrutural. Já para Lacan, não o seria, pois o que entra em questão na “devastação” é o gozo Outro, no ponto em que a mulher relaciona-se com este gozo não articulado ao significante, pelo fato de que, para ela, há uma impossibilidade de enunciar o seu sexo (p. 273).

Na conferência “Feminilidade” (1932/33), Freud destaca que, se no caso do menino, o complexo de castração põe fim ao complexo de Édipo, no caso da menina o que acontece é quase o contrário. Ao invés de demoli-lo, é por meio de sua inveja do pênis que “a menina é forçada a abandonar a ligação com sua mãe (...) e entra na situação edipiana como se esta fora um refúgio”

(p. 129). Em outras palavras, para a criança do sexo feminino, são os conteúdos associados ao complexo de castração que preparam sua entrada no complexo de Édipo. Falta-lhe o “temor de castração”, razão principal pela qual o menino é levado a superar o seu complexo de Édipo, bem como o fato de elas nele permanecerem “por um tempo indeterminado”, destruindo-o tardiamente e, mesmo assim, de forma incompleta (ibid.).

Esta dessimetria fundamental do complexo de Édipo, para o menino e para a menina, situa-se, para Lacan, no nível do simbólico ou do significante. Assim, onde para o homem existe um símbolo bem prevalente, para a mulher o imaginário não oferece nada além de uma ausência; ou seja, não existe simbolização do sexo da mulher (cf. Zarowsky, 2006, p. 274).

Em “O Aturdito” (1972), Lacan toma um rumo diferente de Freud, ao considerar que

(...) a elucubração freudiana do complexo de Édipo, que faz da mulher peixe na água, pela castração ser nela ponto de partida (*Freud dixit*), contrasta dolorosamente com a realidade da devastação que constitui, na mulher, em sua maioria, a relação com a mãe de quem, como mulher, ela realmente parece esperar mais substância que do pai – o que não combina com ele ser segundo, nessa devastação. (p. 465)

É a partir deste ponto que Soler (2005) distingue a “devastação” da simples noção de reivindicação fálica. Apesar da primeira não excluir a segunda, podendo também combinarem-se, considera-as como bem

distintas ao questionar – em relação à ladainha de censuras que a filha é capaz de dirigir à mãe e que Freud reuniu todas na simples idéia da inveja do pênis – que

(...) além dessa dimensão reivindicatória, não haverá nisso a solicitação de que a mãe revele o segredo supremo? Não apenas o do *ágalma* feminino, sempre fálico, mas o do gozo que ex-siste, mas que o Outro não conhece, e pelo qual, portanto, conseqüentemente, a mulher apela para o Outro. (p. 186)

Em conferência intitulada “O infantil e o feminino”, Bernard Nominé (1997), ao propor uma releitura das teses de Freud a respeito da feminilidade, sendo uma delas a de que a menina, a partir de sua inveja do pênis, dirige-se ao objeto paterno com o auxílio de tendências passivas que puderam escapar de seu aniquilamento, sugere que há aí uma transferência de um saber, no sentido analítico mesmo do termo, à medida que, ao dirigir-se à figura paterna ela supõe um saber (p. 81).

Seguindo-se o pensamento de Freud, pode-se dizer que a filha afasta-se da mãe com a queixa de que esta não lhe deu um pênis. No entanto, o que a menina reivindica, de fato, é o gozo perdido, gozo que é procedente das tendências passivas. Desse modo, a inveja do pênis é um significante. Significante, cujo significado é, na realidade, este gozo passivo, dado que não há palavra nenhuma para traduzi-lo. Assim, a primeira reivindicação que uma filha faz à sua mãe, poderia ser esta: de um gozo que passou entre elas

e que se perdeu. No lugar disso, ela reivindica o que falta em sua imagem de forma mais chamativa, ou seja, o pênis (ibid., p. 81-82).

A menina deixa de reivindicar o pênis junto à figura materna quando aceita o fato de que ela não apenas não o tem, como também as palavras capazes de traduzir este gozo perdido. Ela então se dirige então ao pai, que tem sobretudo um falo, ou seja, que tem um significante para significar algo do desejo materno. Ao pai, portador do falo, a menina supõe um saber sobre o gozo materno. O aniquilamento total das tendências passivas aconteceria, no caso de estas serem traduzidas por completo em masculinidade, não deixando resto algum. Neste caso, a menina, às vezes jovem, e até mesmo certas mulheres, deter-se-iam-se agarrando-se a esta posição de inveja do pênis na esperança de que a mãe lhes desse tudo, ou seja, o gozo e as palavras para dizê-lo (ibid., p. 82-83).

Do ponto de vista desta investigação, a “devastação” na relação entre mãe e filha pode acontecer justamente quando a menina permanece fixada à figura materna à espera dessa resposta que é impossível ser formulada. Entretanto, enquanto uma contingência que pode tornar-se real ou não acontecer, apenas se pode observá-la por meio do sintoma. E, neste sentido, a “devastação” toma formas e graus distintos “caso-por-caso”.

A “devastação”, para Brassier (2005), “pode cobrir formas muito mais insidiosas, menos espetaculares, menos caricaturais”. Para que seja possível localizá-la no discurso do sujeito dentro do contexto clínico, é necessário dispensar estereótipos como os de um “cenário catástrofe, opondo uma mãe

que devora – a figura da ‘mãe má’ que fez flores na literatura analítica pós-freudiana – a uma filha fraca e submissa, vítima qualquer da chamada tirania materna" (p. 2).

Assim, independentemente da devastação manifestar-se como “êxtase, amor que asfixia ou ódio destrutivo” (ibid.), a autora propõe tratar-se dela sempre que, para uma filha, algo do laço materno primordial ressurgido faz malograr sua feminilidade. Pode-se também inverter os termos: dizer que se torna iminente, cada vez que, em ocasiões marcantes de sua vida, como um luto, uma ruptura amorosa, um fracasso profissional etc., vê-se regressivamente às voltas com esta relação e seus impasses (ibid.).

De acordo com Lessana (2000), mãe e filha, apesar da diferença de geração e de experiência entre uma e outra, acreditam que se assemelham como imagens por habitarem corpos eróticos específicos, objetos de desejo, atravessados por um suposto gozo sexual “feminino”. Esta similaridade imaginada dá-lhes a ilusão de uma cumplicidade da experiência feminina, da confiança íntima, de uma transparência de experiência – ainda que procurem opor estas ilusões, ou a defenderem-se (p. 398).

Há um “furo” no simbólico quanto à nomeação do sexo feminino e, nesse sentido, “a devastação entre mãe e filha é a prova que se coloca ao ponto onde a filha espera uma identificação feminina que se revela impossível” (p. 396). É exatamente este aspecto da relação entre uma mãe e sua filha, que não guarda semelhança alguma com a pergunta da transmissão pai-filho (ibid.).

Lessana (2000) afirma que para Lacan, no caso da menina “a busca do falo e o amor do pai viriam em segundo plano, seriam mesmo secundários, ao lado da dolorosa relação com a mãe, para uma mulher, ‘enquanto mulher’” (p. 9).

Ao interrogar sobre o sentido da expressão “mulher enquanto mulher”, a autora aponta então que a menina, depois a jovem, sobretudo na puberdade, se coloca essa questão. Com efeito, ela se interessa por aquilo que a aguarda “como mulher”, pelo seu “destino feminino” – dito assim pomposamente, como se isso pudesse existir (p. 9-10)¹.

O perigo da “devastação” anuncia-se quando a menina interpela a mãe em busca de alguma resposta e de uma confirmação a respeito de sua imagem “como mulher”. Quando não se dá conta de que a figura materna não tem como responder a tais questões, fica impossibilitada de constituir a sua própria feminilidade, permanecendo na posição de filha.

Para Soler (2005), o termo “devastação”, nomeia, essencialmente, “nada além dos efeitos patemáticos que o gozo outro induz no sujeito, e que se desdobram e se dividem entre a abolição subjetiva (...) e a absolutização correlativa do Outro” (p. 186).

Em uma relação devastadora entre mãe e filha “tem-se que lidar com uma inflação, um desenvolvimento do imaginário que obtura a eficácia simbólica, o qual, por sua vez, impede que o falo venha limitar o gozo” (Uribe, 2002, p. 239). Assim, emerge um pacto entre as duas, trazendo, como resultado, a

¹ “No entanto, habitar um corpo de fêmea e ser dita ‘mulher’, em qualquer língua que seja, não passam de abstrações” (Cf. Lessana, 2000, p. 9-10).

acentuação dos gozos fantasmáticos próprios ao primeiro tempo do Édipo, o que, para Lacan, equivale à fase que Freud denomina como “pré-edipiana”.

Pôde-se constatar, durante a elaboração desta investigação, que de forma geral há duas maneiras de os autores “olharem” para a problemática da “devastação”. Uma que a compreende como “inscrita no destino de qualquer mulher, pelo menos sob forma de potencialidade (...)” (Brassier, 2005, p. 2), outra, por um viés mais patológico, como comprometedora do sujeito e de sua autonomia.

Do ponto de vista desta pesquisa, a “devastação” pode conjugar estes dois aspectos. Enquanto uma contingência relacionada à trajetória de *tornar-se uma mulher*, pode ser considerada uma potencialidade. Por outro lado, quando se torna real – e observável apenas por meio do sintoma – pode atingir formas e graus tais sendo possível ocasionar muito sofrimento psíquico no sentido de que a filha não consegue aceder à sua própria feminilidade e relativizar este Outro materno.

Uribe (2002) refere-se a duas importantes dimensões da problemática da “devastação”: a do desejo materno e a da insuficiência da metáfora paterna (p. 237-238).

Essa autora menciona que no seminário *As formações do inconsciente*, Lacan refere-se à Lei da mãe “como uma lei incontrollável, que designa uma criança-a como assujeitada ao capricho de quem ela (ele) depende”. Em outras palavras, “a criança-a vai depender de um imperativo singular e arbitrário, do capricho que institui a mãe como onipotente”. Deste modo, ao

questionar-se a respeito do que o Outro dela deseja, esta depara-se com um “significante opaco, localizado num vazio em cujos limites se apóia, entre outras, uma ‘lei descontrolada’”. Em muitos casos, esta Lei materna, “impede a instauração da metáfora paterna pacificadora, a qual vem no lugar de uma ‘lei da lei’, capaz de ordenar e dialetizar a castração”. O Pai, como suposto portador do falo, “interdita à criança-a ser o falo imaginário da Mãe, a fim de que ela (ele) troque a inscrição da falta fálica pelo emblema e pelo ideal, que facilitarão a conquista da dimensão simbólica do falo” (ibid.).

O próprio termo “devastação”, “remete ao mal, à deterioração ou ao prejuízo com conotação mortífera devastadora”; o que caracteriza a relação mãe-filha em determinados casos. Assim, “de forma secreta e velada, essa relação desdenha, denigre e anula a lei paterna, a qual institui a lei para a mãe; além disso, implica que a mãe seja uma ‘mulher’ para o pai. Este ‘ser mulher’ a faz ‘não-toda mãe’” (p. 238).

De acordo com Miller (1998), a metáfora paterna – por meio da qual Lacan transcreveu o complexo de Édipo freudiano – não significa apenas que o Nome-do-Pai deve reprimir o desejo materno, “submetendo-o ao cabresto da lei”. Ela remete, também, “a uma divisão do desejo a qual impõe, nessa ordem do desejo, que o objeto criança não seja tudo para o sujeito materno”, o que significa a existência de uma condição de não-todo, que o desejo materno deve ser orientado para um homem e ser por ele atraído. É a partir deste viés, que impõe esta divisão do desejo, no caso, levada ao extremo e certamente pelo horror, que o autor recorre à tragédia de Medéia para ilustrar

que o amor materno “não se sustenta na reverência à pura lei do desejo, ou que só se sustenta nele se uma mulher, enquanto mãe, permanecer para um homem, a causa de seu desejo” (p. 7-8); assim é que quando Jasão vai embora, Medéia deixa de estar em tal posição.

Zarowsky (2006) comenta que no seminário *O Sintoma* (1976), Lacan, em sua última referência à palavra “devastação” (e sem tratar daquela que pode estar presente, especificamente, na relação entre uma mãe e sua filha), designa, “aquilo que dela existe estruturalmente na relação de um homem e de uma mulher” (p. 271). Assim, enquanto uma mulher é um sintoma para todo homem, este último, por sua vez, pela não equivalência do sintoma (o que justamente lhe caracteriza), é, para uma mulher, uma aflição, algo pior do que um sintoma; ou seja, a própria “devastação”. Existe “devastação” à medida que a mulher é dividida pelo gozo do homem que a faz objeto de seu desejo, o que produz nela efeitos de um gozo Outro (ibid.).

Este gozo que se tem da mulher, segundo Lacan (1972), “mesmo que se satisfaça a exigência de amor (...)”, divide-a, “fazendo-a parceira de sua solidão, enquanto a união permanece na soleira” (p. 467).

Nesta “devastação” que o homem produz em uma mulher pode-se observar dois diferentes sentidos, “entre deslumbramento e ruína”. Assim, segundo Zarowsky (2006) “encantada pelo desejo do homem com um efeito de ser e um efeito de des-ser pelo gozo produzido”, o sujeito fica preso entre uma pura ausência e uma pura sensibilidade. Por outro lado, pode-se também encontrar, “o efeito de devastação no efeito de ruína que anula (...) a

mulher como objeto de desejo de um homem, quando ele não faz desta mulher que ele tornou mãe, seu sintoma” (p. 272).

Nos dois fragmentos de casos clínicos expostos tanto por Zarowsky (2006, p. 269-270), como por Uribe (2002, p. 243-246), as filhas ainda muito jovens presenciaram cenas que assinalavam, para elas, o rebaixamento de suas mães perante o desejo paterno. Assim, para essas mulheres, suas mães permaneceram no lugar de dejetos na relação amorosa, sem tentarem jamais ir em busca de novos relacionamentos amorosos.

É no sentido de o homem não fazer da mulher que ele tornou mãe, seu sintoma, o objeto causa do seu desejo, que a metáfora paterna pode imbricar-se em uma relação “devastadora” entre uma mãe e sua filha. Nesta investigação, entretanto, compartilha-se da idéia de que a mãe, com a sua própria estrutura psíquica, pode preservar a sua condição de *não-toda* ao sustentar um desejo que esteja localizado “fora” da criança – mesmo frente à ausência da figura do pai de seus filhos(as), o que está se tornando cada vez mais comum na atualidade.

Segundo Miller (1998), a criança preenche e divide, e é essencial que não deixe de dividir, no sujeito feminino que tem acesso à função materna, a mãe e a mulher, sendo fundamental que a mãe deseje outras coisas além dela. Quando isto não ocorre, ou seja, quando o objeto criança não divide, ou ele sucumbe como dejetos do casal genitor, ou, então, pressionado pelo pai, pelo “falso pai” – incapaz de aceitar o não-todo que constitui a estrutura do desejo feminino – entra com a mãe numa relação dual onde encontra refúgio na

fantasia materna, “*fantasia de uma mãe negada como mulher*” (p. 8-10; grifos meus).

O sintoma da criança, na concepção de Lacan (1969), tanto pode representar a verdade do casal parental, pelo que é capaz de responder ao que existe de sintomático na estrutura familiar, como também o que diz respeito à subjetividade materna. Neste último caso, a criança permanece no lugar que Lacan denomina como objeto *a* na fantasia, saturando “o modo de falta em que se especifica o desejo (da mãe) qualquer que seja a sua estrutura especial: neurótica, perversa ou psicótica” (p. 5).

Para Nominé (1997), quando uma mulher tem um filho, isto é, uma criança real, esta, ao mesmo tempo em que vem ocupar o lugar de filho imaginário do pai, também encarna a metáfora da passividade perdida com a mãe. Conseqüentemente, esta criança carregará ela mesma a marca de uma dupla impossibilidade em cada mulher, ou seja, que não é possível gozar de sua própria mãe, que se escreve pequeno *a*, e que tampouco é possível ter um filho do pai. É esta dupla impossibilidade que permite à criança e à sua mãe evitar a catástrofe (p. 84).

Pode-se dizer, então, que a criança apóia-se em uma dupla função. Como falo, relaciona-se com o lado materno de sua mãe, e, como objeto *a*, com o lado feminino, o que supõe que ela seja produto do encontro sexual de seus pais, que tiveram de colocar em jogo *o pai e a mãe*, a fim de assegurar esta dupla função na criança. Neste encontro, é preciso que a mãe seja o sintoma do homem, que ele a aborde do lugar de objeto causa de seu

desejo. Assim sendo, é a versão de seu desejo, de que este seja sustentado por uma mulher, o que funda realmente sua função de pai (ibid., p. 85; grifos meus).

A castração materna, desta forma, diz respeito a uma *barra* que representa que não existe *A mulher*, a mulher toda, e que há um lugar vazio. Outro modo de dizer que não existe relação sexual. Esta *barra* figura a verdadeira castração materna, no sentido de que a mulher está dividida entre o papel de mulher que desempenha acerca do pai, e o de mãe que desempenha junto a seu filho (ibid., p. 87; grifos meus).

Deste modo, tanto o homem como a criança “estão encarregados do desdobramento do personagem materno”. Entretanto, quando apenas a criança está encarregada, sozinha, em uma posição perversa (já que o perverso é o único que busca desdobrar ou dividir o Outro) está sujeita ao perigo de fracassar e logo, de permanecer, para a figura materna, em um lugar de complemento que a faria *toda* (ibid., p. 88; grifos meus).

Assim, nesta pesquisa, compartilha-se do ponto de vista de que quando o homem não faz da mulher que ele tornou mãe, seu sintoma, cria maiores condições para que a “devastação” aconteça na medida em que deixa a criança sozinha, de uma posição perversa, conforme já referido anteriormente, incubida do desdobramento do sujeito materno. Situação que pode engendrar um alto risco de que ocorra a psicose, com a criança ficando em um lugar de complemento, de falo materno, ao oferecer, na relação dual com a mãe, nas palavras de Lacan (1969), “o que falta ao sujeito masculino:

o próprio objeto de sua existência, concretizando-se no real. Disso resulta que, na medida do que apresenta de real, ela é exposta a um maior suborno na fantasia” (p. 5).

Segundo Uribe (2002), é no sentido de uma falha na transmissão da metáfora paterna, tanto na condição de estabelecer uma lei para o desejo materno, quanto na de preservar sua condição de “não-todo”, que mãe e filha, por sua vez,

(...) tentam levar a vida evitando a função simbólica introduzida pelo falo, o qual, como um resíduo, resiste à transformação pela via analítica. Alguma coisa da ordem do real retorna e faz barreira à função fálica de dois modos: por meio da castração materna, obturada pelo falo que a filha representa para ela, e também da filha, que assume ser o falo imaginário para sua mãe, colocando em jogo uma ficção cujo único objetivo subterrâneo é devolver ao falo uma dimensão ilimitada e total... (p. 238-239)

Miller (1998), ao comentar o que Lacan propõe em “Duas notas sobre a criança”, destaca que os sintomas que se referem ao par familiar, embora mais complexos justamente por traduzir a articulação sintomática do casal, são mais sensíveis “à dialética que a intervenção do analista pode introduzir no caso”. Já o sintoma que diz respeito, essencialmente, à fantasia materna, embora bem mais simples, aparece de uma forma maciça e, no limite, “apresenta-se como um real indiferente ao esforço para mobilizá-lo pelo simbólico” (p. 8).

Ao refletir sobre o que Uribe (2002) destaca em relação ao surgimento em alguns sujeitos femininos, na clínica psicanalítica, de um “ponto de gozo que escapa à intervenção do analista e que assume, em certos casos, o caráter de uma ‘devastação’ insondável” (p. 240), pode-se pensar em um sintoma que diz respeito, particularmente, à fantasia materna. No caso da menina, a fixação sobre este gozo Outro, indizível, a impediria de seguir na seqüência de deslizamentos significantes que constituem a sua trajetória de *tornar-se uma mulher*, bem como também de resolver sua problemática identificatória, já que a figura materna não consegue suportar sua divisão, o seu desdobramento, entre mãe e mulher.

Em um primeiro tempo, a identificação viril com o pai, através do registro instituído pela intervenção simbólica paterna na relação mãe-criança, deixa tanto na criança do sexo masculino, como na do feminino, uma mesma marca. Entretanto, o destino dessa marca não será o mesmo em um e em outro caso. Para o menino, a identificação masculina recebida do pai é, *a priori*, uma resolução de seu complexo de Édipo, na medida em que estabelece sua separação com a mãe. Já para a menina, embora a identificação masculina seja necessária em termos estruturais, não é capaz de responder à sua problemática identificatória. À saída do Édipo, ela ainda terá de continuar a buscar uma identificação feminina que só poderá encontrar em relação à mãe, mulher como ela. É nesse sentido que o processo edipiano, no caso da filha, “deixa um *resto* na condição de separação com a mãe” (Zalcborg, 2003, p. 15).

É nesse ponto “relativo ao resto da operação edípica no destino feminino”, que reside a grande contribuição de Lacan no que diz respeito a uma teoria da sexualidade feminina, calcada em seus novos e originais conceitos. Assim é que a feminilidade de uma mulher, além de constituir-se “entre pai e mãe” – conforme primeiro pensara Freud e Lacan desenvolvera – também constitui-se “entre duas mães”, pois para a menina a figura materna “desdobra-se em uma função materna e em uma função feminina na medida em que a mãe é também uma mulher” (ibid.). É sobre essa condição que Lacan se refere, já no final de seu ensino, na síntese de seu raciocínio acerca da especificidade desta relação quando aponta para a questão da filha, como mulher, esperar mais de “substância” da mãe, do que do pai (ibid.).

Desta forma, é na possibilidade da mãe poder viver como mãe e como mulher, sem deixar de lado nenhum desses dois aspectos, que a filha pode encontrar uma base para que possa constituir a sua própria feminilidade, diferente da de sua mãe. A “devastação” acontece, “quando a mãe não se dá conta da existência dessas duas dimensões que ela representa para a filha e não consegue, por isso, sustentá-las” (ibid., p. 15-16).

Pela via do especular, o conflito mãe-filha coloca uma pergunta sobre o ser. Entretanto, de forma muito peculiar, já que tem efeito bumerangue. Assim, embora não exista, em relação à imagem especular, uma promissória da ordem do sexual tanto para o feminino quanto para o masculino, “não se pode ignorar que o olhar da mãe confirma para a filha que esta, como

aquela, é também uma mulher”. Confirmação que ocasiona diversos problemas “se sua transmissão for perturbada por dificuldades na relação dos pais, pois é freqüente que o desejo da mãe enfraqueça o Nome-do-Pai” (Uribe, 2002, p. 241-242).

A filha questiona a mãe a fim de saber “como ela se virou com seu ser de mulher, sua castração, e espera abrir o caminho da feminilidade por meio desta interrogação”. Porém, ao deparar-se com uma falta de resposta, “ela se dá conta de que a mãe é incapaz de encontrar um lugar onde localizar essa questão, uma vez que para ela também lhe é insuportável ser uma mulher”. Esta ausência de resposta tem conseqüências funestas para a filha, que, dessa forma, “permanecerá submissa à demanda caprichosa e insensata da mãe e, conseqüentemente, ser-lhe-á impossível o acesso à feminilidade” (ibid., p. 242).

De acordo com Nominé (1997), quando a menina deixa de acreditar que a mãe pode dar-lhe tudo, ou seja, o gozo e as palavras para dizê-lo, assim como também aceita que ela seja *não-toda*, cai, então, “a ilusão, e ao mesmo tempo nasce o desejo que a levará a buscar um significante do lado do pai”. Logo, a filha termina com sua reivindicação, e dirige-se ao pai com um *peniswunsch* que parece tratar-se da transferência de um desejo. Assim, “se o *penisneid* surge para tratar de representar o gozo perdido, o *peniswunsch*, por sua vez, é o sinal de que o sujeito renunciou alcançar este gozo passivo (...) e este objeto perdido que chamamos *objeto a*, segue empurrando a metonímia do desejo, no final das contas [...]” (p. 83; grifos meus).

Esta perda de ilusão, do lado da menina, pode ser pensada como um momento de possível resolução para a “devastação”. A filha pode, assim, seguir nesta metonímia do desejo, em sua trajetória de *tornar-se uma mulher*; ao mesmo tempo, semelhante e diferente de sua mãe.

A “devastação”, entretanto, diz respeito também, ao desejo materno e à função paterna, apoiando-se nestas múltiplas dimensões. Assim, conforme aponta Nominé (1997) o drama do chamado Édipo desenvolve-se, de fato, entre quatro personagens: o central, dividido entre a mulher e a mãe, o pai e a filha (p. 87).

Conforme pôde ser contemplado no decorrer deste capítulo, o complexo de Édipo para a menina deixa um “resto”, e ela volta-se para a mãe, mulher como ela, na procura por alguma *substância* que diga respeito a um saber sobre o seu sexo, sobre o seu gozo. É nesse movimento que a “devastação” pode acontecer, no sentido da filha permanecer fixada à figura materna na esperança de obter uma resposta que não existe, impossível de ser formulada, pois cada uma é única, e não parte de um conjunto. Assim, embora aqui não se defenda a idéia de que a “devastação” esteja necessariamente presente em toda a relação mãe e filha, ela é considerada o um perigo, um abismo no qual o sujeito fica sempre à beira, podendo, ou não, nele cair.

A filha, de acordo com Zalcberg (2003):

Em um primeiro momento, ao voltar-se para a mãe, ainda espera receber desta um significante do sexo feminino; terá de

descobrir que a mãe também é destituída deste significante específico da feminilidade: ele não existe. Em um segundo momento, (...) em se reconciliando com a idéia de que também à mãe falta um signo indubitável da feminilidade, busca na mãe uma maneira para fazer face a essa impossibilidade de o encontrar; isto é, uma maneira que lhe permita criar-se uma identificação feminina numa estrutura de ficção. É isto que a filha espera da mãe: uma crença na constituição de uma feminilidade possível. (p. 191)

O caminho de *tornar-se **uma** mulher*, impõe, neste primeiro tempo, a perda de uma ilusão, por parte da filha em relação à mãe, ou seja, implica a renúncia da idéia de que a figura materna, *mulher como ela*, seja capaz de oferecer-lhe as palavras que fossem capazes de nomear o seu sexo e de traduzir, conforme destaca Nominé (1997) um gozo passivo que se passou entre as duas e que se perdeu (p. 82). Assim, é necessário que haja a perda desta ilusão.

Deste modo, embora não seja possível a transmissão da feminilidade de mãe para filha, no sentido de um significante poder ser passado de uma a outra, já que são as duas *não-todas* inscritas na função fálica, há a possibilidade, diante desta lacuna, da transmissão de um *savoir-faire* capaz de ser passado da mãe para a filha – mesmo dentro de uma estrutura de ficção em que cada uma deve fazer sempre a sua versão. Neste caso, quando aquela é capaz de localizar esta questão e quando não lhe é insuportável ser uma mulher. Momento fecundo em que pode residir toda a

riqueza de uma feminilidade possível, mas que não deixa de apontar, sempre, para toda relação de uma filha com sua mãe.

O capítulo seguinte traz a história do filme “Aos treze” e contempla alguns dos pontos que foram particularmente marcantes no sentido de conduzir as principais questões desta investigação.

CAPÍTULO 5

O FILME “AOS TREZE”: ELEMENTOS PARA UMA REFLEXÃO SOBRE A *DEVASTAÇÃO*

Como podemos estar a salvo daquilo que jamais desaparece?
(Heráclito, apud Tubert, 1999)

Dentre outras reflexões, esta pesquisa leva a postular que a “devastação” é uma contingência relacionada ao percurso, sempre necessário e difícil, da menina para *tornar-se uma mulher*.

Neste sentido, pode-se pensar que é a partir da problemática da identificação materna – do identificar-se da menina em relação à mãe, ao mesmo tempo em que dela tem de se afastar, constituindo-se como uma mulher singular – que se delinea um caminho para pensar a “devastação”, segundo Brassier (2005), como um perigo incorrido no exercício mesmo da feminilidade e que a põe em malogro.

A questão da “devastação” na relação mãe-filha, de acordo com esta investigação, é uma temática que, apesar de relativamente “nova” e bastante atual dentro do campo das pesquisas psicanalíticas, é retratada, pode-se dizer, pela mitologia e pelas artes em geral desde há muito tempo. Como exemplo, as tragédias gregas, com a figura dramática de Electra; passando pela literatura, com a personagem de Lol V. Stein, da obra de Marguerite Duras e pelo cinema, com um dos mais belos e sensíveis filmes já realizados

a respeito da relação mãe-filha, “Sonata de Outono”, dirigido pelo célebre Ingmar Bergman.

Conforme foi destacado na “Introdução” deste trabalho, foi a partir de um filme contemporâneo, “Aos treze”, que a temática da “devastação” foi se tornando impositiva, necessitando ser melhor investigada. Desta forma, o presente capítulo tem como objetivo apresentar a narrativa da história em suas principais cenas e diálogos, de acordo com a cronologia e a ordem de apresentação dos “eventos” do próprio filme. Ao final desta apresentação, articulado ao que foi discutido nos capítulos anteriores, serão considerados cinco pontos, especialmente marcantes, e que de alguma forma conduziram os rumos desta investigação. Abaixo, segue-se a história:

O filme “Aos treze”, como o próprio título sugere, aborda a problemática da adolescência na contemporaneidade; mais precisamente, trata da questão da adolescência feminina e seus percalços, na trajetória de uma menina para *tornar-se **uma** mulher*. Apesar do filme não ser um documentário, baseia-se na história real da atriz Nikki Reed (que interpreta Evie, co-protagonista do filme). Em parceria com a diretora, Catherine Hardwicke, ela relatou suas próprias experiências aos treze anos de idade.

Os principais personagens da história, que se passa na cidade de Los Angeles, EUA, são os seguintes: (1) Tracy¹, protagonista; (2) Evie, co-protagonista, amiga de Tracy; (3) Melanie ou Mel, mãe da protagonista; (4) Mason, irmão de Tracy, também adolescente, aparentemente um pouco mais

¹ Às vezes aparece também Trace nas legendas em português do filme.

novo que a irmã; (5) Brady, namorado da mãe de Tracy e, por fim, (6) o pai de Tracy².

A cena de abertura mostra Tracy e Evie, duas meninas adolescentes, com treze anos de idade, no quarto da primeira, inalando um tipo de tóxico e “brincando”, de forma violenta, de uma espancar a outra. Apesar de se machucarem, isso parece não ter importância. Tracy verbaliza: “Bata em mim”, “Não sinto nada”. Ao final desta primeira cena, a história retrocede até quatro meses atrás, dando início à narrativa da tumultuada trajetória adolescente de Tracy, que, de menina aparentemente ingênua, boa estudante, vai rapidamente enveredando por um caminho de uso e venda de drogas pesadas, consumismo, delinquência e sérios conflitos familiares, especialmente com a mãe.

Logo após a história retroceder no tempo, há uma cena em que a mãe de Tracy, Melanie, ao levar os filhos à escola, arruma a calcinha da filha para que não apareça, dizendo: “Espere. Vou ajeitar isso antes que alguém mexa com você.”

Os momentos iniciais do filme vão delineando um pouco do cotidiano de Tracy, em parte na escola, em parte na convivência com seus familiares. Tracy mora com sua mãe, cabeleireira, separada de seu pai, e com seu irmão, Mason, que estuda na mesma escola que ela. A mãe de Tracy, Melanie, é afetuosa com a filha, jovial, imatura e parece lutar muito para poder manter financeiramente os filhos, apesar de ser muito generosa com

² No filme não há menção a seu nome.

as amigas que, às vezes parecem aproveitarem disso³. A história sugere que Mel, como costuma ser chamada, já teve problemas relacionados a algum tipo de dependência de drogas ou de álcool, porque muitas vezes ela faz referência a uma espécie de “terapeuta” que a ajuda em momentos críticos – chamado por ela de Mário – e a “encontros de auto-ajuda” que tem de freqüentar. Seu namorado chama-se Brady, é mais jovem que ela, toxicômano, a quem Tracy abertamente odeia. A menina o considera um *loser* (perdedor), um “viciado”. No início do filme, Brady não vive com a família de Tracy, porém logo após deixar uma clínica de desintoxicação, o que muito desagrada a adolescente, passa novamente a viver com sua mãe. Quanto ao pai de Tracy, desde o início fica claro na história que o mesmo não tem interesse algum em conviver com os filhos, negando-se a ir visitá-los e dando diversas desculpas para isso. É um pai claramente ausente, o que parece afetar bastante a adolescente. Em relação ao irmão da menina, Mason, no começo da história, Tracy e ele parecem totalmente indiferentes um ao outro, passando, no decorrer da mesma, a um relacionamento de grande e aberta hostilidade.

Numa dessas cenas domésticas, Tracy, após retornar da escola encontra sua mãe às voltas com o seu trabalho, reclamando da gorjeta que havia recebido – Melanie trabalhava como cabeleireira na própria residência da família – diz que a mãe é generosa demais. Depois, a adolescente pergunta se seu pai havia mandado a pensão do mês. O irmão, de forma irritada, diz à

³ Em muitos dos textos lidos em sites da Internet com críticas e opiniões sobre o filme, Melanie é descrita como “hiponga”, “liberal”, alguém com dificuldades em dar limites, seja na relação com os filhos, com as amigas, com o namorado etc.

menina para “dar um tempo”, que o pai estava com um emprego novo. A mãe responde que eles estão bem, que ela tinha trabalhado a semana toda. Na seqüência, Melanie começa a fazer carinhos no cabelo da filha, dizendo que ela ficaria ótima com algumas mechas loiras. Tracy lhe responde: “Não é justo. Assim não consigo ficar brava com você”. A adolescente começa então a ler para a mãe uma poesia que ela própria havia escrito; entretanto, são interrompidas por uma amiga de Mel e sua filha pequena. Logo após a interrupção, a mãe pede desculpas à filha por não ter ido aos encontros (refere-se aos encontros terapêuticos, de “auto-ajuda”, que a amiga que havia recém-chegado à sua casa também participava), dizendo que ela sabia o quanto precisava freqüentá-los. Coloca, porém, querer muito escutar a poesia da filha, pedindo para que recomece a leitura. Tracy fica hesitante, diz que “não precisa”, mas por fim recita. Abaixo, seus versos:

*Ele estava aleijado mas apenas seu corpo estava ferido.
Não é simples nem algo fácil de explicar. Vamos deixar assim, diz ele.
E fecha o livro sagrado de mentiras.
Ela cobre seus olhos
Negando o que achou
Que tinha acontecido*

Após a leitura de sua poesia, Tracy olha para a mãe, que assim responde: “É muito pesado. E me assusta um pouco. Mas é bonito”. Diz querer comentá-lo após seu retorno do encontro terapêutico. Sai então com sua amiga, que deixa a filha pequena aos cuidados de Tracy.

Sobre o ambiente escolar de Tracy, é importante destacar que o mesmo aparece como um ambiente hostil, de rivalidade explícita entre grupos, principalmente entre as garotas – mesmo que esta questão não apareça como central no filme, mas servindo de contexto. Os termos “puta” e “vadia” são utilizados num simples “esbarrar” entre meninas. Os professores não são considerados “legais” pelos alunos.

É na escola que Tracy vai conhecer Evie, considerada pelos alunos a garota mais sexy e mais desejada. Tracy e suas então amigas “bobinhas” (que passarão muito rapidamente à condição de suas ex-amigas), ficam fascinadas por Evie e sua turma, por seu estilo, beleza e, sobretudo, pelo que provocam nos meninos, que lhes dão toda a atenção, ao contrário delas próprias que são ignoradas. É em comparação com essas “deusas” da escola, com seus *piercings*, roupas sensuais, maquiagem, que Tracy passa a se questionar quanto a sua própria imagem, que lhe desagrada. No primeiro contato das meninas da turma de Evie com Tracy, estas ridicularizam suas roupas, suas meias, questionando quem a havia deixado “sair do berço”.

Tracy, ao chegar em casa, após ouvir o comentário das meninas da turma de Evie, escuta de Mel, sua mãe: “Com fome, nenê?”. Tracy então responde: “Não sou mais nenê, mãe”. A menina joga suas meias fora, dizendo para a mãe não querer mais usar as roupas “antigas”, já que com elas parece uma idiota. Saem mãe e filha juntas para comprar roupas novas.

Vestindo suas novas roupas, Tracy, na escola, vai atrás de Evie. Trocam elogios mútuos rapidamente. Evie, então, convida-a para irem juntas fazer compras, dando seu telefone para que combinassem o programa.

Ao chegar em casa, bastante eufórica pelo convite, Tracy tenta ligar para Evie que não atende a sua ligação. Fica muito frustrada, chuta coisas, e, assim como a mãe, fuma escondido. Sai de casa, pega um ônibus e vai atrás de Evie na Avenida Melrose. No caminho seus olhos contemplam uma infinidade de anúncios que exibem corpos nus, cenas de erotismo. Propagandas que associam sexualidade e corpos femininos ao consumo. Uma delas, onipresente o filme inteiro, destaca que *Beauty is Truth* (Beleza é Verdade). Sai do ônibus e numa loja encontra Evie e Astrid (uma das meninas da turma de Evie). Diz a Evie que tentou ligar para ela. Muito irônica, Evie responde que seu telefone não tocou. Tracy diz que tem apenas 10 dólares, que não será possível comprar nada com aquela quantia. As outras duas meninas, em tom de deboche, riem dela, chamam-na de *loser* (perdedora) e, aproveitando-se da desatenção das vendedoras, vão roubando alguns produtos e colocando em suas bolsas. Tracy sai rapidamente da loja e senta-se em um banco na rua. Enquanto uma moça conversa distraidamente, por telefone, ao seu lado, a adolescente rouba sua carteira. Vai novamente atrás de Evie e Astrid, que ficam eufóricas quando vêem a quantidade de dinheiro que há na carteira. Com o dinheiro roubado, saem todas juntas para gastar.

Tracy volta para sua casa exultante, perguntando a seu irmão quem considera a garota mais sexy da escola. O menino responde que Evie. Tracy conta que esteve com ela à tarde – embora Mason permaneça incrédulo quanto ao fato, somente acreditando quando, fascinado, vê pela primeira vez Evie com sua irmã, em sua casa. Logo, entretanto, Tracy toma conhecimento que o namorado da mãe, Brady, saído de uma clínica de desintoxicação, irá jantar com eles, o que a deixa muito mal. Melanie diz que ele dará apenas uma “esticadinha”, o que é rapidamente desmentido, com Brady instalando-se de fato na casa. Tracy questiona sua mãe: “Por que você faz isso consigo mesma?”.

No dia seguinte, a mãe de Tracy leva a filha e Evie para fazerem compras. Ao conhecê-la, a menina comenta que Mel parece a “irmã mais velha” de Tracy. Mel diz então que gostaria de entrar em contato com algum responsável por Evie. Esta responde que tem apenas uma tutora, Brooke, dando-lhe seu número de telefone. Tracy, na presença apenas da mãe (Evie já havia saído do carro de Mel, onde estavam) pede que a mesma não a deixe “constrangida” e que não estrague aquele que era o “melhor dia de sua vida”. Melanie aceita o pedido da filha e acaba indo com as duas meninas para a loja. Choca-se com o que vê (camisetas com dizeres de conteúdo pornográfico como, por exemplo, “Adoro Pinto”). Tracy experimenta uma calça e sua mãe acha-a linda com ela. Em virtude do preço, entretanto, recusa-se a levá-la, o que aborrece a filha. Também vestida com uma calça da loja, Evie rebola e comenta de forma eufórica o baixo preço da peça.

Após a modificação de seu estilo de vestir, o roubo da carteira e as compras, Evie aceita Tracy como uma amiga e as duas tornam-se inseparáveis companheiras. Esta última passa a copiá-la em tudo: seu jeito de vestir, de se maquiar, de ser e estar no mundo, com isenção total de crítica. Tracy também abandona suas amizades anteriores. Logo saem para vender e consumir drogas. Misturam-nas, bebem, “ficam” com garotos. Já noite, seu irmão, aborrecido, pede que volte para casa dizendo que sua mãe a chamava.

Drogada, Tracy volta com Evie para sua casa, gritando ser uma “leoa”. Sua mãe fica um pouco aturdida com a situação e seu namorado, Brady, apesar de toxicômano, somente diz: “Mel, ela é uma adolescente”. A mãe diz à filha que ela não pode sair à noite e que gostaria de conversar depois que Brady fosse embora. Tracy, de forma irônica responde: “Se ele for embora”. Logo depois, Melanie toma bebida alcóolica e tem intimidades sexuais com o namorado na sala da casa. Tracy observa-os e relembra cenas do passado em que Brady drogava-se na cozinha de sua casa, passando muito mal, com sua mãe acudindo-o. A angústia parece tomar conta dela, que vai para o banheiro e pega o seu “kit” de instrumentos cortantes com os quais se automutila – nesta primeira cena a automutilação é apenas sugerida, ao contrário das demais.

Numa cena seguinte, Tracy e Evie dançam sensualmente juntas, enquanto Mel, na companhia de uma amiga, pinta as unhas. A mãe da menina mostra os pés e diz: “Não são as únicas sensuais da casa”. Logo

após, Tracy vê roupas sujas de Brady pela casa e, frustrada, assim se dirige à mãe: “Quantas vezes vai deixar ele magoar você?”. Afirma que Mel havia prometido a ela que o namorado não iria novamente morar com eles. Enquanto isso, Evie rouba dinheiro da carteira da cliente de Mel.

Sem autorização da mãe, Tracy, na companhia de Evie, faz seu primeiro *piercing* (na língua). Esta dá dicas para a amiga, para que sua mãe não o veja. Tracy começa a mentir e torna-se, cada vez mais, ora esquivada, ora agressiva, em relação a Mel. Já Evie, vai cada vez mais entrando no cotidiano da família de Tracy e manipulando a todos. Inclusive, contando uma série de histórias de violências de que teria sido vítima e que não se sabe serem verdadeiras ou não, a fim de poder permanecer com eles – estratégia que dará certo por um bom tempo. A mãe de Tracy tenta com frequência entrar em contato com a responsável por Evie (supostamente, Brooke, a quem a menina, às vezes, refere ser sua tutora e, em outras, apenas sua prima), mas quase sempre em vão. Evie conta que sua mãe morreria e Mel diz também a não ter tido mãe na idade dela.

A ausência paterna parece cada vez mais angustiar Tracy. Ela questiona muito o motivo de seu pai não ir buscá-los (ela e seu irmão, Mason). Numa de suas falas, a menina assim se expressa para a mãe com relação ao pai: “Por que ele não vem nos pegar? Ele é o nosso pai, porra. Nunca está conosco!” e “Que maravilha. A gente quase não se vê mais”. A mãe da menina também não reclama do comportamento do ex-marido com relação aos filhos, não cobrando dele sua presença e atenção.

Após este diálogo com a mãe, Tracy, em seu quarto, pede a Evie que lhe coloque outro *piercing*, roubado da loja em que havia feito o da língua. Dessa vez, pede que seja no umbigo. Evie ressalva a Tracy que colocar esse *piercing* irá doer muito. Tracy diz não se importar.

Logo em seguida, Melanie entra no quarto de Tracy – onde as duas meninas estão deitadas na cama – mostrando alegremente uma calça que ela havia reformado para que ficasse parecida com a que a filha tinha gostado na loja. Tracy, muito irritada, reclama por ela ter mexido em suas coisas sem autorização e desdenha a calça. Sua mãe tenta dar-lhe um beijo de boa-noite e a adolescente se esquiva. Evie, entretanto, beija Mel e diz que a ama, o que deixa Tracy muito incomodada. Evie sai com um rapaz, fugindo pela janela do quarto de Tracy, negando-se a levá-la junto. Tracy vai para o banheiro e se automutila. Evie, ao retornar do seu programa, deita-se com a amiga, que a essa altura já estava dormindo. Vê as marcas em seus braços e, assim como havia feito com Mel, abraça-a e diz que a ama.

Na escola, a rivalidade entre as meninas vai se delineando na história como cada vez mais acirrada. Tracy, já bastante diferente do que aparentava no começo do filme, junto da inseparável Evie e sua turma, ironicamente e alto, pergunta para uma menina que passa: “De repente, Medina tem uma bunda saliente?”. Nessa oportunidade Tracy conhece Javi, menino com quem terá sua primeira relação sexual. Apesar de o garoto ter tido a iniciativa de falar diretamente com Tracy, Evie intromete-se dando o seu telefone para que combinem um “programa em casais” (Tracy com Javi; Evie com outro

garoto). As duas meninas ficam eufóricas com a possibilidade de sair com Javi, considerado “um gato” por todas.

Evie e Tracy vão juntas para casa da primeira. Lá encontram Brooke, que parece totalmente alheia ao que acontece com a menina por quem, supostamente, seria a responsável. Evie diz que Tracy terá que “ir fundo” com Javi. Gritam de excitação quando o garoto telefona e combinam o programa. Evie pergunta a Tracy se ela sabe beijar. A garota responde que sim, que já havia treinado bastante com Noel (sua ex-amiga) em outra oportunidade. Evie pede que Tracy prove que sabe. Evie comenta que não sentiu quase nada. Tracy responde: “Veja se consegue sentir isso então”, dando-lhe um beijo mais intenso. Evie diz que o segundo beijo está “ok”. Tracy, por fim, de forma brincalhona, chama Evie de “lésbica”. Riem.

Segue-se a cena em que as garotas saem com Javi e seu amigo. Bebem e fumam maconha. Num determinado momento, páram de conversar e Evie senta-se em cima do amigo de Javi, começando a beijá-lo e a tocá-lo. Tracy, observando tudo o que a amiga faz, começa a copiá-la, inclusive abrindo o zíper da calça de Javi, o que parece assustar o garoto. Tracy tem então sua primeira relação sexual. Diz a Evie ter gostado.

A relação de Tracy com sua mãe vai oscilando entre uma grande esquivia e o conflito aberto. A menina vai ficando cada vez mais agressiva. Igualmente, a todo instante dirige um “tom” de acusação à mãe, principalmente nas ocasiões em que se depara com o abandono da família, pelo pai.

Numa determinada cena, Evie vê o vizinho de Tracy, Luke, muito amigo de Mason, e fica interessada em conhecê-lo. Pega Tracy pela mão e entram as duas na casa do rapaz. Evie tenta seduzi-lo insistentemente. Apesar de inicialmente ficar muito constrangida pela amizade que Luke tem com seu irmão, Tracy faz o que Evie quer e ambas começam a beijar e a tocar o corpo do rapaz. Luke, com medo de se relacionar sexualmente com duas menores de idade, expulsa-as com muita raiva chamando-as de “pervertidas”.

Após serem expulsas da casa de Luke, as duas entram correndo, ofegantes, de volta para a casa de Tracy. No caminho, encontram Mel, que pede à filha que a ajude com as compras. A menina responde, de forma agressiva, não ser sua “escrava”, trancafiando-se em seu quarto junto com Evie, o que era habitual. A mãe tenta dialogar com a filha, que se nega e diz: “Quero que você e seu namorado estúpido desapareçam da minha vida”. O irmão de Tracy, Mason, começa a brigar com a irmã, acusando-a de ter bebido. A briga entre eles é interrompida pela chegada de uma amiga de Mel e sua filha pequena, que ficariam ali hospedadas – Tracy critica a mãe nesse momento, também por isso, acusando-a de transformar a casa deles em um “hotel”. A mãe de Tracy vê, nessa mesma ocasião, uma série de roupas e objetos no quarto da filha (comprados com o dinheiro recebido por meio da venda de drogas). Evie, mentindo, diz à mãe de Tracy que aquilo foi Brooke quem dera em agradecimento por estarem tomando conta dela. Tracy, esquivando-se da mãe mais uma vez, diz que ela “deveria ir a mais

encontros”. Mel, então muito tensa e confusa, liga para Mário (personagem que não aparece, com quem ela apenas se comunica, uma espécie de “terapeuta” dela e de Brady, seu namorado), dizendo, enquanto chora, que está “assustada” e que gostaria que a filha parasse de desafiá-la. Tracy observa a mãe falando pelo telefone.

Vão juntos para o cinema, Mel, Brady, Tracy e Evie. As adolescentes, entretanto, enganam Mel, e ao invés de irem assistir um filme, saem pelas ruas. Evie vende droga. Encontram Javi (menino de quem Tracy gosta e que Evie cobiça). Evie pede a Tracy que saia para comprar um refrigerante, e para dar um recado para um menino qualquer. Tracy sai sozinha pela noite. Com um amigo, Mason a vê de costas, vestida de forma muito vulgar. Não reconhecendo-a, falam coisas obscenas. Quando Mason percebe que é sua irmã, fica chocado. Descobre seu *piercing* de umbigo (que a menina escondia). Tracy sai desse lugar correndo e começa a beber muito em companhia de um rapaz. Sai, passando mal, à procura de Evie e a encontra saindo de um provador de loja com Javi, dando a entender que havia feito sexo oral no menino, o que era negado por Evie quando a amiga lhe perguntava.

Tracy e Evie voltam para casa com Mel e Brady. A mãe de Tracy diz tê-las procurado por toda a parte após a sessão de cinema. De forma cínica, Tracy responde não ter tido culpa de o filme que foram assistir ter acabado tão tarde. Entram todos em casa. Ao ouvir Mason dizer que gostaria de conversar com a mãe, Tracy, enfurecida, agride o irmão e pergunta:

“Devemos falar de como se droga com o Rafa toda noite?”. Mason responde que a mãe sabe que ele fuma maconha. Começa uma grande briga entre os dois. Mason diz que a irmã é uma “vadia” e que vai para a cadeia. Mel parece não saber lidar com a situação, perguntando à filha se ela havia comido alguma coisa durante o dia. A menina diz odiar sua “comida nojenta”. A mãe desespera-se e responde: “Então posso parar de fazer doze cortes por dia para sustentar você”. Vai para a cozinha, cai no chão e começa a arrancar todo o carpete. Brady e Mason tentam tranquilizá-la. Brady vai até o quarto de Tracy conversar com ela – que está ainda mais nervosa por ter encontrado a filha da amiga da mãe dormindo em sua cama, junto com o cão da família. Brady diz a ela que precisa parar de aborrecer sua mãe. A adolescente, furiosa, responde: “Não me diga o que devo fazer, seu viciado. Você é um fracassado”. Muito aborrecido, Brady fala para Mel que aquela casa o está enlouquecendo, que precisa ir embora para drogar-se. Mel sugere que ele vá ver Mário. Brady então tira as roupas de Mel, coloca-a no chuveiro e sai. Enquanto isso, as meninas cheiram cocaína no quarto de Tracy.

No dia seguinte, uma amiga de Mel, Cynthia, tenta convencer Evie a ir morar em outro lugar, alegando que aquela família precisava “de um tempo”. Questiona Evie sobre sua mãe. Evie não aceita ir embora, enfrenta Cynthia, ridicularizando-a. Sobre sua mãe, diz ser “uma vadia viciada”. Tracy, assistindo à cena, diz a Mel, de forma irônica, que Cynthia “pode agüentar”. Vestida de forma muito vulgar, diz então, provocando a mãe: “Que tal minha

cinta-liga? É ideal para comer e cagar”. Mel fica chocada e pergunta à filha o que há na sua blusa. Tracy, muito agressiva, responde não ser “da sua conta”. Diante da insistência da mãe em descobrir o que havia de errado, coloca: “Por que vive me atazanando?”. Finalmente, Mel descobre o *piercing* que a filha havia feito no umbigo (e que ocultava desde então). Tracy, muito desafiante, mostra-lhe também o *piercing* da língua. Melanie, atônita, pergunta quando havia feito aquilo. Tracy, deste modo, responde: “Há dois mil anos. Eu sou uma múmia. Nasci há dois mil anos”. Em seguida, repetindo a afirmação “sem sutiã e sem calcinhas”, vai para cima da mãe continuando a agredi-la.

O pai de Tracy aparece, enfim, na história. A ex-esposa tenta, pela primeira vez, pedir que fique com a filha, mas ele recusa seu pedido. Ele vai conversar com Tracy e diz não entender o que se passa. Indiferente ao sofrimento da filha, fala que precisa trabalhar para sustentá-los e que necessita muito do seu atual emprego (o pai de Tracy tem um nova família, sendo pai de um bebê). A adolescente, percebendo a falta de interesse do pai, “libera-o” para que vá cuidar de seus afazeres. Ele sai e logo em seguida encontra o filho Mason (impressionado com seu novo carro, que o pai fala, constrangido, ser apenas uma “ferramenta de trabalho”). Convida-o para irem juntos surfar. O irmão de Tracy também tenta convocar o pai para que se interesse pelo que se passa com a irmã, mas ele permanece omissos. Enquanto isso, Brady retorna em péssimo estado, drogado, à casa de Mel, que o aceita de volta sem problemas.

O filme então, mostra novamente, agora com maior riqueza de detalhes, a cena de abertura em que Tracy e Evie drogam-se e “brincam” de espancar uma à outra. A primeira, extremamente eufórica, pede à colega que bata nela com mais força. Entre suas falas, uma delas destaca-se: “Quero sangrar mais!”. Por alguns instantes, Tracy chega a desmaiar. Ao final da “brincadeira”, as duas tentam ocultar os hematomas e os machucados com adesivos e maquiagem.

Mason diz à irmã que não vê a hora de ela ir morar com o pai, e que havia escutado uma conversa entre ele e a mãe sobre isso. Tracy fica muito mal e se automutila (pela 3º vez no filme).

O desempenho de Tracy na escola cai muito. A diretora diz que a menina será reprovada e compara seu desempenho atual com o de antes, já que Tracy era tida como uma ótima aluna, que fazia as melhores poesias. Tracy também começa a ser muito hostilizada na escola, tanto por professores como por colegas.

Tracy e Mel, finalmente resolvem que Evie deve voltar para sua casa, já que Brooke, supostamente ausente por algum tempo, estava de volta. Evie fica muito chateada e chora. Daí por diante, passa a ignorar Tracy, não atendendo mais seus telefonemas, não a convidando para sair e, inclusive, inventando calúnias sobre a menina para outras pessoas. Tracy fica muito mal, bebe e é ameaçada no meio da rua (pelas mentiras que Evie havia inventado).

Após vagar pelas ruas e ser ameaçada, Tracy volta para casa, com Brady – a pedido de Mel – oferecendo-lhe uma carona. Lá chegando, encontra Evie e Brooke juntas, com sua mãe. Brooke acusa Tracy de ter sido uma má influência para Evie, e mostra uma espécie de “esconderijo” das meninas, com drogas e instrumentos para usá-las. Tracy, atônita, diz que aquilo pertencia a Evie. Esta última, fazendo-se de “inocente”, abraça Tracy, dizendo que a ama. Mel encontra 860 dólares na bolsa da filha. Fica chocada. Tracy, muito agressiva, responde que teve de roubar, já que sua mãe nunca tinha dinheiro para nada. Acusa Melanie por terem ficado sem televisão a cabo e telefone, por ela não saber como pagar as contas na época em que Brady fora internado numa clínica. Numa fala importante, assim se dirige à mãe: “Agora já sei por que papai se mandou. Você nem acabou o colegial!”. Tracy diz a Mel que ela sabia como conseguia as roupas, que não é idiota. A mãe responde que nunca pensou que a filha chegasse a tal ponto.

Brooke continua a fazer uma série de ofensas e de acusações a Tracy. Mel, em defesa de Tracy, responde que a filha gostava de brincar de bonecas antes de conhecer Evie. Brooke acusa Tracy de gostar de “bater” em Evie e de cortar a si própria (mostra com violência as marcas da automutilação no braço da menina). Mel fica chocadíssima quando as vê. Evie, saindo “ilesa” da história, diz que aquela casa “fede”, que é um “antro”. Brooke e Evie vão embora, deixando mãe e filha a sós. Numa cena muito comovente e forte, Mel declara seu amor materno, dizendo amar os filhos

“mais do que tudo no mundo”, que Tracy é o “seu coração”. A menina responde que Mason havia lhe contado que Mel gostaria que ela fosse morar com o pai, portanto, ela não a queria. A mãe, por sua vez, repete que a ama, tentando beijá-la e acariciá-la. A adolescente diz para ela não a tocar, assim se expressando sobre o relacionamento entre as duas: “Nunca vai dar certo”. A menina cai então exausta ao chão, com a mãe beijando-lhe as cicatrizes do braço. Já mais calmas, vão dormir juntas. Tracy acorda de manhã contemplando a luz do dia.

O final do filme fica para o espectador. Tracy aparece em uma outra cena (como se fosse num sonho), girando muito rapidamente numa espécie de balanço. Tem uma expressão angustiada e grita.

De acordo com o que foi destacado na abertura deste capítulo, e considerando-se o que foi até o momento contemplado, a seguir são propostos cinco pontos do filme que foram particularmente marcantes na condução desta pesquisa.

Apesar de o filme levantar uma série de problemáticas sobre a adolescência na contemporaneidade, o “recorte” da história deu-se no sentido de privilegiar o foco da investigação sobre a tumultuada relação mãe-filha que é apresentada, do ponto de vista da protagonista, no papel da adolescente Tracy.

Assim, o **primeiro ponto** diz respeito a Tracy aparecer como profundamente identificada à figura materna – com tudo que se passa com a mãe afetando-lhe muito também, como se estivessem, as duas, “misturadas”.

Isto, de acordo com Freud (1905), em uma “fase” da vida em que o sujeito tem, entre suas tarefas psíquicas mais importantes e dolorosas, o desligamento da autoridade dos pais (p. 213-214). Igualmente, a partir das idéias anteriormente desenvolvidas de Rassial (1999), a tarefa de reatualização da experiência do estágio do espelho. Operação psíquica que, no caso específico da adolescência feminina, acentua, com muita intensidade, os impasses próprios da relação mãe-filha (p. 19). Impasses estes relacionados a um primeiro tempo edipiano de vinculação quase exclusiva, intensa e apaixonada da menina à mãe, expressa em sua impossibilidade pela seguinte frase de Tracy já nos momentos finais do filme: *“Nunca vai dar certo”*.

Ao mesmo tempo, Tracy parece rejeitar a mãe como modelo feminino, desvalorizado que é aos seus olhos. Para ela, a mãe é uma *loser* (perdedora) – fazendo-se presentes também, neste sentido, questões relacionadas ao cenário da atualidade – que foi abandonada pelo marido, que não estudou, que é excessivamente generosa com as amigas, que não ganha dinheiro suficiente, que tem um namorado sem valor etc.; o que é sugerido, por exemplo, na cena em que a adolescente pergunta a Melanie: *“Por que você faz isso consigo mesma?”* ou *“Quantas vezes vai deixar ele magoar você?”* (em referência à relação da mãe com Brady). Merece destaque, quanto a este rebaixamento de valor da figura materna sob o olhar da filha, o fato de a adolescente culpabilizá-la por seu pai ter abandonado a família, por não ter sido capaz de “mantê-lo” ao lado dela e dos filhos, o que

é exemplificado na seguinte fala de Tracy: *“Agora já sei porque papai se mandou. Você nem acabou o colegial!”*.

De acordo com o que foi no Capítulo 4 considerado, segundo Uribe (2002), a relação entre mãe e filha, ao estabelecer um par especial “(...) propõe uma questão sobre o ser pela via do especular, porém de forma muito particular, pois tem efeito bumerangue de uma a outra” (p. 241). Se este questionamento pode ser traduzido pelas perguntas, *“o que é ser uma mulher?”* e sobretudo, *“o que é ser uma mulher desejada?”*, a mãe de Tracy parece-lhe incapaz de apontar algum caminho neste sentido. Do ponto de vista desta investigação, pode-se localizar neste aspecto um dos elementos que contribuíram para que a contingência da “devastação”, nesta relação em particular, pudesse tornar-se real, expressando-se por meio do sintoma, isto é, naquilo que faz o sujeito sofrer.

O **segundo ponto** é um “desdobramento” do primeiro, na medida em que, confrontada com a difícil trajetória de *tornar-se uma mulher*, Tracy elege Evie, na condição de objeto de desejo dos rapazes, como modelo de mulher desejada, passando a copiá-la em tudo. Evie, por sua vez, enquanto mantém uma relação com Tracy, de acordo com as idéias de Birman (2005), baseada na exploração do outro como objeto de predação e gozo, sendo desconsiderados os afetos (p. 167), não consegue dar suporte algum aos questionamentos da adolescente. Numa das cenas iniciais do filme, quando Evie convida Tracy para fazer compras, mas não atende sua ligação telefônica, é possível pensar na sugestão de uma metáfora nesta direção.

Também pode-se observar que as “transformações” por que passa Tracy em seu estilo de vestir e de ser, em seu “antes-e-depois” na história, remetem a algumas “encarnações” de imagens femininas estereotipadas, seja inicialmente no papel de “menina-ingênua”, seja na personagem da “mulher-fatal”, maquiada ao extremo, com roupas que deixam à mostra sua *lingerie*. Imagens que parecem indicar dificuldades de encontrar um caminho próprio em sua trajetória para *tornar-se uma mulher*. Aspecto que remete à própria “devastação”, já que, de acordo com esta pesquisa, ela priva a filha justamente da possibilidade de constituir a sua própria feminilidade.

Devem ser relevados, no levantamento deste segundo ponto, aspectos relacionados ao cenário da atualidade. Segundo Venturi et al. (2006), na sociedade contemporânea, dominada pelas aparências, “ser alguém é ser capaz de produzir uma determinada imagem” (p. 114). E é por meio do consumo, na condição de ornamentos fundamentais, que são oferecidos os objetos para a construção da imagem ideal. Assim, o ideal, “deixa de ser um modelo de como o sujeito deseja ser no futuro e passa a ser o que ele precisa ter para ser uma imagem”. Neste sentido, sua composição “(...) deixa de ser uma imagem que comporta uma subjetividade, que contém valores, para passar a ser um mero ícone” (ibid.). É desta forma que Tracy aparece na história: como uma jovem sem ideais. Na figura de Evie, ela encontra um ícone - “esvaziado”, por si só, de sua subjetividade; capaz de oferecer apenas uma imagem com seus ornamentos; incapaz de apoiá-la, em alguma medida em suas importantes indagações a respeito do que é ser *uma*

mulher. É importante ressaltar que o próprio cenário em que se desenrola a história de “Aos treze” enfatiza tais aspectos da sociedade contemporânea ao mostrar, ao longo do filme, um cartaz com uma mensagem onipresente de que “Beleza é Verdade”, além de uma série de *outdoors* que associam o corpo feminino ao consumo, mostrando, conforme uma breve resenha sobre o filme de Alonso (2005), “como a imagem construída por Tracy para ela mesma só pode ser reflexo daquela que o meio oferece” (p. 15).

O **terceiro ponto**, pensado a partir das idéias anteriormente levantadas por Miller (1998), do objeto criança que não apenas preenche, mas que também divide, no sujeito feminino, a mãe e a mulher (p. 8), diz respeito a Melanie aparecer muito mais como mulher, na sua relação com a filha, do que como mãe. E, indo mais além, como uma “mulher-irmã”, que tem comportamentos de alguém da mesma faixa etária que a filha, que fuma escondido, tem intimidades com o namorado na frente dos filhos, veste-se como uma garota etc. Neste sentido, o que mais a adolescente Tracy poderia fazer, que a mãe já não fizesse, para se separar e se diferenciar dela? Trata-se, também aqui, de uma questão implicada no contexto socio-histórico-cultural da atualidade, que “prega”, como ideal, o apagamento das diferenças geracionais entre pais e filhos, isto é, que transmite a idéia de que os pais devem ser tão jovens quanto seus filhos. Assim, ao reportar aos ideais vitorianos da mulher que se realizava apenas pela maternidade (o que representava o discurso vigente na época), é possível pensar, a partir da história apresentada, em seu radical oposto, ou seja, da mulher que somente

se realiza ao ser mulher; de preferência bela, desejada e eternamente jovem, tanto quanto sua filha. Ao articular a problemática do sujeito feminino dividido à contingência da “devastação”, dentro desta relação em particular, deve ser considerada a forte competição travada entre Melanie e a filha, pelo “lugar” de mulher sensual da casa, às vezes de forma sutil, outras não; o que é exemplificado pela cena em que a mãe, ao pintar as unhas dos pés, diz a Tracy e a Evie que elas “*não são as únicas sensuais da casa*”. Coloca-se aqui a questão de que se neste “duelo” feminino apenas uma delas pode sobreviver, como é que fica, para esta adolescente, sua trajetória de se constituir como **uma** mulher, única e diferente de sua mãe? Alonso (2005) aponta também para a dificuldade da “mãe frágil, dependente e infantilizada” em facilitar “a inclusão da hostilidade necessária para o crescimento da filha” (p. 15), aspecto que parece ficar claro numa das falas de Tracy, ainda nos momentos iniciais do filme, enquanto Mel acaricia cabelos: “*Não é justo. Assim não consigo ficar brava com você*”, ou em seu oposto, na radical necessidade de separação: “*Quero que você e seu namorado estúpido desapareçam da minha vida*”.

A partir do que propõe Nominé (1997), conforme pôde ser visto no Capítulo 4, não apenas a criança, mas também o homem, são responsáveis pelo desdobramento do personagem materno, já que é a versão do pai, do seu desejo (*a pere-versión*) o que funda, de fato, sua função paterna (p. 88), sendo fundamental que o homem faça da mulher que ele tornou mãe, o objeto causa de seu desejo. No caso do pai de Tracy, embora a história não

traga muitos elementos acerca da relação dos pais, de como foi o rompimento etc., as falas e o “tom” com que a menina se dirige à mãe parecem apontar que, para a filha, ela ficara em um lugar de “dejeito”. O fato de Melanie ter ido em busca de um novo relacionamento é relevante; entretanto, para a adolescente, o namorado da mãe aparece como absolutamente destituído de valor, não podendo, de certa forma, ocupar o vazio deixado no lugar do abandono paterno.

O **quarto ponto**, que aparece como o mais problemático, na medida em que esta investigação não tem entre os seus objetivos a definição de uma patologia para a personagem Tracy, refere-se aos apelos ao corpo enquanto formas auto-eróticas de descarga. Estas, referindo-se tanto à prática da automutilação, como ao que é constantemente verbalizado pela adolescente em expressões tais como: “*Bata em mim*”, “*Não sinto nada*” e “*Quero sangrar mais!*”. O que também é sugerido na cena em que de forma agressiva parte para cima da mãe dizendo ser “*uma múmia*” nascida “*há dois mil anos*”, ou seja, um corpo morto, rígido, insensível. Suscitam-se, aqui, algumas questões; a primeira delas é a de que a dor física, capaz de ser registrada corporalmente, parece “menor” se comparada à dor psíquica que não consegue simbolizar, o que parece transparecer em seu poema, quando se expressa nos seguintes termos: “*Ele estava aleijado **mas apenas seu corpo estava ferido***”. A segunda, recorrendo à Freud, em “O problema econômico do masoquismo” (1924b) parece relacionar-se a um retorno “do sadismo contra o eu”, quando “*uma supressão cultural dos instintos impede que*

grande parte dos componentes instintuais destrutivos do indivíduo seja exercida na vida” (p. 187). No caso de Tracy, os momentos em que se automutila são precedidos por situações angustiantes, seja, por exemplo, quando presencia cenas da mãe tendo intimidades sexuais com o namorado na sala de casa e relembra cenas do passado em que Brady drogava-se em sua casa ou após escutar do irmão que a mãe gostaria que ela fosse viver com seu pai; quando se depara com toda a sua solidão e desamparo. É possível observar, nestas passagens, uma clara dificuldade de Tracy em simbolizar suas frustrações, crescente agressividade e excitação. Ao mesmo tempo, nas cenas em que pratica a automutilação, a personagem parece, simultaneamente, em alguma medida, se satisfazer. Retornando ao pensamento de Freud (1924b), pode-se neste caso dizer que “a própria destruição de si mesmo pelo indivíduo não pode se realizar sem uma satisfação libinal” (p. 188).

Assim como, talvez se possa pensar, na prática do *piercing*, sob registro semelhante ao da “insensibilidade” à dor, já que numa das cenas, por exemplo, Tracy pede a Evie que lhe coloque um *piercing* no umbigo, dentro de casa mesmo, sem qualquer tipo de anestesia. Aqui, entretanto, não pode ser desconsiderado aquilo que foi no segundo ponto destacado a respeito dos objetos necessários para a construção de uma *imagem ideal*. Pode-se observar, dentre os códigos da cultura jovem da atualidade, uma valorização do *piercing* como um ornamento *fashion*, até mesmo muito cultuado por um grande número de pessoas. Birman (2006) considera, embora trate

especificamente da questão da “cultura da tatuagem”, que esta reflete (fazendo-se aqui, um livre paralelo, com a que pode ser chamada *cultura do piercing*), “(...) formas de singularização buscada atualmente pelos jovens, diante da invisibilidade identitária que os marca a ferro e fogo”. Ao tatuarem-se “(...) procuram se reinscrever em outras linhagens e ascendências imaginárias, denunciando deste modo a fragilidade presente no seu sistema de filiação”. O autor diz então, reconhecer em tudo isso, “o *desamparo* (...) que inscreve e marca dolorosamente o seu corpo (...)” (p. 42).

Introduz-se, assim, **o quinto e último ponto**, na medida em que os apelos ao corpo de Tracy, bem como seus problemas relacionados ao álcool e às drogas, levam a pensar em uma perspectiva que envolva a problemática dos *limites* ou das *fronteiras*. Para Cardoso (2006), “a violenta e profunda transição no plano cultural”, que marca a contemporaneidade, possui, evidentemente, “a riqueza própria às experiências revolucionárias”. No entanto, este cenário “não configura uma condição das mais favoráveis para essa travessia, fronteira em si mesma, que é a adolescência individual” (p. 10). Assim, a autora confere um destaque especial aos casos em que a adolescência pode ser caracterizada como uma *problemática de fronteiras*. Deste modo, são por ela considerados o desencadeamento de patologias ou estados que problematizam a questão dos *limites*, dentro dos quais se situam “quadros onde a passagem ao ato e o apelo extremo que o ego faz ao corpo vêm sinalizar, de maneira expressiva e inquietante, um estado de desamparo psíquico” (p. 11).

A perspectiva dos *limites* ou das *fronteiras*, por sua vez, remete à questão da função paterna, no ponto em que, de acordo com Alvarez (1988), o pai, ao entrar como nome, nos termos da metáfora paterna, permite que a criança dê uma significação a um desejo materno bruto, enigmático (p. 135). Em outras palavras, é função paterna permitir o corte, o *limite* – limites que permitem ao sujeito em falta continuar a desejar. No caso de Tracy, parece que houve uma falha na transmissão da metáfora paterna, no estabelecimento de uma *Lei*, capaz de ordenar e dialetizar a castração. Tanto a automutilação quanto o círculo da busca por um “gozo sem fim” parecem apontar para esta questão.

Encerra-se, assim, o presente capítulo, com a seguinte questão: ao relacionar o discurso capitalista da atualidade, que engendra de forma particular o adolescente como peça fundamental e as vicissitudes implicadas na trajetória de *tornar-se uma mulher*, com que dados a história que é contada no filme pode contribuir no sentido de possibilitar uma melhor compreensão sobre a contingência da “devastação” na relação mãe-filha dentro do contexto da clínica psicanalítica nos dias de hoje?

CONCLUSÃO

A DEVASTAÇÃO MÃE-FILHA E A CLÍNICA

A partir do que foi levantado no decorrer desta investigação, considera-se a “devastação” mãe-filha uma contingência, que pode ou não ocorrer, no difícil percurso da adolescente em *tornar-se uma mulher*.

De acordo com o apontado por Lessana (2000), a relação de uma mulher e sua mãe surge como o terreno privilegiado onde o fato de habitar um corpo feminino mobiliza toda espécie de tormentos entre elas. Do ponto de vista da autora – do qual aqui se compartilha – a palavra “devastação”, conforme utilizada por Jacques Lacan para qualificar a relação mãe-filha, em “O Aturdido”, de 1972, pareceu, como em um relâmpago, interpretar a dificuldade que Freud teria encontrado em compreender a “feminilidade”, designada por ele como “continente negro” e colocada “expressamente” de lado com relação à pergunta: “o que quer a mulher?” (cf. Lessana, 2000, p. 7 e 9).

Segundo Prates (2003), em seu “retorno a Freud”, por meio de uma ótica estruturalista, Lacan traz uma possibilidade de avanço no que diz respeito a controvérsias encontradas em discussões psicanalíticas sobre a feminilidade, tais como, por um lado, o encerramento da mulher em um circuito fálico que a reduz e iguala à mãe (com o filho no lugar de substituto do falo perdido), como por outro, dentro de uma perspectiva orientada pela biologia, a recuperação da especificidade não-fálica da sexualidade feminina

fundamentada em seu destino anatômico. Continuando, a autora destaca que

Lacan resgata o radicalismo do próprio Freud, na medida em que articula o falo simbólico como produto da metáfora paterna, operação lógica que possibilita que o sujeito neurótico dê um sentido no plano da fantasia inconsciente ao significante da falta do Outro tomado como demanda: O que o Outro quer de mim? O falo, então, é aquilo que regula e contorna o gozo impossível, unindo o desejo à lei. A operação da metáfora paterna, portanto, além de estruturante para o sujeito é também um ato de sexuação, pois a tomada de uma posição em relação ao falo no nível de sê-lo ou tê-lo revela aí toda sua importância. (...) A significação fálica, se permite por um lado aos seres falantes posicionarem-se em relação ao desejo do Outro, institui ao mesmo tempo, um 'a mais' ao gozo fálico. É para dar conta do que não se conta, ou seja, desse Outro gozo, que Lacan irá subverter a lógica aristotélica para escrever a 'não relação sexual'. Para fazê-lo, introduz a negativa no quantificador universal, escrevendo que a mulher é 'não-toda' inscrita na função fálica. (...) *A mulher* articula-se a esse impossível, ao limite da linguagem, incurável, intratável...(p. 3; grifos meus)

Para Lessana (2000), quando Lacan trata da impossibilidade de escrever matematicamente a “relação” de dois sexos diferentes, considera que apenas o falo regula não a relação dos sexos, mas a relação ao sexo. E o falo revela-se, por sua vez, como insuficiente, não apropriado, funcionando

justamente pela falta dessa “relação”. Assim, localiza-se a “devastação”, do lado da mulher (da fêmea que fala) como a própria experiência daquilo em que o falo funciona pela falta ao não convir ao sexo (p. 401).

Conforme definição apresentada no Capítulo 4, “a devastação entre mãe e filha é a prova que se coloca ao ponto onde a filha espera uma identificação feminina que se revela impossível”. Prova esta que marca a especificidade desta relação, não guardando semelhança alguma com a pergunta da transmissão entre pai e filho (ibid., p. 396).

É importante destacar, neste sentido, o fato de ter sido feita referência, no decorrer desta pesquisa, à adolescente Tracy aparecer na história de “Aos treze” como “profundamente identificada à figura materna”, o que talvez possa gerar alguma controvérsia. De acordo com o que pôde ser contemplado também no Capítulo 4 – compreendeu-se esta dimensão identificatória ao que se reporta ao “discurso sexual, segunda etapa do desenvolvimento sexual” (Pollo, 2003, p. 50), equivalente “ao falocentrismo da teoria freudiana, significação fálica do complexo de castração” (ibid., p. 50-51). No que se refere à “devastação”, enquanto uma contingência da trajetória de *tornar-se uma mulher*, esta pode acontecer em uma “terceira etapa da sexualidade humana ao ir além da razão fálica no lado da mulher, [...] lógica do real” (ibid., p. 51). Conseqüentemente, a identificação de Tracy com a mãe, relaciona-se à segunda etapa que ocorre ainda na infância, mas que, na adolescência é revivida e posta em xeque justamente pelo que a lógica fálica não permite responder à sua questão sobre “o que é ser uma

mulher". E é frente a esse "resto" deixado pelo Édipo feminino e na tentativa de tratar sua pergunta, que a menina volta-se para a figura materna, *mulher como ela*, em busca de uma resposta que há apenas de ser construída "uma a uma".

Embora não exista significante algum capaz de dar conta da feminilidade e de ser transmitido da mãe para a filha, Lessana (2000) levanta a questão – que pode ser melhor investigada em pesquisas futuras – de que é crucialmente em torno de uma imagem que se joga com a devastação. No entender da autora e de um ponto de vista sobre o qual *a priori* neste trabalho se compartilha, uma imagem, certamente suportada por um corpo, vem habitar onde as tentativas de fixar uma identidade sexual não vem. Assim é que, mãe e filha, confrontam-se com a experiência direta desta ausência de identidade sexual singular de cada uma. Trata-se de uma experiência persecutória justamente por causa desta ausência. Uma imagem que cega, capaz de privar a filha da possibilidade de aceder à sua própria feminilidade (p. 396).

A partir dos termos colocados por Lacan, a fim de que um homem possa restituir o gozo da mulher da qual ele goza como "seu", para Lessana (2000), isto somente parece possível quando a devastação na relação entre uma mãe e sua filha tenha sido resolvida, pois a questão do encantamento que cega (o fascínio) entre elas é um gozo errante, perigoso enquanto a obscenidade materna contamina a cegueira momentânea pela imagem privadora. A entrada na devastação, sua travessia e sua resolução implicarão

que esta obscenidade seja destruída. Assim “o deserto que se abre é mesmo aquele que fará com que o gozo sexual de uma mulher possa ser restituído como ‘seu’, seu gozo não sendo mais aprisionado no encantamento que cega” (p. 402-403).

Do ponto de vista desta investigação, a “devastação” na relação mãe-filha pode acontecer quando a menina permanece fixada na figura materna à espera da transmissão de um significante que responda a um saber acerca de um gozo Outro, de um desejo. A resolução da “devastação”, por outro lado, implica a perda dessa ilusão imaginada, de uma (*im*)possível transmissão da feminilidade. É essa travessia que a menina tem de realizar para *tornar-se uma mulher*.

Entre as conclusões que foram possíveis alcançar nesta investigação, uma diz respeito à “devastação” apresentar-se como uma contingência que pode tornar-se real devido a alguns impasses vividos na relação com a mãe, colocando em malogro a trajetória da filha em *tornar-se uma mulher* ao privá-la da possibilidade de aceder à sua própria feminilidade. No entanto, quando a “devastação” se concretiza, a menina pode tanto ser capaz de resolvê-la, conforme destaca Lessana (2000) num ato de “fazer a pele” (p. 400) (na gíria: engrossar o couro para não sofrer), quanto nela permanecer.

Para Lessana (2000), se os tormentos que agitam as relações entre mães e filhas fossem apenas relações de rivais (de semelhantes especulares), seria preciso, então, confrontar-se com a imagem da outra mulher a fim de quebrá-la pela colocação em jogo de uma agressividade orientada. A

violência que aparece na devastação, porém, não é uma agressividade de rivalidade, de um duelo, não se inscrevendo numa regra de troca, de negociação, nem de contrato. Ela é problemática no ponto em que toca uma raiva não sabida, presente em uma demanda de amor que não se conclui em ato, não existindo uma resolução identificatória possível de uma prova do espelho na puberdade que diria “você é mulher”, que daria um *eu-mulher* (ibid., p. 398).

A semelhança feminina entre mãe e filha que procura sua forma e seu traço é ilusória; ela é imaginada em relação a um gozo sexual. Assim, a devastação implica indubitavelmente a colocação em jogo de uma certa obscenidade: um erótico que a mãe impõe à filha, que é recebido num lugar onde é impossível fazer distinção, onde as identidades não têm curso. É neste ponto da relação com sua mãe, que uma mulher pode provar uma ameaça de perseguição, ou pode ser tentada a “deixar-se fascinar”, ou privar, pela imagem de uma feminilidade realizada. Para sua resolução, é necessário, um ato que “faça pele” ao horror da obscenidade materna naquilo que se refere a elas (com referência à mãe de cada uma), cada uma de modo diferente, do que as atrapalha (ibid., p. 398-399).

É neste sentido que a “devastação” é aqui compreendida, como algo do laço materno primordial capaz de privar ou de destituir (“privar”, no caso da adolescente em sua trajetória de *tornar-se uma mulher*; “destituir” no caso da mulher adulta) a filha de sua própria feminilidade. Trata-se de um “abismo”, no qual o sujeito pode ou não cair, mas no qual fica sempre à beira.

São as conseqüências deste “fazer a pele”, de ir até o extremo de uma situação; confronto obsceno com a imagem de outra mulher (que, em alguns casos, pode não ser a própria mãe), que permitirão apreciar a resolução da devastação, e apenas se for abolido o caráter de espoliação da imagem. O término da devastação, que marca a saída da prova de violência persecutória, não é perda, nem dívida, nem separação. Trata-se de um ato que opera uma separação sem resto, sem compatibilidade, sem transmissão, sem negociação, sem troca, sem condição: *é uma deserção*. Do lado da mãe, inscreve-se uma cicatriz que valerá como vestígio da filha sobre o seu corpo. A marca deixada, ao revelar certa pele dada à imagem, revestirá de decência o gozo sexual materno, ponto de obscenidade que horrorizava (ibid., p. 400; grifos meus).

Conforme foi destacado no decorrer deste trabalho, além da “devastação” ser considerada uma contingência relacionada ao percurso de *tornar-se uma mulher*, também levantou-se a idéia de que ela pode apresentar diferentes expressões quanto às suas formas, graus, tipos de saída ou de resolução, embora esta hipótese não tenha sido suficientemente explorada.

Quanto às suas formas e graus, observou-se que independentemente da “devastação” manifestar-se como “êxtase, amor que asfixia ou ódio destrutivo”, seu denominador comum localiza-se, nos diferentes casos, sempre que para uma filha algo do laço materno primordial ressurgido faz malograr sua feminilidade. Pode-se também inverter os termos, e dizer que se torna iminente, cada vez que, em ocasiões marcantes de sua vida, como

um luto, uma ruptura amorosa, um fracasso profissional e etc., vê-se regressivamente às voltas com esta relação e seus impasses (Brassier, 2005, p. 2). É importante destacar, neste sentido, que apenas através do sintoma pode-se observar a “devastação” que se torna real, bem como suas diferentes formas de expressão e graus de comprometimento da autonomia do sujeito.

No tocante à resolução da “devastação” ao longo desta investigação, levantou-se a idéia de que a mesma implica, por parte da filha, a perda de uma ilusão acerca de uma (*im*)possível transmissão da feminilidade e das palavras capazes de traduzir um gozo outro, ou seja, da aceitação de que a figura materna também seja *não-toda*. Entretanto, apesar da saída da “devastação” passar por estas renúncias, a singularidade de cada caso – que, conforme foi discutido, não podem ser reduzidos a estereótipos tais como os de uma mãe-má e de uma filha submissa – impõe tipos de resolução distintos. Já que em relação ao filme “Aos treze” não se pôde observar um desfecho final no sentido de uma resolução – ou não – da “devastação”, por parte da personagem Tracy, além do que seriam meras especulações, esta questão pode permanecer como uma idéia a ser melhor aprofundada em futuros trabalhos¹.

De acordo com Lessana (2000), o ódio, mais que o amor, para com a mãe é tão perigoso que pode não ser sentido, podendo ser contornado ou tornar-se opaco. Neste caso, para tratar esta incontornável dificuldade, ao

¹ Neste sentido, o leitor pode encontrar um aprofundamento das diferentes formas, graus e saídas para a *devastação* nos casos estudados por Marie-Magdeleine Lessana.

esquivar-se do confronto direto com sua própria mãe, uma mulher encontra outra mulher que ela torna responsável pelo risco de privação de sua própria feminilidade, sentida por ela como ameaçada (p. 399). A trajetória da personagem Tracy sugere algo neste sentido, já que, como a mãe parecia não suportar a ambivalência presente na relação entre ela e a filha – necessária para que esta pudesse crescer e dela se separar – a adolescente entra numa situação triangular em que se interpõe entre elas a figura de Evie.

Lessana (2000) também considera que a relação mãe-filha parece ser tanto mais devastadora quando a menina, futura mulher, ocupa um lugar “único” para sua mãe, entre os outros filhos e entre os demais centros de interesse, com essa filha em particular cristalizando uma tentativa de tratar sua própria questão. Assim, será atribuído a essa menina um lugar que vai corresponder a um desejo privilegiado que a mãe não pôde sustentar por ela e para ela própria, com estas filhas “únicas” conhecendo experiências de devastação mais extremas que outras (ibid., p. 395).

Esse lugar “único” que a filha pode ocupar para a mãe, remete à questão da castração materna, ao desdobramento do sujeito sexuado do lado feminino, na tábua da sexuação, entre a mulher e a mãe, assim como, conforme apontado por Uribe (2002), ao “efeito bumerangue” (p. 241) que, pela via do especular coloca o conflito entre mãe e filha. Reportando ao filme “Aos treze” propõe-se a idéia de que a mãe infantilizada de Tracy, *mãe-irmã* da filha, talvez tentasse tratar por meio da adolescente as suas próprias

questões não resolvidas na medida em que a “devastação” também remete à relação de cada mulher com sua mãe, em retrospecto.

Retoma-se aqui duas questões aparentemente desconexas e que foram levantadas no decorrer do trabalho. A primeira delas é a de que, perante uma “*mãe-irmã*” como Melanie, como fica para a adolescente Tracy sua trajetória de constituir-se como **uma mulher**, única e diferente da figura materna? A segunda, ao considerar o discurso vigente no contexto sociohistórico da contemporaneidade, diz respeito a como situar a “devastação” mãe-filha neste cenário que é bastante distinto daquele encontrado na época de Freud e até mesmo, dir-se-ia aqui, já também diferente do momento em que vivera Lacan?

De acordo com Lessana (2000), a devastação ocorre quando uma menina cresce e quando desenham-se no seu corpo os sinais anunciadores da futura mulher. Nesse momento, sua mãe é tomada por movimentos perturbadores que assinalam uma renúncia nela. Esta não significa, no entanto, que a mãe deva “abrir mão” de seu próprio poder de sedução para cedê-lo à filha; neste caso, haveria apenas uma mulher: ou a mãe ou a filha. Na ocasião em que começa a perceber a transformação da filha em mulher e aparecer nela a luz do desejável, são aos prazeres maternos da primeira infância que ela deve renunciar a fim de dar lugar à mutação para o erótico do desejo sexual com os parceiros que virão, amantes, maridos. Esta cessão é o que deixa a mãe ferida (p. 14).

No caso da mãe de Tracy, Melanie, é possível pensar que ao aparecer na história como “*mãe-irmã*” da filha, tão jovem quanto, talvez esta renúncia de sua parte implicasse a de seu próprio poder de sedução, como em um duelo em que apenas **uma mulher** pudesse sobreviver. No que concorre, neste caso em particular, para a hipótese de que a “devastação” tenha se tornado real, esta renúncia imaginada parece traduzir também um voto materno de que a filha permanecesse no lugar de menina.

Neste sentido, o discurso da atualidade encontra a “devastação”. De acordo com Alonso (2005), a elogiada semelhança entre mães e filhas, com aquelas estando “proibidas de envelhecer”, não leva em conta que o apagamento das diferenças geracionais cria obstáculos ao processo de crescimento das adolescentes (p. 15).

Do ponto de vista desta investigação, o ato de “*fazer a pele*” ao gozo materno, no caso de Tracy, talvez tenha por meio de seu próprio corpo, através da automutilação, expressado uma “*deserção*” incapaz de ser registrada pelo simbólico, posto que parecia não haver outra possibilidade para mãe e filha saírem “*ilesas*”, “*inteiras*”, daquela disputa.

Assim, se no contexto freudiano, a “devastação” mãe e filha estava implicada em um discurso que, de forma geral, impunha à mulher apenas a maternidade e o trabalho doméstico como ideal de feminilidade, no contexto da atualidade, por sua vez, há uma pressão social muito intensa para que as mulheres sejam eternamente belas e tão jovens quanto as filhas, bem-sucedidas profissionalmente, excelentes donas de casa, além de outros

“predicados” exigidos. Deste modo, a “devastação” parece assentar-se – embora suas “coordenadas” permaneçam as mesmas, ou seja, sobre o “voltar-se” da menina à mãe em busca de alguma “substância” possível – em terrenos diferentes. Estas são questões que ficam “em aberto” e que também podem ser relançadas em futuras investigações.

Com relação ao filme “Aos treze”, retoma-se aqui uma pergunta que foi lançada no decorrer deste trabalho: ao relacionar o discurso capitalista contemporâneo que engendra de forma particular o jovem como peça fundamental e as vicissitudes implicadas na trajetória de *tornar-se uma mulher*, com que dados a história que é contada no filme pode contribuir no sentido para possibilitar uma melhor compreensão da relação mãe-filha e da possibilidade da “devastação” dentro do contexto da clínica psicanalítica nos dias de hoje?

Como foi destacado na “Introdução”, esta investigação partiu principalmente de atendimentos realizados com meninas na faixa etária dos 12-13 anos, eventualmente também de suas mães, em um núcleo socioeducativo na região central da cidade de São Paulo. As indagações dessas jovens remetiam a questões sobre “*o que é ser uma mulher?*”, “*o que é ser uma mulher desejada?*”, “*como posso ser uma mulher diferente de minha mãe?*”, “*em que desejo parecer com ela?*” ou “*é possível ser uma mulher diferente do que ela é?*”. Já as mães compareciam com suas falas que pareciam revelar algo do desejo materno, por vezes projetando de forma maciça, em suas filhas, o que não puderam viver; em outras, negando o

surgimento de qualquer luz do desejável em “suas meninas”, ou com um temor muito grande pela sexualidade das filhas, que poderia se concretizar com uma gravidez precoce e indesejada – em alguns casos, como as suas próprias tinham sido.

Assim, embora não tenham sido feitas referências diretas a estes atendimentos ao longo do trabalho, foram as questões dessas adolescentes que nortearam as principais perguntas desta investigação. Embora a história de “Aos treze” desenrole-se na Califórnia, E.U.A, tendo como protagonistas jovens de classe média, e os atendimentos no Brasil tenham sido realizados, na maior parte dos casos, com jovens das camadas sociais menos favorecidas, o filme condensa muitos elementos que podem ser encontrados na clínica da adolescência feminina na contemporaneidade, por exemplo, o fato de a personagem Tracy ter como ideal feminino, “encarnado” na amiga Evie, uma imagem destituída de qualquer aspecto subjetivo, para ela uma “celebridade”, além de encontrar na figura materna uma irmã e na paterna, uma ausência.

Apesar de o filme contemplar alguns aspectos que não puderam ser melhor analisados, o “recorte” feito na história, no sentido de privilegiar o olhar sobre a relação mãe-filha, e o levantamento da própria teoria acerca desta temática, condensados, conduziram a uma melhor compreensão e aprofundamento da questão da “devastação” e do percurso de *tornar-se uma mulher*. É preciso destacar, no entanto, que no decorrer de sua construção, a própria pesquisa proporcionou também o levantamento de algumas

perguntas ainda deixadas “em aberto”, e que podem direcionar futuros trabalhos.

Fica claro, com seus resultados, o quanto a clínica psicanalítica necessita permanecer sempre atenta ao sofrimento implicado em uma relação *devastadora* entre uma filha e sua mãe e o quanto isto pode dificultar ou mesmo impedir um processo de subjetivação. Especialmente, no caso do atendimento de meninas na adolescência, cada uma delas em plena trajetória para *tornar-se **uma** mulher, única*, semelhante e, ao mesmo tempo, diferente de suas mães.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Sônia. *Esse sujeito adolescente*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 1999.
- ALONSO, Sílvia Leonor et al. *Figuras clínicas do feminino no mal-estar contemporâneo*. São Paulo: Escuta, 2002.
- _____. Tornar-se mulher no mundo de hoje. *Revista Viver Mente&Cérebro*, São Paulo, ano XIII, n. 150, p. 15, jul. 2005.
- ALVAREZ, Marisa. La familia. Desfamiliarizar el inconsciente. *Boletín de psicoanálises*, Madrid, Serie psicoanalítica n 4, p. 133-137, dez. 1988.
- ANDRÉ, Serge. *O que quer uma mulher?* Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- AOS TREZE. Direção de Catherine Hardwicke. EUA: Fox Film do Brasil, Thirteen, 2003.
- ASSOUN, Paul-Laurent. *Freud e a mulher*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BERLINCK, Manoel Tosta. *Psicopatologia Fundamental*. São Paulo: Escuta, 2000.
- BENHAÏM, Michèle. *Amor e ódio: a ambivalência da mãe*. Trad. Inesita Barcellos Machado. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2007.
- BIRMAN, Joel (Org.). *Feminilidades*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2002.
- BIRMAN, Joel. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- _____. Tatuando o desamparo. In: CARDOSO, Marta Rezende (Org.). *Adolescentes*. São Paulo: Escuta, 2006.

- BRASSIER, Vanessa. Le ravage mère et fille. *Le goût de la psychanalyse*, n. 69, fevereiro 2005. Disponível em:
<http://perso.orange.fr/liliane.fainsilber_23htm> Acesso em: 3 jul. 2007.
- CAMPOS, Denise. Mãe e filha: da identificação à devastação. *Pulsional Revista de Psicanálise*, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 5-13, out. 1987.
- CARDOSO, Marta Rezende (Org.). *Adolescência – reflexões psicanalíticas*. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2001.
- CARDOSO, Marta Rezende. Apresentação. In: CARDOSO, Marta Rezende (Org.). *Adolescentes*. São Paulo: Escuta, 2006.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DELUZ, Ariane et al. *A crise de adolescência*. Trad. Procopio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.
- DUFOUR, Dany-Robert. *A arte de reduzir as cabeças: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal*. Trad. Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.
- FREUD, Sigmund (1950[1895]). Projeto para uma psicologia científica. Trad. José Luís Meurer. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. I.
- _____. (1900). *A interpretação dos sonhos*. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. V.
- _____. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. VII.
- _____. (1908). Sobre as teorias sexuais das crianças. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. IX.
- _____. (1910). Psicanálise Silvestre. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XI.

_____. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro, 1996. v. XIV.

_____. (1920). A psicogênese de uma caso de homossexualismo numa mulher. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XVIII.

_____. (1921). Psicologia de grupo e análise do ego. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro, 1996. v. XVIII.

_____. (1923[1922]). Dois verbetes de enciclopédia. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro, 1996. v. XVIII.

_____. (1923a). O ego e o id. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIX.

_____. (1923b). A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIX.

_____. (1924a). A dissolução do complexo de Édipo. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIX.

_____. (1924b). O problema econômico do masoquismo. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIX.

_____. (1925). Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIX.

_____. (1930[1929]). O mal-estar na civilização. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XXI.

_____. (1931). Sexualidade feminina. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XXI.

- _____. (1933[1932]). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. Feminilidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XXII.
- _____. (1940[1938]). Esboço de psicanálise. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XXIII.
- HILFERDING, Margarete et al. *As bases do amor materno*. Trad. Teresa Pinheiro. São Paulo: Escuta, 1991.
- KAUFMANN, Pierre (Ed.). *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Trad. Vera Ribeiro e Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- LACAN, Jacques (1969). Duas notas sobre a criança. Trad. Ana Lydia Santiago. *Opção Lacaniana*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 5-6, abr.1998.
- _____. (1972). O Aturdido. In: *Outros escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- _____. (1973[1972]). *O seminário. Livro 20. Mais, ainda*. Trad. M.D.Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.
- LASCH, Christopher. *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. Trad. Ernani Pavaneli. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- LESSANA, Marie-Magdeleine. *Entre mère et fille: un ravage*. Paris: Hachette Littératures, 2000.
- LISPECTOR, Clarice. *Laços de família: contos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- MACEDO, Mônica Medeiros Kother (Org.). *Adolescência e psicanálise: intersecções possíveis*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- MACEDO, Mônica Medeiros Kother. Latência e adolescência: um olhar da psicanálise. *Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, v. V, n. 1, p. 9-16, jun.2006.
- MARIN, Isabel da Silva Khan. *Violências*. São Paulo: Escuta, 2002.

MELMAN, Charles. Haveria uma questão particular do pai na adolescência? Trad. Francisco Settineri. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*. Porto Alegre, n. 11, p. 7-24, 1995.

_____. *Novas formas clínicas no início do terceiro milênio*. Porto Alegre: CMC Editora, 2003.

MILLER, Jacques-Alain. A criança entre a mulher e a mãe. Trad. Cristiana P. de Matos, Cristina Vidigal, Inês Seabra e Suzana Barroso. *Opção Lacaniana*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 7-12, abr.1998.

MIRANDA, Elisabeth da Rocha. Camille Claudel: a arte de ser mulher. II Congresso *Internacional de Psicopatologia Fundamental*, Belém, PA, set. 2006.

NERI, Regina. *A psicanálise e o feminino: um horizonte da modernidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

NOMINÉ, Bernard. Lo infantil y lo femenino. In: *El padre y la Mujer*. Publicación del Curso de Posgrado: "La Clínica Psicoanalítica" A cargo de Osvaldo Delgado y Mario Goldenberg Facultad de Psicología – UBA. Buenos Aires: Actuel, 1997. p. 77-99.

POLLO, Vera. *Mulheres históricas*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.

PRATES, Ana Laura. *Feminilidade e experiência psicanalítica*. São Paulo: Hacker Editores/Fapesp, 2001.

_____. O feminino e as drogas na psicanálise. *Colóquio Leituras Psicanalíticas e o uso de drogas na atualidade promovido pelo Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de USP e pelo PROMUD (Programa de Atenção à Mulher Dependente Química)*, São Paulo, 2003.

RASSIAL, Jean-Jacques. *O adolescente e o psicanalista*. Trad. Lêda Mariza Fischer Bernardino. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

ROUDINESCO, Elisabeth. *Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. Trad. Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, , 1994.

_____. *A família em desordem*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.

SAFOUAN, Moustapha. *A sexualidade feminina na doutrina freudiana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

SAPORITI, Elisabeth. O mal-estar na globalização e seus efeitos na clínica psicanalítica: reflexões de uma psicanalista lacaniana. Texto inédito cedido pela autora.

SAURET, Marie-Jean. Democracia e sintoma. Entrevista concedida a Manuel da Costa Pinto. *Revista Cult*, São Paulo, ano III, n. 28, p. 60-63, nov.1999.

SOLER, Colette. *O que Lacan dizia das mulheres*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

_____. Mudança na amarração da angústia. Trad. Maria Célia Delgado de Carvalho. *Revista Stylus*, Rio de Janeiro, n. 11, p. 13-25, out. 2005.

SONATA DE OUTONO. Direção de Ingmar Bergman. Suécia: Versátil Home Video, Höstsonaten, 1978.

URIBE, Margarita Mesa de. Devastação materna e gozo. *Heteridade – Revista da Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 237-248, out.2002.

TUBERT, Silvia. *A morte e o imaginário na adolescência*. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

VENTURI, Camilo et al. Vergonha e adolescência. In: CARDOSO, Marta Rezende (Org.). *Adolescentes*. São Paulo: Escuta, 2006.

WAHBA, Liliana Liviano. *Camille Claudel: criação e loucura*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2002.

ZALCBERG, Malvine. *A relação mãe e filha*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

ZAROWSKY, Patrícia. Uma aproximação da devastação mãe-filha. In: *As realidades sexuais e o inconsciente: Histórico da questão*. Trad. Elisabeth Saporiti. Salvador: Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, 2006. p. 267-276.